

Jolivaldo Freitas

Raízes

**VIDA, SAGA E AVENTURAS DE
UM HOMEM CHAMADO JCO**




Editora
Farol da Barra





Apresentação

Existem pessoas que nascem com brilho próprio. Essas são as naturalmente dotadas dos meios para serem vencedoras. Mas só vencem aqueles que sabem que o que foi proporcionado pela natureza, precisa ser burilado. Ter a sapiência maior que é saber que na vida o sucesso é feito com muito suor, manejo do tempo, lágrimas, emoção constante, descobertas e dedicação intensa. Não existe espaço para o medo e nem hesitação. O vencedor sabe que foi preciso sempre ter força de vontade. Sem aspiração de vencer, não existe campeão. Sem concentração e apego não existe vitorioso.

Esta obra que está sendo apresentada era para ter uma essência biográfica. Vida, luta resultado. Enfrentamentos e conquistas de uma excelente figura dramática. Mas esse personagem é de caráter tão raro que o que era biografia virou um meritório romance. Digamos, que se gerou espontaneamente uma biografia romanceada. E, assim, como todo romance, vem recheado de emoções, dramas, idas e vindas, coragem, lições, aventuras, desventuras e um resultado admirável.

O Editor

By **Jolivaldo Freitas**

Ladeira da Barra, 2779 — Barra — Salvador Bahia CEP 40.130.000

Telefone: (71) 99128-9520

Email: jolivaldo.freitas@yahoo.com.br

Editoração Eletrônica

Arnoldo Miranda
arnoldo@gatodeap.com.br

Revisão

Larissa Kharkevitch

Apoio Editorial

Kim Niederauer de Freitas
Valmir Palma Ferreira

Ilustração

Fabio Pitágoras

Fotos

José Dias Resende, Francisco Henrique, Alex Pereira
Creative Commons, Pixabay, Pexels, IBGE
Acervo pessoal José Cláudio Oliveira
Arquivo de pernosagens

Obs.: Algumas fotos a editora não conseguiu localizar seus autores.
Quem identificar pode entrar em contato que daremos o crédito.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Freitas, Jolivaldo

Raízes : vida, saga e aventuras de um homem
chamado JCO / Jolivaldo Freitas. -- 1. ed. --Salvador,
BA : Ed. do Autor, 2022.

ISBN 978-65-00-59850-6

1. Engenheiros agrônomos - Brasil - Biografia
2. Experiências - Relatos 3. Histórias de vidas 4.
Oliveira, José Cláudio 5. Relatos pessoais I. Título.

23-141012

CDD-630.09263

Índices para catálogo sistemático:

1. Engenheiros agrônomos : Biografia 630.09263 Aline

Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer
meio, seja ele, total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

Para Rosa

Este livro é dedicado à Rosa Oliveira (*in memoriam*).

À dedicação que soube harmonizar, compartilhar e conjugar com nosso personagem homenageado nesta obra. Um amor que por si só daria outro compêndio.

Aqui está sintetizado sua importância na vida de Zé Cláudio e para toda sua família. Ela, companheira de toda uma existência, cuja presença tornou cada momento especial.

Foram anos de momentos incríveis juntos e superando desafios que fortaleceram ainda mais a relação do casal.

Cada página é também lembrança de uma cumplicidade.

Uma história de construção e de intensa emoção.

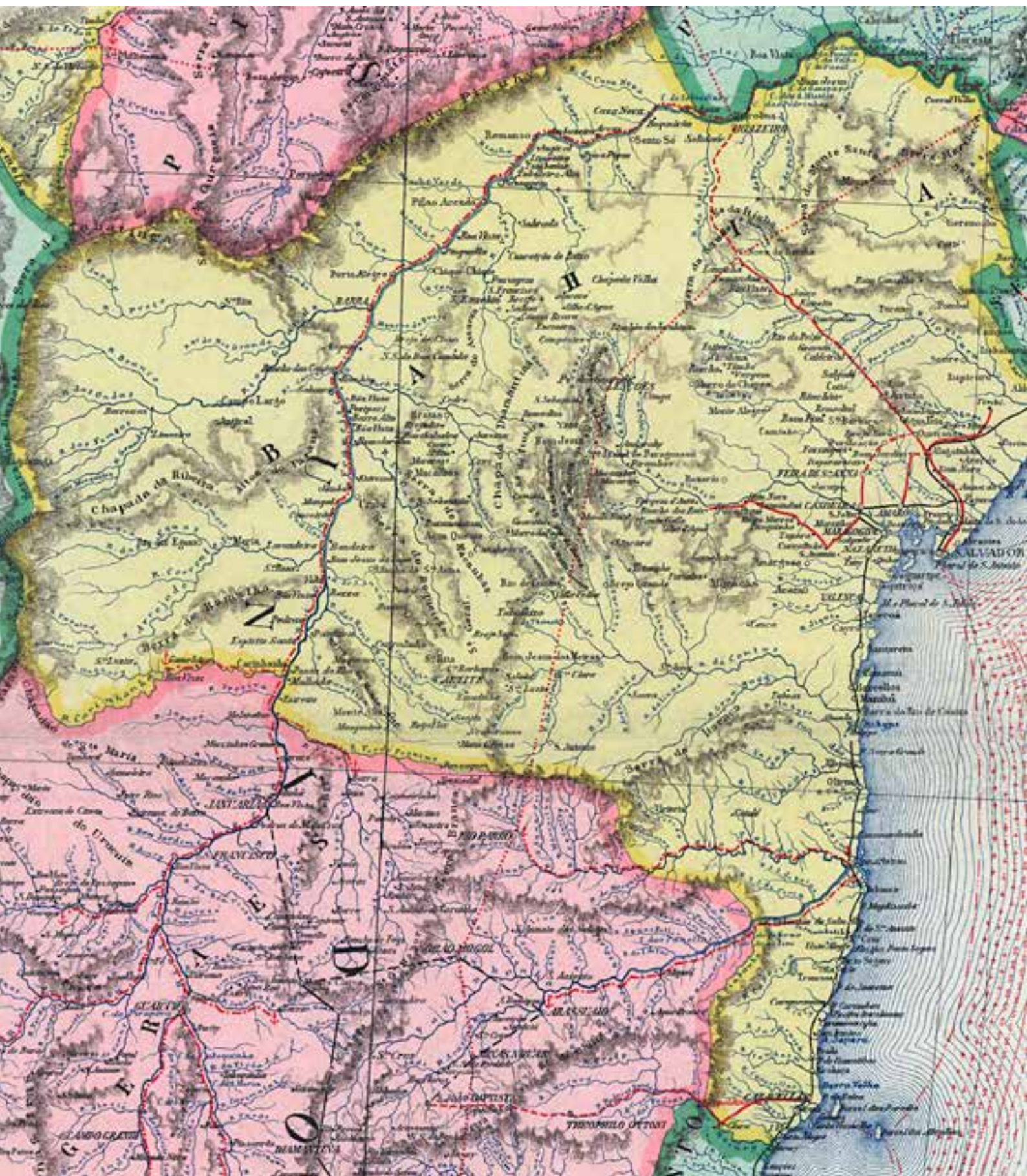


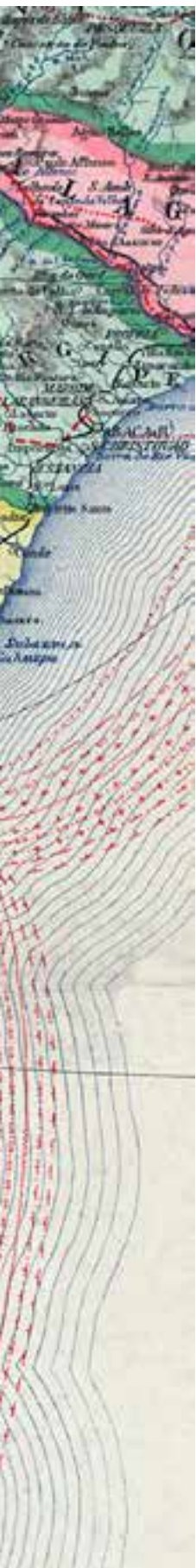
Sumário

Apresentação	5
A Gênese.....	11
A terra	31
O coração.....	33
O destino	41
A coragem	43
A Revolução.....	67
O milagre.....	75
A desigualdade.....	79
A Gravataí	83
O mundo	87
A Marinha.....	93
O Carioca	99
A Brigada	107
O destino	113
O coração.....	121
A mudança	129



Primeira Empresa.....	134
O investimento	135
A luz.....	149
Formosa.....	151
O Trichoderma	156
O bioterrorista.....	163
A virada.....	169
A expertise.....	173
A diferença.....	177
A JCO.....	183
A descoberta	193
ANEXO I.....	199
Galeria de Arte.....	218
ANEXO II.....	229
ANEXO III.....	243





A GÊNESE

O começo. O Oeste. Resiliente região. Bem antiga. Velho Oeste. Oeste da Bahia. Ponto geográfico central. Já até chamado de alto sertão. De rica e inestimável história de tropeiros, heróis, de coronéis, de celerados, de sofrimento, de labuta sem fim. Terras sem fim. De gente mais que resistente. Povo obstinado – assim como nosso notável audaz, que veio de longe e se firmou com o mesmo caráter arrojado, pelo que se verá nessa extensa história de superação e sucesso.

Oeste: palco de tantas (e dessa) crônicas e registros históricos. Uma história formada aos poucos e com pedaços de tempo. História tecida como uma colcha de tacos. Gente de todas as paragens. Pedaços de retalhos juntados e que servem como um cenário, justíssimo, formando um mosaico com as ações coletadas por toda uma vida. E, assim, construindo o valioso e iluminado perfil do personagem que vos apresento a seguir.



...●...

Pois, foi naquele breve instante, como que ficando retido na íris, que o panorama vislumbrado era de mergulho profundo na imensidão de um azul extenso, quase metálico, com faíscas de aço. Apenas – seguindo como que perdido, lentamente, quase parado –, um tufo de algodão estava cravado no céu lavado de anil, marcando a linha do horizonte. Um pedacinho de nada de nuvem solitário no imenso espectro solar. Sol a pino, de rachar, bichos quietos como fazem ao meio-dia. Raros pios. Pouco movimento. Nenhum voo. As folhas das árvores e das plantas rasteiras quedadas como se descansando. Lagartos nas frestas. A trilha de pedra faiscando em ondas causadas pelo refletir. Mormaço.

Tomado de grude do suor, Zé Cláudio vai seguindo caminho com o olhar bem à frente, a fronte alta, pessoa de certa altura fora da média, formação corporal alta, gestos largos, e nem percebeu o casal de quero-quero que ao chão buscava o abrigo de uma nesga de sombra de um poste. Na passagem, as aves se agitam



e o parceiro de trilha que o seguia toma um susto. Diz: “Se fosse cobra tinha me mordido”. Apressam o passo. Zé Cláudio tinha muito o que fazer. O tempo acossava. Tinha pressa. Tocava sua obra. Ia calado, o que não é do seu jeito. O tempo. Sempre ele. Sabe que o Oeste cresce também com sua parcela de ajuda. Como aquela velha fábula do colibri que com seu pequeno bico vai pegando gotas de água no rio e jogando sobre as fortes labaredas do incêndio, quando outro beija-flor observa e diz que de nada vai adiantar seu esforço, e a avezinha responde: “Estou fazendo minha parte”. Zé Cláudio sempre tem pressa e desafia o tempo. São muitos os projetos que habitam seu pensamento. São muitas realizações que precisa de cuidar para que continuem dando certo. Quem o conhece sabe que, quando pensa e realiza, as coisas acontecem. Não deixa por menos.

É infalível. Parece ser destino de todo Oeste ser desbravado e domado. Dá ares de ser da sua alma ser terra indômita; chão indócil. O Oeste sempre fazendo parte do imaginário coletivo. Primeiro, dos livros de geografia; depois, o brávio dos folhetins de aventura e a seguir das películas, filmes dos cinematógrafos. Parece ser algo geral e insofismável. Seja o Oeste africano com suas imensas áreas secas e savanas. O Oeste da Ásia com suas montanhas, desertos e planícies. O Oeste norte-americano – tão conhecido –, palco de aventureiros e pioneiros; colonos. O da América do Sul, com sua inóspita Cordilheira dos Andes. Mas esse Oeste baiano, real e até certo ponto inimaginável, é aquele que vai seguindo as barrancas do rio São Francisco e subindo em direção ao coração do Brasil. Um Oeste que já foi tão inóspito quanto aquele romanceado de um velho Oeste lá de longe, das fitas em cinemascope. Outras terras de homens, cavalos, armas e sangue.

Para quem não sabe, ou sabe e não acredita, o Oeste da Bahia sempre foi recanto de gente forte, de verdadeiros audazes e heroicos, a enfrentar o inóspito, insistindo até o advento da vitória. Até o domínio da terra, da geografia, do ambiente, do tempo. A história sendo segurada com mãos fortes e muita determinação. O Oeste é, e sempre será, um chão de desbravadores. De corajosos. De valentes. De vencedores.



Pois esse Oeste baiano em que nosso personagem Zé Cláudio chegou, enfrentou, se situou e segue a vida, sempre foi habitat natural indígena. Principalmente das etnias acroás, mocoazes, xacriabás, caiapós, cariris, aricobés e mais outras. Seus primeiros avançados forasteiros chegaram entre os séculos XVII e XVIII, nas primeiras penetrações, entrando em conflito com as tribos que estavam nas imediações dos rios Grande e São Francisco. Acercaram em busca do ouro que, dizia-se, estava na alta Chapada Diamantina e nessa região, nem tão mais distante. Era um terreno difícil de se desenvolver qualquer coisa, porque sua constituição geológica sempre foi desfavorável ao plantio. A região sendo citada de forma genérica como “sertões”. Mas, na realidade, para se esclarecer, nos documentos da gênese do Brasil, tudo que não estava na borda do Atlântico, ou seja, no litoral, tinha este tratamento de sertão. Todo interior era sertão. O conglomerado de chão terra adentro assim era classificado pelos portugueses.

Na área havia poucas vilas até o fim do século XVIII. As que existiam foram criadas ao ermo no círculo das capitanias da Bahia, Minas Gerais, Goiás e Pernambuco. Era muita terra com imensa dificuldade de acesso, mesmo para aqueles que as usavam como rota para a comercialização de gado. Para caminho até a destinação do ouro. Surge então, em 1752, a primeira vila ordenada



e sediando a região. São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande é a primeira atitude governamental, demonstrando assim, a atenção para com a região por parte da Coroa Portuguesa. Seu fundador foi Dom João de Lencastre, governador-geral do Brasil. Ele foi um dos gestores de uma nova realidade para a zona Oeste.





Lencastre



Lencastre foi um militar e fidalgo português, cheio de manhas e manias, com uma pisada autocrata, mas entendia bem de áreas tropicais, temperadas ou desérticas e, portanto, tinha uma visão geral, mesmo que algumas vezes agisse de forma empírica. Ele nasceu em Lisboa em 1646 e morreu em 1707, depois de ter se distinguido na guerra de Castela (1668), em Savóia e tendo sido também general em Angola, isso em 1688.

Veio para o Brasil em fevereiro de 1694 para ser governador-geral e enfrentou um período de “vacas magras” por causa da crise econômica aqui e em Portugal. Foi daí a ideia de aprofundar sua administração para as regiões mais longínquas, como a região Oeste, em busca de novas “riquezas”, quebrando a cara, desacertando, na maioria das vezes. Depois de Barra (atual nome de São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande) foram surgindo, gradualmente, ao longo dos anos, cidades como Rodelas, Pilão Arcado, Campo Largo, Sento Sé, Carinhanha e outras.

No século seguinte estavam todas as vilas, administrativamente, pertencendo a Pernambuco através de Decreto Régio de 11 de janeiro de 1715, e à Bahia, judicialmente. Mas um decreto, de 7 de julho de 1824, criou uma nova comarca e a tirou de Pernambuco, sendo a região anexada à província de Minas Gerais. Nova resolução, levada por insatisfação política do governo para com os pernambucanos (em 1824 o movimento separatista Confederação do Equador, dos pernambucanos, criou a cizânia) e depois com a revolta dos mineiros, faz com que, no dia 15 de outubro de 1827, a região passe a ser incorporada de vez pela Bahia.





Para conhecimento do leitor, a Confederação do Equador ocorreu por insatisfação com o imperador Dom Pedro I que tomava ares de puro autoritarismo. Foi uma revolução que se iniciou em Pernambuco e logo se alastrou para as outras províncias nordestinas. Os revoltosos estavam insatisfeitos com o fato de Dom Pedro I ter fechado a Assembleia Constituinte de 1823 e enfiado goela abaixo dos brasileiros uma Constituição que lhe dava poderes absolutistas. O que os revoltosos pretendiam era implantar um regime republicano no Brasil. No fim de tudo, as forças de Dom Pedro extinguiram o movimento e seus líderes foram mortos. Pode-se perguntar o porquê do nome da confederação. Resposta simples: apenas pela proximidade da região com a Linha do Equador.





Voltando ao nosso Oeste, a cidade de Barra passava a ser o centro administrativo regional. Adquiria certa importância política. As fazendas de gado cresciam e ganhavam algum poder econômico. Era a principal passagem dos boiadeiros que, durante os primeiros anos de colonização da Bahia, usavam a região como trilha. Uma prática oriunda desde o advento da criação da Casa da Torre, pertencente a Garcia d'Ávila, filho não reconhecido do primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Souza, chegado ao Brasil para fundar a cidade-fortaleza de São Salvador da Baía de Todos os Santos, em 1549. A região foi adquirindo importância econômica com o gado, o curtume e a lavoura fumageira servindo de sustentação das vilas e cidades. A Casa da Torre sendo dona de toda a região. Os d'Ávila eram proprietários das terras que seguiam da Bahia até o Maranhão e o Piauí.



E são, justamente, os descendentes dessa família que, em 1670 – como ponto de apoio aos seus negócios –, instala um curral na junção do Rio Grande com o São Francisco.

Mas é preciso reconhecer que foi Lencastre quem em primazia e ousadia

mandou avançar sertão adentro para ver se encontrava outras jazidas de ouro, como ocorreu em Jacobina. Ele formou uma expedição já no fim do século XVII

Castelo da Torre



para que subisse os rios Preto, Grande e São Francisco. Já seu sucessor, que assumiu em 1702, Dom Rodrigo da Costa, não se interessou muito pelo Oeste, mantendo apenas o que seu antecessor havia efetivado. Ainda sobre o nobre João Lencastre ou João de Alencastro, tanto faz, fique sabendo, a título de curiosidade, que foi ele aquele que se encarregou de acabar com o Quilombo de Palmares. Feito de triste memória da nossa história. Quilombo que havia resistido lá na Serra da Barriga, em Pernambuco, por mais de cem anos.



Dom Rodrigo

A Vila da Barra destacava-se sendo o ponto central do crescimento regional. Foi criada por carta régia de D. José I assinada no primeiro dia do mês de dezembro de 1752. Sua instalação viria a ocorrer somente em meados de 1753. Até 1810, Barra pertencia à comarca de Jacobina. Citamos especificamente Barra, por seu papel preponderante no Oeste, ela que em 1820 teve seu território desmembrado para formar o município de Campo Largo (Cotegipe). Em 1835 perde novo pedaço para ver surgir Carinhanha. Em 1840 nova porção é desmembrada e criam-se as terras

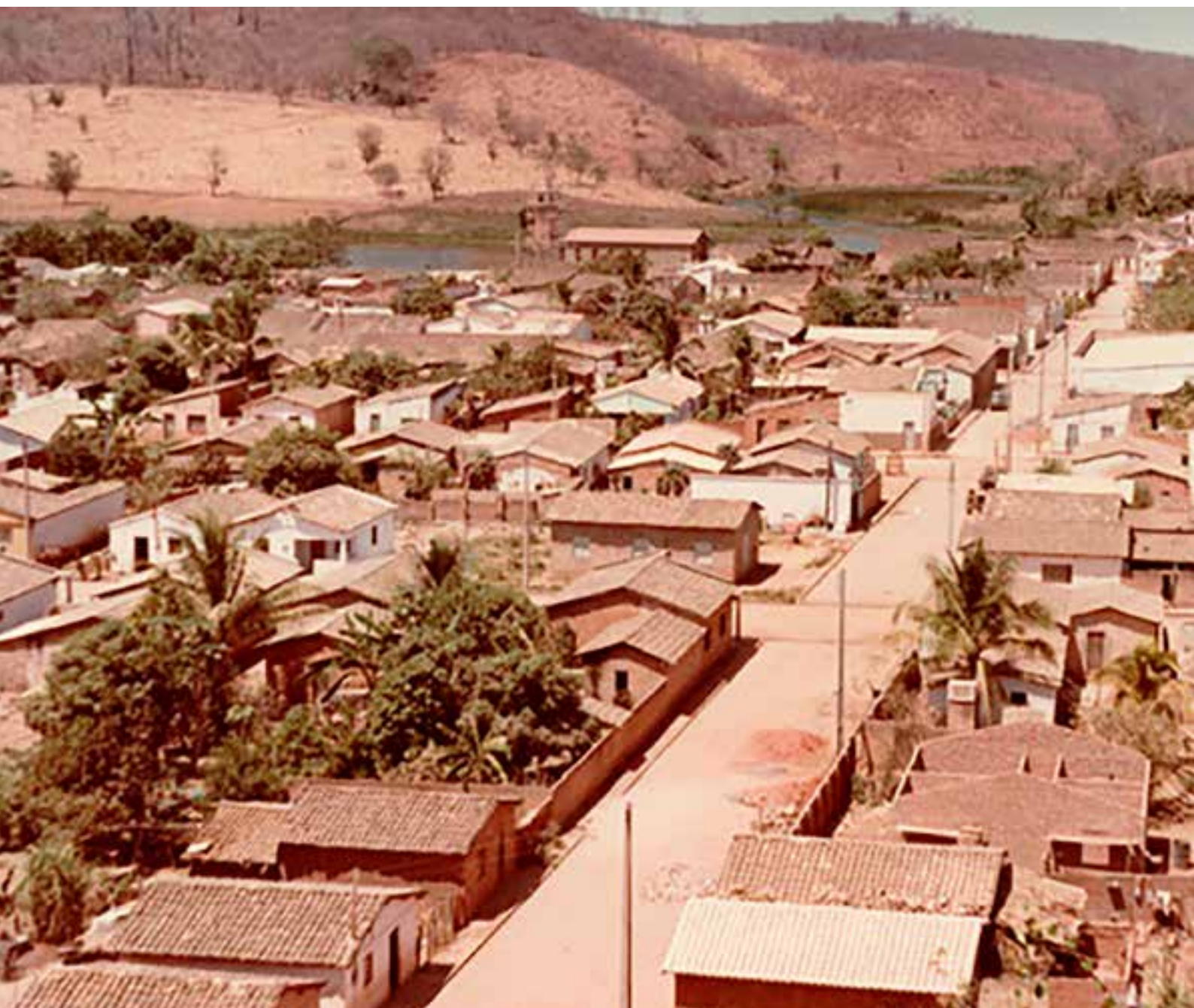
de Santa Rita de Cássia. Em 1890 surge o município de Santana dos Brejos (Santana). 1891: o ermo do Brejo do Angical separa-se de Cotegipe. Surge Barreiras (ainda não tinha esse nome) como pertencente a Angical, e assim fica por pouco tempo. No mesmo ano, Barreiras é desmembrada de Angical. Tempos depois, seus distritos de Tapiracanga (Baianópolis) e Catão (Catolândia e São Desidério) saem da sua seara. Ganham vida própria.

A partir daí, no passo célere da história, vemos o surgimento ou a efetivação de regiões como Correntina, Santa Maria da Vitória, Barão de Cotegipe (Cotegipe).

Cotegipe



E se alguém quiser se aprofundar na pesquisa histórica, vai descobrir que foram dezenas de alterações nas formações dos municípios, com extinções, anexações e desmembramentos, coisa que não nos cabe fazer nesta obra que trata especificamente de um protagonista especial. Um desbravador. Uma espécie de herói ao seu modo, ciência e saber criar e fazer. E é sobre este personagem que falaremos mais à frente.



São Desidério



•••••

Ainda sobre o Oeste, o que se percebe avaliando seu perfil é que todo ele sofreu muita contrafação ao longo da sua história, sendo que durante o século XX muito mais ocorreu. Dando um salto no tempo, vale destacar que, entre 1961 e 1962, o antigo distrito de Itajuí, que pertencia a Santa Rita de Cássia, tornou-se independente e recebeu o nome de Formosa do Rio Preto. E também ocorreu a emancipação de nove municípios: Baianópolis, Catolândia e São Desidério, que foram desmembrados de Barreiras; e Riachão das Neves separado de Cotegipe. Cerca de 23 anos depois, surgem mais três outros municípios, que vieram a ser Wanderley, Jaborandi e Mansidão.

No ano de 1989, são emancipados os municípios de Coribe, Serra do Ramalho, Muquém do São Francisco, Feira da Mata e Sítio do Mato, tirados de Bom Jesus da Lapa. No ano 2000, o povoado de Mimoso do Oeste, que havia surgido do nada, da presença de um pequeno comércio à beira da estrada a partir de 1982, cresceu e virou distrito de Barreiras. A seguir, se separa de Barreiras e ganha o nome de Luís Eduardo Magalhães, em homenagem ao deputado federal, filho do governador Antônio Carlos Magalhães, morto anos antes. Bom saber que, no perfil do Oeste da Bahia, no primórdio das áreas habitadas da região, a economia das vilas seguia o ciclo de uma sempre incipiente criação de gado, lavoura (notadamente de subsistência) e beneficiamento de fumo, de carnes e peixes. Seu espectro social tinha na sua composição vaqueiros, pescadores e lavradores, além de artesãos e pequenos produtores de cachaça e subprodutos da cana-de-açúcar, como rapadura. Antigamente, toda a região do Oeste tinha denominação única de Comarca do Rio de São Francisco. Hoje a região faz parte de um grupo de estados que ganhou até um acrônimo: Matopiba. Sendo o termo a junção das sílabas iniciais de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia; tidas e vistas como áreas de imenso potencial econômico no seu aspecto agrícola.







A terra

Sempre foi difícil dominar a terra nessa região, embora de relevo plano e suave, com algumas ondulações. A agricultura sendo travada pela dificuldade do manejo e das intempéries. De terreno profícuo em areia e barro. Argila e pedra. De consistência severa agravada pela sílica. Gerais, carrasqueiros e caatinga. O clima quase sempre hostil, com invernos secos e verão com chuva em profusão, tendo suas partes tidas e havidas como irmãs das savanas africanas. Mesmo com tudo isso e uma típica vegetação de cerrado, sempre atraiu aventureiros ou gente que tinha a certeza de galgar sucesso apesar da hostilidade da geografia desse Oeste que já pertenceu ao Leste Setentrional, antes da Bahia ter sido agregada à região Nordeste. “Sim! Que história é essa de Leste Setentrional?”, o leitor pergunta.

É que no Brasil registraram-se quatro divisões do território ao longo da sua história, com intenção variada. Em alguns casos, o critério era a semelhança de clima, vegetação, relevo e atividades humanas. A primeira tem registro em 1913 e a última, em 1969, já sendo coisa do Instituto Brasileiro





Primórdios da Região Oeste

de Geografia e Estatística – IBGE. Tanto que, em 1942, o IBGE fez uma divisão demarcando sete regiões. O então Norte-Oriental foi dividido em Nordeste Ocidental, com Maranhão e Piauí, e o Nordeste Oriental formado por Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Já o considerado Brasil Oriental passou a ser Leste Setentrional formado pela Bahia e Sergipe. O Leste Meridional tinha Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. O Brasil Central passou a ser Centro-Oeste com Goiás, Mato Grosso e território de Ponta-Porã. Brasil Setentrional do Norte possuía o Amazonas, Pará e território do Acre. Já o Brasil Meridional do Sul contemplava o Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e território do Iguaçu. Mais uma nova divisão em 1969 e a Bahia passou a integrar o grupo de estados nordestinos por um conceito político e de centralização econômica, principalmente.



O coração

Claro que, historicamente, Barreiras é o coração central, a sede histórica e política da região Oeste; mas a grande surpresa, isso a partir do último quarto do século XX, foi o galopante crescimento do município de Luiz Eduardo Magalhães. Ocorrido de maneira insofismável. É hoje considerada a região que mais cresce na Bahia. Cidade que ajuda a transformar o perfil regional num campo fértil. Zona de produção onde nosso célebre personagem, que virá a seguir, traçou a linha do seu destino, com muita raça, desacertos e acertos.

Barreiras





Estrada anos 70



Até quase meados do século XX, todo o Oeste era considerado como um ponto perdido no mapa por ter uma economia incipiente e ausência de infraestrutura. Era visto por quem morava na capital da Bahia, por exemplo, como um lugar longínquo, de difícil acesso, por falta de estradas e carência variada nas cidades que a compunham. Havia, sim, uma certa produção de algodão, cereais e atividades consequentes da produção bovina. O Rio Grande e o São Francisco ainda eram os principais meios de acesso, o que deixava Barreiras, por exemplo, numa situação de quase isolamento. Tanto que, por este aspecto, a região era considerada como das mais violentas do Estado. Uma verdadeira “terra-sem-lei”. Um dos folclores que grassavam, por exemplo, nas redações dos jornais da capital, dava conta de que havia um cidadão de origem norte-americana que era dono e dominava vasta área da região, sendo uma pessoa de caráter violento e que nem as autoridades policiais de

Salvador se arvoravam a buscar contato. Servia como base para tais assertivas o fato de a área ser também aquela onde tudo se resolvia na base do tiro, das mortes de mando, da invasão das terras devolutas ou da tomada com violência das posses. Era também seara de coronéis que se autoproclamavam donos de imensas faixas de terras que iam até aonde a “vista desse”.

O destino de chão tão conflitado, para onde fugiam celerados de tudo que é lugar, passou a ser modificado para melhor quando o Governo Federal decidiu voltar seus olhos para ela. O país estava saindo do que se costumou chamar de “Milagre Brasileiro”, em que a economia havia crescido a olhos vistos e fora necessário expandir as vias de escoamento da produção e facilitar o acesso da Bahia ao Planalto Central. O Oeste, no entanto, não tinha estradas adequadas. Foi quando houve a decisão política e estratégica de levar elementos e estrutura do 4º Batalhão de Engenharia e Construção do



Exército para Barreiras. Com a força dos militares e sua experiência em abrir estradas no Nordeste, começou a hercúlea missão de desbravar a geografia, enfrentar as intempéries e abrir caminho em direção à capital baiana e à Capital Federal. Fazer a ligação entre as pontas. A chegada do batalhão em 1972 serviu para um novo paradigma. Iniciava a construção de uma nova realidade que a região Oeste esperou por séculos. Foi necessário nesse empreendimento – com mais de 600 quilômetros – construir também pontes e pontilhões. Açudes e barragens. Muito sendo feito pelo caminho. Coisa que o Oeste jamais tinha pensado em ver acontecer.

A partir de então, as terras da região passaram a ter um pouco mais de valor, mas, mesmo assim, os empreendimentos não chegavam em profusão, nem mesmo quando a Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária –, criada em 1972, esteve fazendo o levantamento e classificando o solo, mostrando suas reais possibilidades de exploração agrícola. Uma análise positiva da terra.

Muita água rolou por baixo da ponte, como diz o adágio popular, até que o Oeste fosse considerado um “oásis”. Isso somente veio a ocorrer quando, em fins dos anos 1970, a região despertou a curiosidade daqueles que viriam a ser os novos desbravadores. Eles chegavam aos poucos com grande expectativa, do Sul do país. Já nos anos 1980 havia um bom grupo de “sulistas” se aventurando na região, trazendo uma nova filosofia de processo agrícola, tratando o assunto com empirismo, ciência e pesquisa e aplicando modernas técnicas de produção.

Isso deu um upgrade na economia regional como nunca antes havia ocorrido. Nem quando descobriram ouro em Jacobina séculos atrás. A chegada desses “colonizadores” e também dos “aventureiros” mudou o cenário da região Oeste. Os pioneiros da hoje chamada agricultura moderna da região, notadamente os vindos do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná até ganharam o epíteto de “Baiúchos”; foi a forma generalizada de identificação cravada pelos meios de comunicação que, à época, diante dos resultados obtidos, se maravilhavam com a nova face econômica local. Chamava a atenção, principalmente, a aplicação de uma agricultura mecanizada, calcada na tecnologia e nos avançados métodos de pesquisa, além da organização, da comercialização e distribuição. Tanto que, na cancha da agricultura, nos anos 1990, surgiram as primeiras indústrias. Beneficiavam-se dos resultados impostos pela faina da lavoura, que passava também a servir de exemplo para outras áreas do estado. Os Baiúchos fazendo escola e sendo reverenciados com suas práticas produtivas. Os arrojados desbravadores dominaram o solo ácido. Aplicava-se o conceito de uma agricultura chamada de precisão. A terra que quase nenhum valor possuía até o terceiro quarto do século, passando a se valorizar.

Daí é que veio a se destacar do nada o que era o antigo agrupamento de nome Mimoso do Oeste, como consequência da chegada dos “gaúchos”. Eles, primeiramente, souberam das terras baratas e que os agrônomos, via pesquisa extensiva, consideravam como boas, bastando o seu preparo adequado e muita força de vontade. Foram olhar de perto, analisar as oportunidades e, a seguir, não tiveram dúvidas: adquiriram grandes extensões de terra e começaram uma verdadeira revolução agrícola, também com uma perene produção de gado. Era uma terra que ninguém acreditava que pudesse produzir alguma coisa ou fosse um dia se desenvolver. Vale então lembrar que o pequeno povoado de Mimoso do Oeste, antigo distrito de Barreiras, só em 1998 ganhou nova denominação, virando Luiz Eduardo. Um novo Eldorado.



Posto Mimoso do Oeste



Falando em Luiz Eduardo, não pense que foi uma iniciativa fácil a criação do novo município. A ideia foi alvo de muita celeuma entre deputados federais, estaduais e até historiadores. Foi muito criticada. Inclusive, sendo chamada a atenção para o fato de que estava atropelando a lei, de forma inconstitucional. Acusavam a classe política de estar passando por cima de tudo, somente para agradar ao então senador, ex-ministro das Comunicações e ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que queria homenagear a memória do seu filho e perpetuar a imagem dele. Os detratores referiam-se ao projeto como tendencioso porque a criação “vinha de cima”. O Supremo Tribunal Federal – STF entrou na questão e o considerou realmente inconstitucional. Mas ACM, como era chamado o senador, usou de seu “domínio” e poder perante boa parte do Congresso Nacional e viabilizou uma Emenda Constitucional que assegurou a criação do município de Luiz Eduardo.



Porto de Barreiras



O destino

O que se passava neste período de ebulição no longínquo território baiano sequer passava pelo imaginário de José Cláudio de Oliveira, figura central dessa história escrita e revelada. Ele, ainda distante da região Nordeste, residindo no Sul do país. Sequer sabia que seus destinos iriam, em certo ponto, ser entrelaçados. Tudo ao acaso. Uma tecitura que só o destino sabe como fazer. O Oeste iria entrar de forma incontestável na sua vida. Chegaria um dia de coração aberto, gestos largos e pensamento irrequieto. Barreiras passando a ser seu sítio, pé na terra, chão e seu novo horizonte.

Claro que não se pode falar dessa região sem voltar, sempre, a destacar a importância histórica e política do município de Barreiras, classificado de “Coração do Oeste” ou “Capital do Oeste Baiano”. Barreiras viu sua fundação em abril de 1891, tendo como padroeiro São João Batista, que inclusive batizava o porto do Rio Grande, um dos principais afluentes do Rio São Francisco. Por sua área, atualmente, são tracejadas as importantes estradas: BR 020, BR 135 e a BR 242. Forma um grande entroncamento.

Daí que era, lá no muito antigamente, conhecida como povoado de Porto das Barreiras, depois sendo São João das Barreiras e, simplificado, tempo posterior, para Barreiras. A sede municipal adquiriu foro de cidade pela Lei estadual nº 449, de 19 de maio de 1902. Como seus satélites, estão os municípios de Riachão das Neves, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério, Formosas do Rio Preto, Cristópolis e Angical pelo lado da Bahia; e Novo Jardim e Ponte Alta do Bom Jesus, pelo estado do Tocantins. Todas as áreas juntas representam uma inigualável fronteira agrícola e de imensa potência comercial. Terras que quase nada valiam; que ninguém queria botar preço. Terras, hoje, supervalorizadas. Isso, todo o seu potencial já chamava a atenção de economistas, empreendedores e também dos agricultores da região sulista onde Zé Cláudio atuava como engenheiro agrônomo.

Riachão da Neves





A coragem

O ano de 1987 começava “fervendo”, em termos políticos e econômicos, no Brasil. O país estava na vigência do chamado “Plano Cruzado”, mas ninguém tinha esperança de ver a inflação estratosférica, de quase 219 por cento, voltar a um patamar razoável. O plano fora lançado no ano anterior pelo então presidente José Sarney e o que só havia conseguido até aquele momento foi provocar a falta de itens básicos nas gôndolas dos supermercados. Esse foi o ano em que também se instalou no Brasil a Assembleia Nacional Constituinte e em que Sarney foi para a televisão dizer que estava sendo aplicada uma moratória unilateral da imensa dívida externa, o que colocava o Brasil no olho do furacão em relação ao comércio e imagem exterior.

Foi neste caldeirão infernal da economia brasileira que o engenheiro José Cláudio Oliveira, com poucos anos de formado, tomou uma decisão de muita coragem depois de uns tempos matutando a ideia. Deixaria de lado a segurança de estar em seu espaço natural, seu estado natal, para campear de malas e bagagens na Bahia. Seguia o rastro de outros gaúchos em direção ao Oeste da Bahia. Era preciso achar novos caminhos para melhorar a situação financeira em que se encontrava no Rio Grande do Sul.



Nesse período, todo o Brasil já sabia da mudança radical que o Oeste baiano vinha sofrendo de forma altamente positiva e benfazeja. Com os corajosos pioneiros corrigindo o solo do cerrado, a região já produzia ostensivamente grãos e algodão. Eram milhões de toneladas sendo colhidas a cada safra. Estava sendo “domada” a vastidão do cerrado. Chegava-se a produzir mais de 60 sacas por hectare, maior que a média nacional; as máquinas trabalhavam mais da metade do dia.



Tinham sido necessários, como evidenciado, muitos anos de correção da terra. Zé Cláudio fora alertado para isso e suas possibilidades. Observe-se que, à época, não havia a tecnologia que tem hoje. Algumas tecnologias vieram a surgir até por necessidade de agilizar a profícua produção local. Não existia nada controlado no campo por piloto automático, avião voltado para a agricultura, GPS, fazer



leitura de colheita, plantadeira mecânica, verificar com técnica acurada a umidade do grão, controle do tempo. Ele, de repente, estava pegando estrada. Vinha, mesmo dando reviravoltas e por caminhos tortuosos, para tentar compor o grupo de uma nova leva de pioneiros Baiúchos. Uma segunda geração de profissionais.





Não foi fácil para Zé Cláudio tomar a decisão de sair do Rio Grande do Sul, onde estava toda sua família, para se aventurar em um local que praticamente desconhecia, a não ser por leituras superficiais e por informações avulsas. Mas passou a focar-se nas análises das possibilidades de se integrar ao seu processo de desenvolvimento. Sabia que tinha muito a oferecer e a receber e que ali estariam ótimas oportunidades de trabalho, coisas que foram, na verdade, passadas para ele por colegas de trabalho, lá em Uruguaiiana.



Para ele, medo não tinha sentido, nada significava. Sua história de vida já o tinha coberto de uma carapaça que não permitia fraquejar em suas decisões ou sequer titubear nos momentos decisivos. Ele fazia parte de uma família humilde, mas cheia de atitude e força de caráter. Uma história que tem origem a partir de um certo momento da sua genealogia – ascendência um tanto mais recente em sua árvore genealógica –, da relação com os avós.

Com isso, começa para valer o relato de uma saga pioneira, que vem a desaguar neste século XXI, no irrefragável evento que foi a criação de um rebento que causa orgulho, chamado JCO Bioprodutos. Uma indústria e comércio de fertilizantes que virou referência dentro da sua fronteira de atuação e muito além dela. O empreendimento, situado no velho município de Barreiras, atua objetivando a parceria e a ajudar plenamente o setor agrícola brasileiro a se desenvolver ainda mais. Isso com a benéfica alternativa do uso de produtos diferenciados. Sua essência real são os bioprodutos. Aqueles que não são tóxicos. Que não prejudicam o homem. Que não agredem o meio ambiente. Que não permite ser a natureza agredida ou degradada. Atividade dentro de uma filosofia produtiva, em que, acima de tudo, se incrementa uma agricultura sustentável e responsável. A JCO transformou-se, em pouco tempo, num case de sucesso que ainda está por merecer dos especialistas em marketing um estudo acurado.



Arroz

Como dito anteriormente, a história de Zé Cláudio vem de longe, traçada por avós. Por parte de pai, o avô Caetano e a avó Neneca que trabalhavam no plantio de arroz. Neneca era a segunda esposa dele. Zé Cláudio não o conheceu, pois já era morto quando nasceu. Dona Neneca, como era conhecida, veio da França, de navio, fugindo com a família de um período de dificuldades em que o país vivia. Chegando ao Brasil com sete anos de idade, foi também morar no Rio Grande do Sul. Anos depois, ela veio a conhecer o “bugre” da terra brasileira, que veio a ser o seu Caetano, que então já era viúvo com cinco filhos. Tiveram mais 17 filhos. Ele era do interior do Rio Grande, da região de São Jerônimo. Trabalhava com arroz irrigado, atuando como espécie de capataz de lavoura. Era uma mistura heterogênea de português, índio e negro. O casal se conheceu, se gostou e formou a prole.

Já por parte de mãe, Zé Cláudio tinha a avó dona Dinoca, que nasceu em Gravataí e lá falecera três dias antes do nascimento dele. Ela foi a primeira mulher do avô, Izalino Batista de Oliveira, que veio a se casar de novo. Zé Cláudio nasceu no dia 4 de maio de 1958. A avó morreu na data em que se comemora o Dia do Trabalho, primeiro dia de maio. Seu avô voltou a se casar e dessa vez com dona Naná. Mas aqui cabe uma resenha paralela. Seu Izalino Batista tinha uma história interessante. História que faz parte do imaginário brasileiro, coisa vinda, contada e recontada desde os tempos da chegada dos primeiros governadores-gerais ao país. Fatos corriqueiros que se verificavam de certa forma envolvendo os padres. Fossem

Gravataí



jesuítas, beneditinos ou franciscanos. Era uma situação que acontecia plenamente, geralmente se falando às escondidas, escamoteando-se, mas que, no fim, todos sabiam e o assunto virando folclore nas paróquias; sendo aceito, embora criticado pelas carolas e pelos críticos dos clérigos e da Igreja Católica. No mais, o povo considerava o assunto como algo folclórico e mesmo natural. Seu Batista era neto de padre. Um cura que fora destinado pela arquidiocese para atuar em Santo Antônio da Patrulha do Rio Grande do Sul. O religioso se engraçou com aquela bonita índia, se entenderam e tiveram 11 filhos. Viveu padre e morreu padre. Nunca largou a batina. Até hoje, quem chega em Santo Antônio da Patrulha, ouve falar de uma imensa prole desse padre. Esse fato nunca criou nenhum tipo de consternação para a família. Ainda mais que o padre é quem sabia dos pecados de toda a cidade. Cada um com os seus. A história revela que a família do padre sempre foi muito respeitada pela comunidade. Quando morreu, ele deixou, inclusive, um testamento para a família.



Pai e mãe

A mãe de Zé Cláudio, dona Anna de Oliveira Oliveira, também nascida em Gravataí, faz parte dessa prole. A quem despertava a curiosidade do porquê de ter dois sobrenomes Oliveira, coisa que chamava a atenção, sempre foi explicado que ela já tinha o sobrenome do pai, quando casou com João Hospitalier de Oliveira, este que também nasceu no interior em São Jerônimo. Era mais um que atuava na lavoura de arroz. Dona Anna, por sua vez, trabalhava como escriturária no escritório regional do Ministério do Trabalho. Interessante é que a repartição, na realidade, ficava instalada na casa da sua família. Todo o movimento, toda a burocracia, com a presença dos da casa. Quando o filho José Cláudio se encontrava na faixa dos 10 aos 12 anos de idade e aprontava alguma traquinagem, a mãe o colocava de castigo, perto dela, obrigando-o a ler a CLT – Consolidação

das Leis Trabalhistas. Ele não se importava. Lia e, por outro lado, observava e apreendia o que ouvia de quem chegava para fazer as queixas trabalhistas. De repente estava aprendendo e ganhando gosto por esse tipo de lei, coisa que o fascina até hoje. Ele ficou sabendo muito sobre a CLT e terminou tomando conhecimento do presidente Getúlio Vargas, aquele que, em 1º de maio de 1943, sancionou as leis, unificando toda a legislação trabalhista existente no Brasil, regulando assim as relações de trabalho via CLT. Aliás, é raro até hoje um gaúcho não ter certa admiração pelo presidente. Durante muito tempo, as casas possuíam pequenas estátuas que era ele sentado com os indefectíveis óculos redondos e o chimarrão. Getúlio era um maragato. Maragato, simpatizante dos federalistas que lutaram contra os Chimangos (legalistas), durante a Revolução Federalista (1893-1895). Foi uma guerra civil gaúcha e que deixou nódoas. Por sinal, o avô de Zé Cláudio era um maragato de raiz, não era um “melancia”: vermelho por fora (cor de uma facção) e verde por dentro (verde ou branco eram as cores dos lenços dos Chimangos), como se diz ainda hoje nos pampas, para caracterizar quem, por interesse próprio, mudou de lado na guerra, de legalista virando federalista.





A família de Zé Cláudio não fugia à regra. Enquanto sua mãe atuava no MT, o pai havia se dedicado à carreira militar e chegou ao posto de sargento da Polícia Rodoviária Estadual. Fizera carreira com promoções, por merecimento. Era tido como uma “pedra bruta”, que ia sendo lapidada na faina. Tinha perfil mercurial. Só havia estudado até o terceiro ano do primário (hoje ensino fundamental). Mas o “brigadiano” era respeitado como uma pessoa de caráter excepcional e com um coração fantástico. Amigo, companheiro, que gostava de ajudar a todos. Tinha uma outra característica que durante uma época incomodou aos familiares, mas que o tempo cuidou de dar outras tintas. O sargento era um verdadeiro mulherengo. Como policial era tão bom profissional que chegou a ser condecorado.

Ele compôs uma grande prole com sete filhos. O mais velho, Tadeu Luís de Oliveira, depois as gêmeas Lara e Jussara, vindo a seguir Maria de Fátima, José Cláudio, Helena Maria e, por último, Ana Lúcia. Chama mesmo a atenção outra peculiaridade na família, que é os filhos terem apenas um sobrenome (Oliveira), mas isso já se explicou pelo fato de a mãe ter Oliveira duas vezes. Optou-se por colocar apenas um no sobrenome dos filhos.



Taquara 1884

Zé Cláudio nasceu nesta imensa família de pessoas renhidas na cidade gaúcha de Taquara a apenas 50 quilômetros de Porto Alegre. Taquara, um município cuja economia era voltada para a pecuária e a prática do reflorestamento. Sua característica social era que se tratava de uma área com forte presença de descendentes de alemães. Não era uma cidade desenvolvida, apesar de estar próxima da capital. Ele saiu de lá com cinco anos de idade, mas nunca esquece um acontecimento que ficou gravado em sua vida. Foi quando estava numa praça de Taquara acompanhado da tia Teresinha e, de repente, se perdeu dela e não sabia o que fazer. Entrou em completo desespero e começou a chorar. Tinha escapado da mão da tia. O drama que pareceu uma eternidade não durou mais que alguns minutos. Ela atentou ao que estava acontecendo e apareceu. Para Zé Cláudio foi como uma eternidade de sofrimento, que jamais esquece.

Mas ele traz também, desse período, imagens lúdicas na memória. Seu pai foi um dos primeiros moradores



Gravataí

do bairro a comprar aparelho de televisão. A janela da casa dava para uma calçada e, quando se ligava a TV, os vizinhos apareciam para assistirem juntos. O pai costumava brincar durante a exibição de programas de jornalismo, fazendo todos rirem. Quando o apresentador dava boa noite ele respondia.



Vem dessa época a sensação boa que Zé Cláudio experimenta quando sente cheiro de bolacha Maria. Rememora a fase de menino quando o pai o levou a uma fábrica de bolachas e, enquanto as pessoas conversavam, pegou um punhado de bolachas e começou a comer, na maior naturalidade, até que percebeu os olhares sobre sua pessoa. Mas já estava com a boca cheia. Foi também nessa época que ele mudou para Gravataí, onde, de pronto, foi colocado numa escola para ser alfabetizado. Foi fazer o jardim de infância no Colégio Dom Feliciano, que era administrado por freiras, de onde tem boas memórias. Já tinha algum conhecimento de escrita e leitura, pois o avô Batista praticamente ensinou a ler as primeiras letras com muita dedicação e paciência àquele menino ansioso. O avô lhe tinha tanta dedicação que, em outros momentos, cuidava para que o neto também aprendesse a fazer pequenos

trabalhos em madeira. Ele fazia carrinho de mão, fazia os móveis de casa; aquela coisa de serrar, lixar, colar. Ele tinha uma oficinazinha para mexer com madeira, para uso próprio, o que naquela época era normal. Tudo dentro da chácara que ele morava. Também ensinou a plantar, cuidar de hortas, coisa que até hoje nosso personagem gosta muito. Não tinha nojo de minhocas e gostava muito do cheiro da terra molhada. Botar a mão na terra. Esse mesmo avô era uma pessoa muito politizada, com uma visão própria sobre as coisas, e passava noções de política e de patriotismo para José Cláudio que, quando virou adulto, entendeu melhor o que se passava na cabeça do avô e, em certas condições, dava razão aos seus sentimentos políticos.

Embora com o tempo tenha retido uma boa imagem da escola das freiras, a chegada, entretanto, foi meio que aterrorizante. Foi difícil chegar sozinho num lugar estranho, diferente do ambiente caseiro. Aquele menino comprido, magro, que se considerava feio, tinha de se virar para “sobreviver”. Se em casa sofria gozações com as irmãs tirando sarro, chamando-o de orelhudo, cabeção, feioso e outras alegorias, imagine na escola, pois se sabe que a meninada é cruel. Nosso pequeno herói sofria continuamente o que hoje se caracteriza como “bullying”. Mas já vinha de casa com uma “casca” que o protegia das pilhérias. Apenas prestava atenção e ficava abespinhado com as meninas que não lhe davam espaço nas brincadeiras. Se bem que algumas até o olhavam com certos sorrisos e desfaçatez. Divertiam-se com a situação. Mas a relação no geral era muito boa com

todos os colegas que gostavam, como toda garotada, de brincadeiras de esconde-esconde, correr, pular, brincar de bruxa, brigar e subir em locais proibidos. Os professores têm um papel à parte, por terem sido importantes na sua formação, mas também são lembrados pelo rigor face ao comportamento dos alunos. Qualquer coisa considerada fora das normas tinha punição certa. Os alunos tinham o maior respeito, e, claro, muito medo. Principalmente quando mandavam formar as temidas filas. Muita disciplina. Era fila de meninos e fila de meninas. O maior receio de qualquer dos meninos era ser punido sendo colocado na fila das meninas.

Mas, acredite, esse indigitado personagem que dá vida a esta obra literária com caráter biográfico, teve nesse processo escolar alguns dos seus melhores momentos na vida. Certo que estava sempre de castigo por aprontar muitas irregularidades na escola. Como quase sempre, era colocado na fila das meninas – o que servia de muita chacota dos colegas –, mas terminou sendo o seu caminho mais curto para o contato com o sexo feminino. O que era castigo virou com o tempo um prazer. Ali abria seus horizontes de garoto reprimido.

Foram momentos inspiradores na escola, porque gostava muito de estudar e se destacar perante os colegas. Passava a manhã na escola. No resto do dia não pense que enfiava de novo a cara nos livros. O cotidiano era de estar junto à família, sempre em briga eterna com as irmãs, fugindo para as vizinhanças ou praticando algum tipo de joguinho. Era uma época em que o ensino escolar ficava dividido em curso primário (que tinha a duração

de cinco anos e era análogo ao atual fundamental I); curso ginásial (que tinha a duração de quatro anos, sendo equivalente ao atual fundamental II); curso científico (com duração de três anos e equivalente ao atual ensino médio e voltado para os alunos que desejavam ir para a área científica, como engenharia e medicina) ou curso clássico para quem queria fazer vestibular para a área de humanas, como pedagogia, letras etc.

Em Gravataí, naqueles anos, o costume era dormir cedo e aí do menino ou menina que desobedecesse aos pais. Nove horas da noite já era considerado tarde. Claro que antes de jantar e dormir a criança já tinha de ter tomado banho, algo a que a mãe muitas vezes tinha de obrigar, e não tinha negociação certa. Mas Zé Cláudio pulava que nem saci-pererê para não tomar banho. Dava seu jeito de se esquivar. Pode acreditar que, certa vez, quando já estava com 12 anos de idade, levou uma quinzena de dias sem tomar banho. Esse negócio do banho era uma briga constante.

Nas duas semanas em que ficou sem jogar um copo de água no corpo, não foi nem tanto assim por não gostar de banho, embora se desse espaço, escondia-se. Ocorre que ele tinha feito uma aposta na escola, com os colegas, para ver quem ficava mais tempo sem ir ao banheiro, longe do sabão. Ele queria mostrar que era o mais arrojado, não podia perder, era uma questão de honra. Os dias foram passando, ficando sujo e o pior eram os pés que entregavam a artimanha. Os pés imundos. Sujos de terra. Arrumou uma artimanha saída da cabeça de

menino traquinas e criativo. Passou a dormir de meias, que era para ninguém em casa ficar sabendo do assunto. Mas outros cheiros denunciavam aquela “arte” e a mãe com as irmãs desconfiaram, descobriram e o pegaram à força para tirar-lhe a roupa e colocá-lo embaixo do chuveiro. Implorou para que o deixassem ir sozinho, que não queria ficar nu na frente delas, que ficaram vigiando para que não fugisse do banho. Mesmo sendo descoberto e obrigado ao asseio corporal, foi adulado pelos colegas, reconhecido como o grande campeão da aposta. O vencedor. Ficou dias fedendo, mas vencera a disputa.

Sua vida de criança, mesmo numa família sem grandes posses, pode ser considerada como muito boa. Morava na casa do avô em boa área da cidade onde os vizinhos até tinham melhor poder aquisitivo. O pai e a mãe ganhavam o que dava para o sustento dos filhos. O importante é que sempre ofereceram muito carinho, atenção e amor. Com isso, a infância passou com muita felicidade e harmonia. Tudo sempre se passando bem, até mesmo com a paciência dos pais para o hábito que os preocupava, que era o de Zé Cláudio estar sempre fugindo para as beiradas do rio Gravataí para nadar escondido com os amigos. Foi uma infância boa e inesquecível.

Gostava de ouvir histórias, daquelas que sempre contaram parentes, vizinhos e aderentes, que se ouvem até hoje no Rio Grande do Sul; como a de Teiniaguá, uma das mais antigas – que, inclusive, foi abordada com



Rio Gravataí

grande maestria pelo escritor gaúcho Érico Veríssimo em seu famoso livro *Ana Terra* –, em que traça a vida de uma princesa moura que, trazida de Salamanca na Espanha e apresentada ao Diabo Vermelho (Annangá-Pitã) nos pampas, virou uma lagartixa que, no lugar da cabeça, possuía uma enorme pedra vermelha, que de tanto faiscar podia cegar quem a olhasse. A princesa foi trazida na forma de uma velha feia, para não ser aprisionada, fugindo da derrota dos mouros na Península Ibérica lá pelo século X e foi viver na lagoa do Cerro do Jarau. Ela vivia em paz até que um dia um sacristão foi beber água na lagoa e se deparou com o réptil, deu um jeito



e o dominou, levando-o para seu mosteiro e já comemorando a riqueza que chegava. Era mais que certo que Annangá-Pitã tinha ensinado a ela onde estavam as cavernas com ouro e pedras preciosas. De noite, quando abriu a guampa onde estava a Salamanka (Salamandra), ela se transformou na bela princesa, e se apaixonaram. Ela logo pede vinho para comemorar o amor dos dois, mas são percebidos pelos padres. Ela então se transforma de novo na lagartixa. Teiniaguá foge.

O sacristão é preso e condenado à morte, mas, quando estava prestes a ser enforcado, surge a salamandra que faz tudo explodir, pega seu amado e foge para uma caverna onde passam a viver. Ali era o jarau e todos sabiam que se tratava da morada da “Salamandra do Jarau” e ninguém ousava passar por perto. Da caverna eles só saíam, ele também transformado em lagartixa, para virarem gente se aparecesse por lá alguém de boa natureza, honesto. Um dia aparece um jovem que mostra ter bom coração. Ele ganha de presente uma moeda para comprar gado e começar nova vida. Cada vez que pagava um novilho, uma nova moeda de ouro aparecia em sua bolsa. O povo desconfiado então disse que ele tinha

parte com o diabo e ninguém mais quis vender nada para ele, que voltou à caverna para devolver a moeda às salamandras. Foi com este gesto simples que conseguiu acabar com a maldição do Diabo Vermelho. O sacristão e a princesa ganharam forma de gente e viveram felizes para sempre. Claro que a história é mais encompridada, mas quem quiser que procure em outros livros, que vai se divertir muito, tanto quanto se concentrava Zé Cláudio quando ouvia, parado, com o pensamento voando nas campinas e furnas.

Mas, tudo tem sua estação certa. E, naqueles tempos, filho homem de família que não era rica tinha de assumir uma postura de apoio à sobrevivência, obedecendo a uma forma de começar a desenvolver suas responsabilidades. De repente, aquela vida lúdica de criança acomodada no seio da família, junto com as irmãs, os pais, o avô e os amigos foi ganhando uma outra dimensão. Sem que fosse algo que chegasse como uma torrente. Muito pelo contrário, era algo que agora iria ocupar sua vida, chegando como uma boa e benfazeja lufada de vento e que tomava conta do seu ser. O garoto assumia responsabilidades, aquelas adequadas para sua idade, mas de real importância para o seu desenvolvimento, dando seus passos iniciais para um futuro que ainda era incerto, vez que, nessa idade, tudo não passava de uma espécie de limbo.



A Revolução

Ao completar exatos dez anos de idade, Zé Cláudio foi instado a trabalhar. Ele mesmo já sentia necessidade de se aventurar em atividades que pudessem render alguma coisa e, de pronto, não escolhia o que fazer. Foi crescendo, se desenvolvendo e aceitava o que aparecesse, mesmo que fosse coisa muito além da sua idade de jovem ou adolescente. Coisa mesmo que adultos faziam. Botava mãos à obra com imensa dedicação em busca de resultados. Começou cortando grama para a vizinhança e ganhava uns trocados. Dedicou-se ao trabalho de office boy. Trabalhou em cartório. Como servente de obra. Com senso de oportunismo, notou que as casas da vizinhança sofriam sempre de um grande problema: as fossas sempre estavam entupidas e era um drama que afetava boa parte da área onde morava. Não titubeou, nem pensou muito tempo, e lá estava ele faturando uma graninha, embolsando uns trocados, executando a difícil função de limpador de fossa. Nada metia medo ao garoto que descobria encargos na vida e se virava como podia, sem temor.

Mas, como já vimos, percebemos e já temos a visão da alma, do jeito de ser desse nosso amplo e multifacetado personagem; claro que existe sempre uma boa história

para contar e, em se tratando do inquieto garoto Zé Cláudio, podia-se esperar que aprontasse alguma trapaça. Foi em atividade no cartório, em que tudo ia bem. Isso, até o dia em que conseguiu o feito de estragar uma máquina de datilografia, algo que não era muito barato à época. Estragou, vá se saber o motivo exato, conseguindo encaixar os dedos no meio do teclado. A máquina travou. Quebrou. Perdeu a função. Foi hora de buscar outra colocação na vida. Partiu para a atividade de ajudar nas obras de construção civil. Sua iniciativa de catar trabalho causava satisfação para os pais, que sempre o incentivaram para que pudesse ter uma certa autonomia financeira. Ele também se sentia orgulhoso de trabalhar.

A família sempre teve uma postura pragmática perante a vida, notadamente por serem todos, repita-se, politizados. Vamos aqui aproveitando para fazer um adendo: basta saber que, quando Zé tinha apenas seis anos de idade, mostrou-se preocupado, sendo algo extremante precoce, com a Revolução de 1964. Algo insólito para uma criança da sua idade e que despertava pasmo na família. Ele, curioso, buscando apreender algo de tão difícil interpretação. Aliás, para que os leitores mais jovens possam saber, a revolução ocorreu no ano citado, em plena madrugada, de 31 de março para 1º de abril, quando lideranças civis conservadoras e líderes militares decidiram que o governo eleito estava indo contra o conceito social que eles preconizavam, de direita, e guinando para a esquerda. Deliberaram, então, pela derrubada do presidente João Goulart, de tendência socialista. Na realidade, foram muitos os



fatores, entretanto, que levaram à consequente rebelião militar, como, por exemplo, o radicalismo político que já vinha de anos antes, após a morte do presidente Getúlio Vargas.

No dia em que os militares saíram às ruas para tomar o poder, o pai de Zé Cláudio chegou muito assustado em casa e disse para a mulher, coisa que o garoto escutou e procurou saber detalhes – isso o marcou muito. Disse o pai, para que todos na casa ouvissem:

– “Vim pela sombra”.

A frase do pai passava um sentimento de muito medo e receio com o que estava acontecendo no país e sua repercussão também na sociedade local e suas consequências para sua família, por não se saber qual seria o futuro a partir dali, notadamente pelo envolvimento de militares e políticos gaúchos no processo. Havia, sobretudo, o receio de vizinhos estarem denunciando outros por questões pessoais e outras consequências nefastas. A questão é que sua família era realmente muito envolvida em política, debatendo, observando, apreendendo, opinando, questionando. E todos na vizinhança sabiam disso.

Zé Cláudio ainda tem – mesmo um tanto quanto vaga – a lembrança do período, estando Gravataí muito assustada e ninguém com coragem de sair às ruas. Relembra que os dias e semanas foram passando e, pelo que entendia na sua ótica de criança e pelo clima doméstico, percebia que as pessoas estavam passando gradualmente a gostar do ocorrido e dos resultados, com todos sentindo-se até mais seguros. A situação sendo normalizada. Sua família também seguindo o movimento social e passando a achar boa a chegada dos militares porque entendia que alguma coisa devia mesmo de ser feita para colocar o Brasil nos eixos, longe da sombra do comunismo. Era uma filosofia reinante.

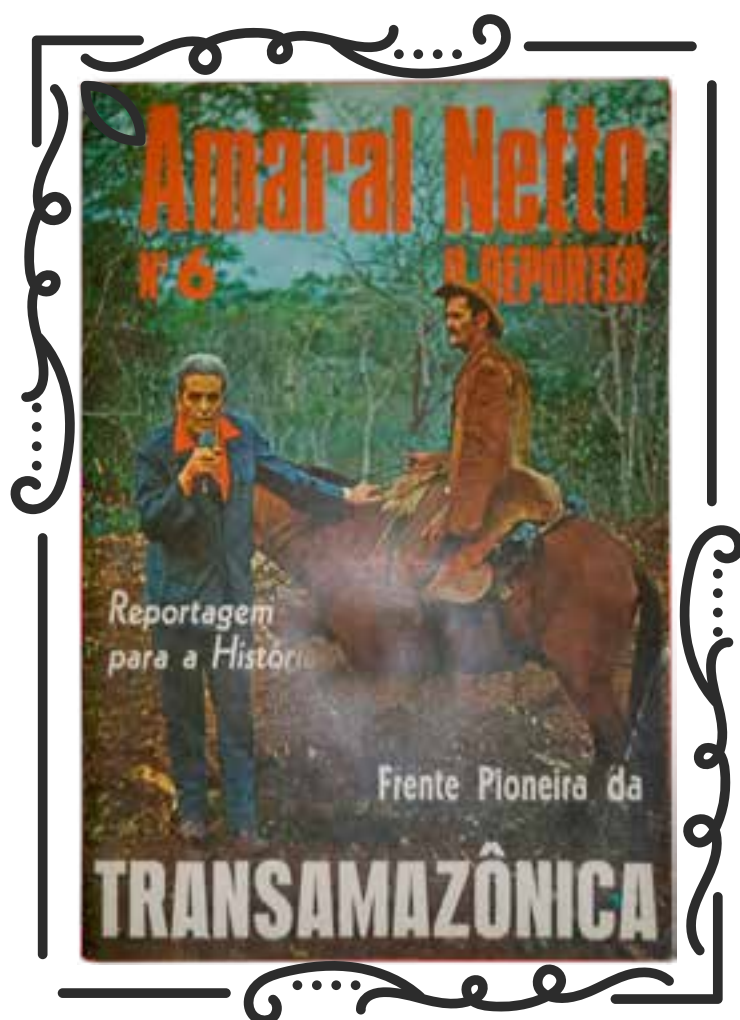
Voltando ao assunto anterior, o trabalho desde cedo, para todos os membros de uma família, sempre foi algo considerado importante para perfilar o caráter dos jovens. A sua era uma família como tantas outras, em que todos se amam, se dão bem, mas que em alguns dias o clima pode não ser dos melhores, e sai discussão. De vez em quando tinha briga entre Zé Cláudio e suas irmãs, porque ele gostava de incomodá-las, tirando-as do sério com brincadeiras que elas achavam insuportáveis. O piá, o molecote, aproveitava-se da ausência do irmão mais velho, Tadeu Luiz de Oliveira. Esse irmão tinha uma característica especial: de todos da família era quem havia puxado o lado “bugre”, o lado índio de parte da família.

Andava sempre fora de casa, de parca presença. Nessa época de Zé criança, o irmão estudava o Curso Ginásial e depois entrou para a Academia da Polícia Militar que, à época, exigia só o ginásio. Fez uma brilhante carreira e, no auge dela, aposentou-se como coronel. Depois de tanto tempo atuando como militar, passou a se dedicar à pesca e às viagens. Sempre foi considerado como uma pessoa do tipo gente muito boa. Era exemplar e muito admirado pela família. Um exemplo, notadamente, para Zé Cláudio.

Nosso garoto, por sua vez, agora encontrava-se permanentemente envolvido com o estudo e emparelhando com os “bicos” que fazia para ganhar uns trocados: carregava no coração, acalentava, um sonho que o perseguiria por todo o tempo. Algo que iria, muitos anos depois, tempos futuros, marcar sua sina e ter importância preponderante em sua vida profissional e familiar, sendo guia para o bom advento do seu futuro. Era como se tivesse sido escrito nas estrelas. Tudo começando pelo simples fato de gostar de assistir na televisão a um programa que era como uma espécie de documentário intitulado “Amaral Neto, o repórter”.

Ele ficava de olhos colados na TV e ouvidos atentos, apreciando as reportagens que mostravam coisas do Brasil, gente, arte e, principalmente, as regiões mais afastadas do país. Numa das matérias, o repórter fez uma longa dissertação, com fartura de imagens e abordagem epopeica sobre a área amazônica. Zé Cláudio viu, ouviu e, sem despregar a atenção, ficou de pronto apaixonado pela região. Outras vezes assistiu a reportagens sobre o Rio Grande do Sul e, como nativo dessa terra, adquiriu o orgulho em dizer: “Somos gaúchos”. Zé também contemplava as reportagens sobre outras áreas do país, como o Nordeste e o Planalto Central. Por outro lado, ele apreciava com muito gosto ficar perscrutando o mapa do Brasil. Queria ir para a Amazônia. Para o Norte. Para o Centro. Para o Nordeste. Para todos os cantos do país. Aspirava percorrer o Brasil de ponta a ponta. Varar o mapa. Sonhava ser um desbravador. Um pioneiro. Uma espécie de bandeirante moderno. Tinha vontade, tinha

coragem, tinha paixão. Viu várias vezes o mapa nacional com suas regiões no cinema, na apresentação de noticiário ou documentário de curta-metragem e nos intervalos das sessões do “cine-pulgueiro” da sua cidade. Quando aparecia, folheava as publicações relativas ao assunto. Estudava os livros de geografia.





O milagre

Fazendo novo adendo nesse relato, por ser importante dizer, durante o apontado e já citado período governado pelas Forças Armadas, o Governo Militar conseguiu implementar um período de sucesso com a economia crescendo continuamente a níveis superiores aos da maioria dos países. Foi aquilo classificado como o “Milagre Brasileiro”. O governo, para mostrar a pujança do país, fazia grandes campanhas de propagandas, fartas peças de divulgação das suas ações na área econômica e social. Justamente nos intervalos dos filmes, as salas de projeção eram obrigadas a passar os documentários oficiais oriundos de Brasília. Principalmente a abertura de estradas e o enfrentamento aos desafios surgidos em engenharia de obras. O Norte sendo desbravado. O maior destaque do período foi quando os militares iniciaram a construção da imensa via de nome Transamazônica. Uma complexidade nunca vista em tempos modernos e de grandes proporções para qualquer período. Uma imensa aventura rasgando a selva.

A Transamazônica ou Rodovia Transamazônica (BR-230) foi, na verdade, um sonho acalentado pelo militar gaúcho e então presidente, Emílio Garrastazu Médici.

As obras foram complicadas por causa das intempéries, lama, pedras, mato e doenças que extenuavam os trabalhadores. Duraram de 1969 a 1974. Por sua grande proporção foi classificada pelos críticos – que viam ali uma espécie de megalomania do Governo Federal –, de “obra faraônica”, fazendo alusão às pirâmides egípcias.

Quase cinco mil homens foram usados na abertura dessa estrada que deveria fazer a comunicação entre as cidades da região Nordeste e Norte, alcançando um tamanho de mais de quatro mil quilômetros no sentido Leste a Oeste; sendo que um dos seus pontos extremos era a região de Cabedelo, na Paraíba, e a outra, a área de Lábrea, no Amazonas. A filosofia passada nas propagandas oficiais era que a estrada serviria, com toda certeza, para povoar áreas desabitadas no Amazonas, o que não aconteceu. Fazer a chamada “integração nacional”. Mesmo sem estar totalmente pavimentada, ela foi inaugurada no dia 30 de agosto de 1970 com grande festa das autoridades governamentais. O que não se sabia eram os problemas consequentes num futuro, como desmatamento sem controle no Amazonas, invasão de garimpeiros e surgimento de cidades e povoados sem a mínima infraestrutura.

Mas era a grandiosidade das obras, era a beleza sem par da região, os desafios, o sentido de peripécia e realização de uma aventura, que despertavam os sentimentos do garoto Zé. No cinema de seu Itamar, no centro de Gravataí, ele voltava de quando em vez a ficar quase que prendendo a respiração, olhando o verde, o traçado

da obra, tudo o que aparecia no projeto; as cenas das máquinas abrindo caminhos na selva, as esteiras invadindo, aqueles trabalhadores corajosos, sem medo de bichos e nem de desafios. Para ele, era o progresso chegando no mais distante lugar do país. A mata, as clareiras, os acampamentos. No mapa do Brasil via o Rio Grande do Sul na ponta, bem pequeno, lá embaixo, em relação a todo o país. Nação enorme. Com isso, enxertou na mente e no coração que um dia iria para a Amazônia. Queria ver o rio tão caudaloso e infinitamente maior do que o que passava em sua pequena cidade. Queria desbravar. Abrir picada. Abrir caminhos. Mexer com a terra. Já gostava bastante de lidar com a natureza, coisa que seu avô lhe ensinara a adorar. Já fazia isso na pequena chácara que a família possuía.

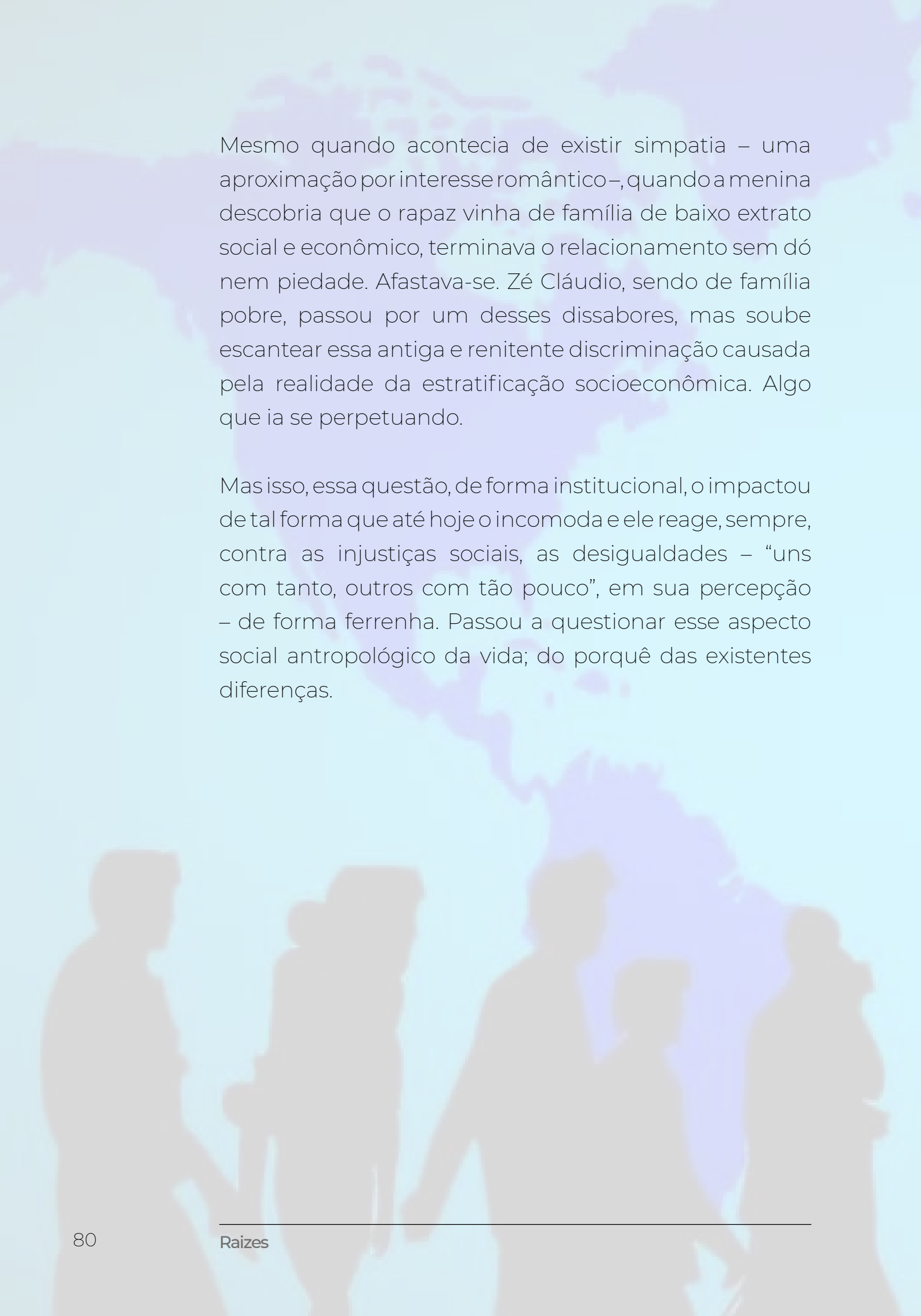
Seguia preparando o espírito, mas seu sonho ia no sentido contrário daquilo que sua mãe almejava para o seu futuro. Ela dizia que gostaria de vê-lo trabalhando no Banco do Brasil. Naquela época, ser bancário, petroleiro ou qualquer tipo de funcionário público, fosse até de uma secretaria ou quiçá de um ministério, era como ganhar na loteria. Bons salários, respeito da sociedade e estabilidade no emprego. Ela aceitaria também se ele fosse militar ou, quem sabe, até mesmo padre.



A desigualdade

Mas o rapaz estava crescendo, se desenvolvendo, tendo novas ideias, entrando no conturbado período da adolescência. O garoto ficando para trás com toda a riqueza acumulada da vivência com os amigos, da presença familiar, das suas descobertas. Entrava num novo tempo. Entrado na adolescência, estudava e trabalhava no que aparecia. Seus olhos descobrindo as meninas da cidade. Uma urbe com a sociedade muito fechada, com diversas famílias abastadas, embora não consideradas muito ricas, mas que, mesmo assim, adotavam muitas das vezes uma postura discriminatória para com aqueles de menos recursos econômicos ou sem uma posição de destaque no meio social.

Zé Cláudio tinha esse sentimento: o de perceber que a discriminação era algo que feria e prejudicava os relacionamentos, principalmente se o caso fosse uma relação amorosa entre pessoas de “castas” diferentes. Ele tinha a nítida sensação, mesmo sem ter sofrido com gravidade o problema, que, atuando, por exemplo, como um servente de obras, teria dificuldades em namorar alguma menina de família com imagem de bem nascida ou vista como rica.



Mesmo quando acontecia de existir simpatia – uma aproximação por interesse romântico –, quando a menina descobria que o rapaz vinha de família de baixo extrato social e econômico, terminava o relacionamento sem dó nem piedade. Afastava-se. Zé Cláudio, sendo de família pobre, passou por um desses dissabores, mas soube escanteiar essa antiga e renitente discriminação causada pela realidade da estratificação socioeconômica. Algo que ia se perpetuando.

Mas isso, essa questão, de forma institucional, o impactou de tal forma que até hoje o incomoda e ele reage, sempre, contra as injustiças sociais, as desigualdades – “uns com tanto, outros com tão pouco”, em sua percepção – de forma ferrenha. Passou a questionar esse aspecto social antropológico da vida; do porquê das existentes diferenças.

Chamava sua atenção de criança e depois na adolescência, em sua cidade, ver gente pedindo esmolas, outros não podendo botar o filho na escola, outros sem roupa, alguns passando necessidades em casa. Tinha amigos que se encontravam nesta situação. Ele mesmo, em alguns momentos da vida, só possuindo um par de chinelos de dedo. Interessante é que este chinelo tinha de durar o máximo possível, e, como até hoje fazem muitos brasileiros pobres por este rincão afora, quando quebrava a alça de dedo, colocava um preguinho para segurar e a sandália continuava a ser usada até se desgastar de vez. Para ele era muito triste ver essas dessemelhanças. Percebia a idiosincrasia, porque dentro da escola, na sala de aula, todo mundo era igual, e quando saía dali portão além, chegando na rua ou no ambiente doméstico, era tudo diferente. Eram as variantes das classes, e isso tomava certo tempo dos seus sentimentos.



Gravataí



A Gravataí

A cidade de Zé Cláudio, Gravataí, é uma das mais antigas do Rio Grande do Sul. Tem origem no século XVIII com emancipação no final do século XIX. Seu nome vem da junção do nome de uma fruta (gravatá) que existia em profusão na região e a palavra hy (em guarani tendo o significado de rio). Foi, no princípio, área de sesmaria concedida pela Coroa Portuguesa, e o peruano Pedro Gonçalves Sandoval, que lá habitava, assumiu para povoá-la em um pedaço, e o capitão João Lourenço Veloso também recebeu posse das terras em outra área da mesma região. Na extensão foi assentada a Aldeia dos Anjos, que passou a se desenvolver com a presença dos índios Tapes, corridos das Missões. Depois ganhou a condição de Vila e passou a chamar-se Nossa Senhora dos Anjos de Gravataí.

Foi a partir dos anos 1960 que o município, que basicamente produzia farinha de mandioca, tinha um pouco de pecuária e agricultura algo incipiente, alcançou um processo de desenvolvimento com a indústria chegando gradualmente e, também, com o advento da autoestrada conhecida como Freeway. Durante bom tempo, Gravataí foi considerada como uma cidade-dormitório por estar a menos de 30 quilômetros de Porto Alegre, na Região Metropolitana. Com a criação da Grande Porto Alegre e com a BR-290, chegou à fábrica da General Motors. Hoje sua força econômica está na indústria metalmeccânica.



Embora com toda a questão social e econômica que se vivia em Gravataí, quando Zé Cláudio era adolescente e buscava andar por novos caminhos, o núcleo familiar e a presença de uma vizinhança prestativa e de boas relações atenuavam seu drama, que também tinha adquirido ares particulares, vez que essa era uma parte que podemos classificar como agradável e importante.

Os vizinhos próximos eram sempre solidários e atenciosos. Havia um perfeito entrosamento entre as famílias. Era uma época em que se encerrava o hábito salutar de se colocarem cadeiras nas portas das casas e nas calçadas, ficar puxando conversa, trocando informações, olhando o tempo, sabendo das novidades, observando o que se passava com os filhos, com toda a gente, buscando ajudar quando preciso, dar uma força se necessário. Cada vizinho com seu mundo próprio,

um universo único, mas que se amalgamava no interesse comum, notadamente na amizade e no imenso sentido de solidariedade. Cada família com suas histórias e tradições.

Famílias que, apesar de não terem muita cultura, tinham acesso a informações de várias formas, politizadas e interessadas nas coisas gauchescas, por exemplo. Na família do nosso heroicizado personagem, falava-se e debatia-se muita política. Era do gosto também se aprofundar nas histórias do povo gaúcho, o orgulho de ser gaúcho. Família que detinha o bom-humor no trato e com quem valia a pena se divertir, contando e ouvindo histórias pitorescas, “causos” e novidades. Se perguntar a Zé Cláudio uma história que não lhe sai da cabeça, ele vai contar que é aquela em que se soube do padre que por lá, em Gravataí, engravidou uma bela freira e que foi um escândalo à época. Mas, na maioria das vezes, o que se assuntava era sobre um ladrão de galinha, uma vergonha passada por alguém ou fatos que levavam ao riso farto. A conversa sempre se alongava numa mateada e gerava união.

No seu núcleo familiar, às vezes fazia falta a presença do pai que, atuando na Polícia Rodoviária Estadual, passava certo tempo fora, e da mãe que, quando o escritório do Ministério do Trabalho deixou de ser em sua casa, passava algum tempo fora e era preciso que os irmãos ficassem mais juntos realizando as tarefas domésticas, e uns tomando conta dos outros. E como em toda família normal, uma hora se divertindo, outra interagindo e também claro, se desentendendo. Era o que se pode atestar como uma família regular.

A característica da casa onde a família morava destoava um pouco das outras da vizinhança que, muitas das vezes, eram mais simples. A casa que seu avô habitava era uma boa moradia, de alvenaria, que foi cedida para os pais de Zé Cláudio. Ele foi morar de aluguel. Posteriormente, numa chácara do mesmo avô, a família conseguiu um financiamento e construiu outra casa para pagar em 20 anos de prestações. Era uma casa um tanto apertada, mas com sala, cozinha, banheiro, três quartos e com um quintal.

A habitação era confortável, mas nos períodos de frio, até com o ocasional “rodeio dos ventos”, não havia calefação e a solução era apelar para os cobertores de lã. Os ponchos. Até o cachorrinho e os gatos da família se enfronhavam. A família resistia bravamente e seguia em frente de olho no futuro. Preparando-se com todas as armas para um salto qualitativo na vida.



O mundo

Já se viu a essa altura do nosso relato que José Cláudio Oliveira não era uma pessoa contemplativa e muito menos acomodada. Se, quando menino, já era um traquina, quando chegado à adolescência virou um “aborrecente” cheio de questionamentos. Tinha agora como meta revirar tudo nesse planeta. Queria modificar o mundo como todo adolescente acha ser possível, de forma rápida e fácil. Era cheio de opinião para dar. Estava em plena fase revolucionária, criticando, achando que tudo era errado e injusto; incomodava-se, levantando muitas questões plausíveis e outras nem tanto. E incomodava os outros. Foi num desses embates “filosóficos” esquentados e requentados que seu irmão, que exercia função militar, um dia disse de chofre e o pegou num átimo: – Zé Cláudio, se tu queres mudar o mundo, cresça, porque enquanto tu fores o rapaz errado que tu és, não vais fazer nada, vais ser só digno de pena”. A frase calou forte no coração de Zé Cláudio e isso serviu para ele dar uma guinada na vida. Um salto qualitativo em suas ações e pensamento. Sentiu que chegara a hora de mudar de rumo. Esse irmão, por sinal, fez uma belíssima carreira na Polícia Militar.



Recor
menin



Já Zé Cláudio tinha feito o jardim de infância, depois uma parte do primário na escola das freiras, que foi completado no Grupo Escolar Barbosa Rodrigues. Aos 11 anos, havia feito a chamada “Admissão ao Ginásio”, que era uma espécie de vestibular onde os alunos eram submetidos a provas em todas as matérias e tinham de tirar notas acima de 6 para poderem entrar naquilo que é hoje o curso fundamental. Passou bem na admissão e entrou no Colégio Estadual Professora Josefina Becker. Lá aprontava demais. Fazia coisas erradas em termos comportamentais e foi “extraoficialmente” convidado a sair da escola e procurar outro colégio. Foi uma vergonha para a família, mas que manteve o apoio a ele. A mãe,



com muito esforço, conseguiu encaixá-lo em outra escola.

Pediram que fosse para outra escola “pelo amor de Deus”. Foi. A vez era do Colégio Cenecista Nossa Senhora dos Anjos, onde começou a nova fase mediana dos estudos. Mas “rodou”, perdeu em matemática. Ficou tão decepcionado consigo mesmo que decidiu tornar-se um excelente aluno nessa matéria. E foi o que aconteceu, passando, a partir daí, a estar sempre com boas notas.



Esse é um dos episódios mais interessantes em sua passagem por essa escola. Tendo “rodado” em matemática, enfiou a cara nos estudos para recuperar o tempo perdido com a ajuda de um professor com prenome Rogério. De tanto estudar, terminou só tirando notas excelentes e se arvorou a dar aulas para sua amiga e colega, Vera. O pai dela tinha um pequeno mercado, e ali, dando o reforço da matéria para a amiga, nosso personagem aproveitava para, no café da tarde, comer salame, queijo, presunto e outros petiscos que considerava iguarias, porque essas coisas, em casa, não tinham. Um cardápio considerado um luxo e destinado a poucas famílias da região.

Pegando de volta o ocorrido lá atrás, no Colégio Josefina Becker, antes que o assunto morra nessas escritas, fique sabendo o motivo do “convite” para sair. Dentre tantas molecagens, ele, tinhoso, tinha a mania de esconder as bolas de futebol, deixando os colegas esperando para as partidas. Foi quando jogou uma rede de futebol dentro da patente e isso foi a gota d’água. Mas um dos seus “feitos”, digamos, “memoráveis” e que os colegas nunca esqueceram, foi atravessar a rua e ir no Colégio Dom Feliciano, que ficava perto do Becker, somente para jogar uma bombinha junina perto de uma freira. Ela, depois de um baita susto, o denunciou e aí não deu mais para ficar. E se disser que no próprio colégio das freiras ele surrupiava hóstias. Menino mais levado.

Com relação ao primeiro ano de estudo que passou no Josefina Becker, foi um período realmente muito intenso.

Estava saindo do primário e enfrentando uma nova etapa considerada como mais exigente, o que coincidia com sua entrada na adolescência e todo o turbilhão que isso representa. Todas as mudanças físicas, psicológicas, comportamentais. Lá era uma escola com muito mais alunos do que antes. Devia chegar a mil estudantes e cada sala com quarenta alunos. Já chegou fazendo arte. Foi chegando no Josefina com uma péssima imagem, já sendo colocado à margem e com a desconfiança dos professores e colegas. A primeira frase que ouviu de boas-vindas foi: “Aqui está sua última chance de estudar em Gravataí”. A mãe, por sua vez, quase que puxando os cabelos, pedia: “Pelo amor de Deus, Zé, para de aprontar na escola”.

Vivia ainda fazendo aquelas artes de criança, no entanto já se transformando num menino crescido e se achando feio e pobre, nada macanudo, mesmo tendo a consciência de ser esperto. Uma prova disso ocorreu lá mesmo no Cenecista. Ele ficava esperando a hora do recreio. Era tempo da melhor das diversões. Com as colegas iria dançar, algo que gostava e sabia mais ou menos; se divertir com elas e ganhar pontos fazendo-se de engraçado, chamando a atenção por ser brincalhão e assim obtendo bons resultados com as moças. Às vezes se destacando muito mais que os caras vistos como bonitos ou mais que outros com grana.

Passado o ginásio, foi fazer o segundo grau, indo de novo para o colégio das freiras. Ficava entrando e saindo. Parecia que esse educandário tinha alguma coisa que

mexia com ele. Com seu equilíbrio emocional. Estava fazendo o curso de Análise Química, mas ocorre que a coisa que mais fazia e despertava sua preocupação era matar aulas. Fugir da sala. Preferia sair para se divertir com os amigos.

No Colégio Cenecista ainda trazia na memória um fato que considerava interessante, muito bonito e inolvidável, que era ver as colegas crescendo. As meninas se transformando em moças feitas, ganhando corpo, formas. Guardava também na lembrança as aulas do professor de Moral e Cívica, que falava muito bem dos direitos e deveres do cidadão, de leis, temas que marcaram bastante sua passagem pela instituição de ensino. Assuntos que desde cedo chamavam sua atenção.



A Marinha

Zé Cláudio estava, então, em plena efervescência como estudante. De repente, do nada, como uma epifania, sentiu que era seu carma, sua sorte e destino, colocando na cabeça que deveria ser marinheiro. Dito e pronto, correu para se inscrever no concurso da Marinha, ajeitou-se todo, estudou os assuntos, inteirou-se da profissão de militar e foi fazer a prova para ser aprendiz na Capitânia dos Portos, lá na capital. Chegou em Porto Alegre. Olhando o Guaíba e conversando com um outro candidato que ali estava, foi quando o interlocutor disse estar preocupado com matemática. Zé respondeu que, por ele “não, em matemática eu sou tranquilo”. Lá vem então a grande surpresa. Fez a prova e, quando foi ver o resultado, a decepção. Tirara nota um. Ficou pasmo. Aéreo. Preocupado. Logo ele, que tinha se dedicado tanto à matéria. Estava até certo ponto revoltado, achando que tinha acontecido alguma coisa que não estava certa. Logo se deu conta que o problema não era de quem avaliara as provas na Marinha, mas sim seu desempenho. Desempenho pífió, porque o que estava patente é que era bom na matemática que se ensinava em Gravataí.



Claro que passava a considerar que em sua escola o ensino não era bom. Estava aquém da realidade da capital, por exemplo. Viu que o professor, apesar de toda dedicação, devia ter sentido que o aluno teria alguma dificuldade e, portanto, preferiu não avançar no conteúdo programado. Com certeza, o assunto do livro que deveria ser aplicado de forma mais célere, afinal era ministrado durante um semestre inteiro. Uma perda de tempo e de conteúdo. Eram meses de estudo de um tema único, conforme a capacidade de absorção do estudante. Com o resultado da prova da Marinha, viu que estava faltando aprender muita coisa na matéria. O que havia aprendido, para a região do Rio Grande onde estava sua escola resolvia, mas se fosse pegar valendo, como numa prova mais exigente, aí não valia muito. Era deficiente. Falho. A decepção com os resultados da Marinha o deixou abalado. Mas vá saber o que o destino aprontava para o homem que viria a ser José Cláudio Oliveira.

Certo é que, apesar dos pesares, o ginásio foi bom para ele porque o ajudou a desenvolver seu intelecto. O aprendizado nas várias matérias serviria de base, de amálgama, para as atividades futuras. No local fez grandes amizades que persistiram ao longo do tempo, sendo o período em que começou a se tornar um ser mais sociável, a crescer como pessoa, a enxergar os valores da juventude, a traçar o vindouro; pensando mais no futuro. Ali descobrira aquela inicial vocação que era para ser militar, até mesmo por influência do que levava ou ia no seio da sua família de pai militar e, pode acreditar, de imagens que influenciaram seu imaginário. Assim

abordamos novamente a influência emocional passada de filmes americanos, com cenas de guerra, a ação dos soldados, heroísmo, dedicação, desprendimento; ou imagem de policiais valentes, xerifes duros em filmes de cowboys e tudo o mais que vinha do seu imaginário desde quando criança em frente à televisão da sala. No tão importante escurinho do cinema.

Quer ver um exemplo renitente do período infanto-juvenil? O tema tem título: “Vigilante Rodoviário”. Quem tem mais de 60 anos de idade lembra com facilidade. Para os mais jovens, vamos revelando de pronto que era uma série brasileira de muito sucesso na TV nos anos 1960. Foi o primeiro seriado filmado em película no Brasil; produzido pela hoje desaparecida TV Tupi do Rio de Janeiro.

Dezenas de episódios nos quais o personagem Inspetor Carlos, que era interpretado pelo ator Carlos Miranda, agia contra os bandidos nas estradas, acompanhado do cão de nome Lobo, que sempre o salvava do perigo. Eles lutavam contra o crime, montados numa motocicleta Harley-Davidson 1952 ou em automóvel da marca Simca Chambord, modelo 1959.





Desculpe, caríssima leitora, inestimável leitor, mas é hora de retornar ao que se falava antes de contar essa curiosidade. Retornemos ao Zé do segundo grau que só queria estar fora da sala de aulas e que, com isso, foi se prejudicando. Sua saída, a solução encontrada para concluir essa fase dos estudos que não fora para lugar nenhum, lógico, tendo perdido tantos anos de estudar, foi fazer o então chamado curso supletivo. Daí deu tudo bem, tudo certo, e foi quando então conseguiu terminar as disciplinas que o levariam ao vestibular. Com isso, veio a ideia de se inscrever para concurso da Polícia Militar; decidira e queria agora ser brigadiano, como o pai e o irmão. Mas aí é outra história lá mais para a frente.



O Carioca

O tempo ia passando, se espraçando, como sempre faz com os elementos, bichos e gente. A vida seguindo em frente com celeridade. Quando havia completado os 18 anos, calcando-se na maioridade, empertigou-se Zé Cláudio. A testosterona em ebulição vulcânica, como ocorre na fase da idade. De repente, pegou uma mochila, bateu pé firme, deu as costas para a porta de casa e foi para a estrada, levando no bolso os poucos recursos que conseguira juntar com sua faina. Pegou carreira para o que era “mítico” em sua imaginação e foi para o Rio de Janeiro de carona com um amigo, dando vazão e o pulo inicial para aquilo que o fascinava desde

sempre, que era conhecer o Brasil de ponta a ponta. No Rio de Janeiro, buscava realizar o sonho de ver as praias, as mulheres lindas que apareciam no cinema e, quem sabe, conseguir um bom emprego e ficar rico.

Até que poderia mesmo ter sido uma grande aventura. Algo dentro da imensidão dos seus sonhos. Acredite, todo esse périplo não durou nem um mês. Depois de ter visto o que tinha ido ver e sem grana, quase que passando fome, sem emprego e sem diversão, decidiu voltar para casa. Seria uma vergonha, sabia, voltar como se fosse um retirante que se deu mal. No entanto, não havia outro jeito a dar. Havia gastado com aquela breve estadia aventureira toda a sua poupança. Levara, para o bem da verdade, a maioria do tempo, tentando arrumar emprego. E olha que qualquer coisa serviria. Nos dias passados lá, ficara morando numa república, por ser mais barato. Namorada nem deu tempo de arrumar. A única moça que lhe deu bola, abriu a guarda, trabalhava na padaria de um português defronte à sua morada, mas ele não gostou muito dela pelo fato de lhe faltar um dente da frente. Olhar isso, a boca, dava gastura. Não conseguia desviar os olhos. A moça era uma simpatia, apesar do detalhe que teimava por chamar a atenção de Zé Cláudio.



Sua estada no Rio de Janeiro foi de puro sufoco, desalento; tendo de buscar meios para se sustentar e manter a aventura, ou firmar-se naquela terra bela e estranha. Uma noite dormindo pesado teve um sonho um tanto quanto premonitório. Sonhou que iria passar imensas dificuldades por falta de recursos econômicos. Que tudo iria piorar. Que ali não estava o seu destino. Já estava, mesmo, naquele momento, enfrentando dificuldades, faltando dinheiro para se sustentar. Foi o que bastou para tomar uma atitude dolorosa, como sendo uma derrota para quem saiu de casa com o topete em pé. O jeito era engolir o orgulho e pôr-se à estrada de retorno. Pegou transporte na rodoviária carioca e seguiu em frente, de volta para seu velho e protetor rincão. Para essa viagem do Rio de Janeiro para Porto Alegre, tinha grana pouca. Dava para a passagem. O resto do dinheiro sequer daria para comprar comida. Calculou, contou, remexeu os bolsos e constatou que a verba prestava somente para consumir dois copos de leite para enganar a fome. Mesmo assim, tinha de ser um copo grande e o segundo pequeno. A fome enorme. Do Rio para Porto Alegre era quase um dia inteiro de viagem. No final da “excursão” sobraram meros 50 centavos. Claro que isso não dava de nenhuma forma para comprar a passagem de ônibus de Porto Alegre a Gravataí. Mas, como visto, a sorte sempre procurou ficar ao lado de Zé Cláudio, e ele, do nada, sem esperar, encontrou um amigo na fila para adquirir passagem na Estação Rodoviária de Porto Alegre. O rapaz ofereceu ajuda e comprou o bilhete que

permitiu a Zé Cláudio pegar a direção de casa. Estava sendo realizada a volta de uma frustrada aventura. Voltava meio abatido para o mesmo lugar de onde saíra cheio de sonhos e fantasias. E voltava ainda com a barriga vazia. Em sua cabeça, entretanto, uma ideia fixa. Aquela seria a primeira e última vez que iria desistir de um intento. Desistir de alguma coisa na vida. Virou um conceito. Questão de honra.

Sua volta foi, primeiro, comemorada com imensa alegria pela família que estava bastante preocupada com sua estada no Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, mas cheia de perigos já naqueles tempos. Foi recebido com satisfação. Tudo bem, mas os amigos, esses sempre eternos irreverentes, não perdoam os que desistem e passaram



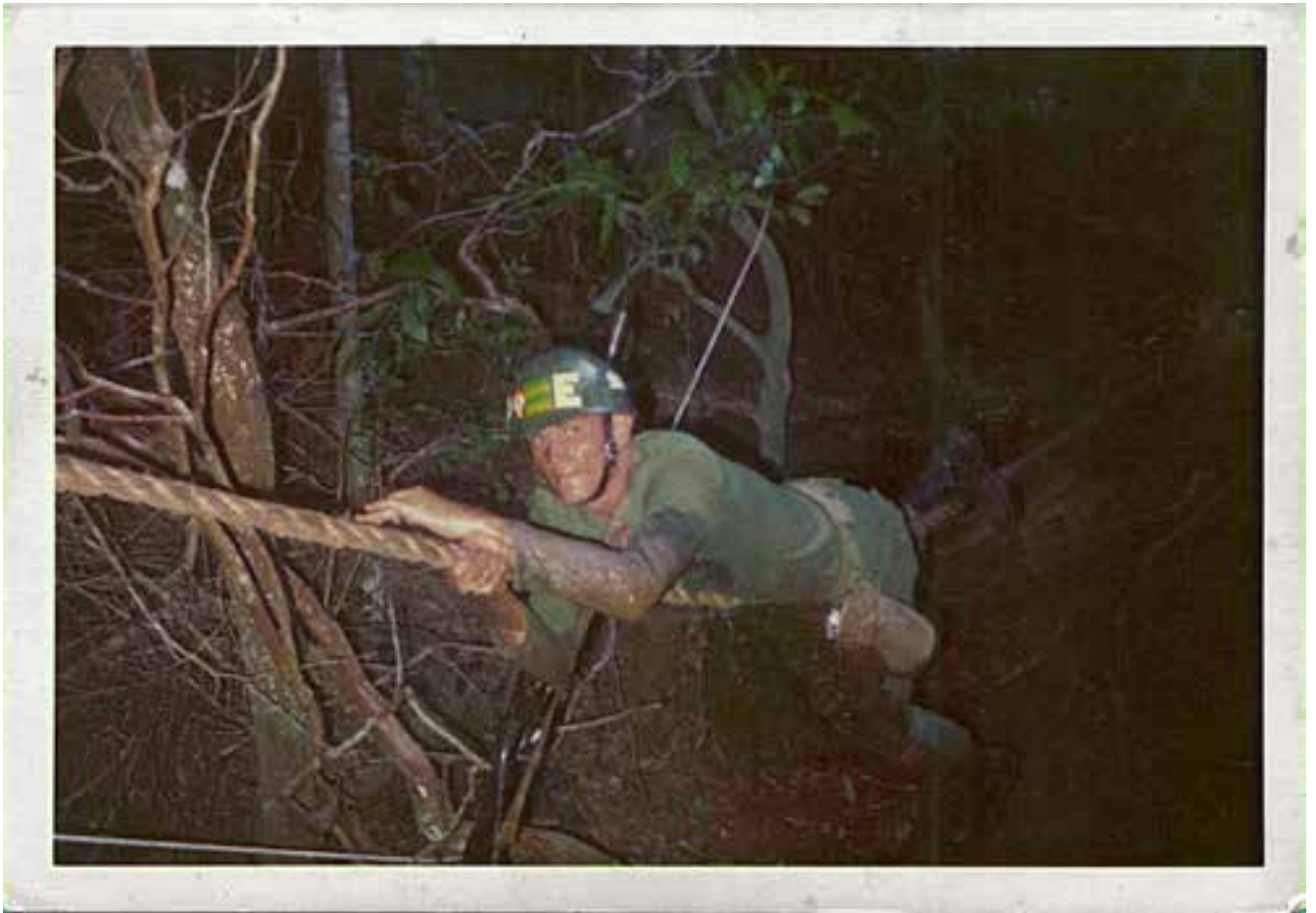
para a zombaria. Zé não aguentava de tanta vergonha que passou perante os conhecidos da sua cidade, que então passaram a chamá-lo jocosamente de “Carioca”.

•••••

Voltemos a falar da sua mudança de atitude, quando decidiu fazer o curso supletivo, por ser importante para a história de vida que se conta. Foi fazendo o curso aos



pedaços, passando em algumas matérias num ano e em outras no ano seguinte, mas conseguindo completar o ciclo e partindo com vontade férrea para fazer o vestibular. Era o ano de 1977 e ele prestava o serviço militar obrigatório no corpo do Exército. Nesta fase, viveu um dos períodos mais marcantes da sua vida, pois, com seu porte, foi determinado pelos superiores hierárquicos que fosse servir no Terceiro Batalhão de Polícia do Exército, em Porto Alegre, num dos departamentos mais importantes, que era o Corpo de Guardas. O serviço militar era obrigatório para quem completava 18 anos de idade, mas para ele era uma realização. Tanto que, para servir, mentiu dizendo que morava em Porto Alegre, escondendo que era de Gravataí.



Queria mesmo entrar na corporação de qualquer jeito e, como não atentaram para verificar sua situação, foi ajuntado. Lá fez bons amigos, lançou-se em aventuras e terminou por atuar como sentinela de segurança durante algum tempo na residência do general Fernando Belfort Bethlem, comandante do Terceiro Exército. Foi nesse período que estudou para o supletivo, completou as matérias e planejou fazer o vestibular para a Academia de Polícia Militar. A brigada do Rio Grande do Sul selecionava os alunos através do Vestibular Unificado da PUC – Pontifícia Universidade Católica. Saiu do Exército buscando novos horizontes. Queria ser brigadiano como o pai e o irmão.







A Brigada

Ser da brigada no Sul do país era uma honraria, por causa da história gloriosa da instituição. Ela foi criada em 1892 e participou como agente de segurança em diversas revoluções, como a Federalista, e tendo destaque durante a Revolução Farroupilha. A brigada, sendo oriunda da Força Policial da Província, também mostrou seu denodo durante a Guerra do Paraguai, conflito que durou de 1864 a 1870, envolvendo a Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, que pretendia tomar pedaços dos territórios do Brasil e da Argentina e ter o controle da importante Bacia do Prata. A Tríplice Aliança saiu vencedora. A Força Policial da Província, mesmo não sendo da sua seara, enviou soldados de maneira voluntária para se agregar ao Exército Imperial do Brasil e defender as fronteiras.

Zé não sabia que naquele átimo, na vontade de se incorporar à instituição, sua vida estaria dando uma nova guinada, como só o destino pode conceber. Foi em frente. Chegou no local da inscrição, preencheu o formulário e o entregou a um tenente da brigada. O oficial olhou, examinou, conferiu, apreciou de novo, chamou-o e disse:



– “Olha, aqui! Você tem de colocar no formulário de inscrição qual é a segunda opção de curso que você pretende fazer. Isso para o caso de você não conseguir os pontos suficientes para entrar no curso da polícia”.



Zé Cláudio não tinha colocado a outra opção, como era de praxe, por saber das suas condições econômicas e da sua família. Nunca passou pela cabeça de ninguém ter um dos seus componentes cursando uma faculdade. Ele se virou e questionou o tenente: “De que me adianta colocar uma outra opção, pois, se eu não passar na PM e passar em outro, não terei dinheiro para pagar a faculdade?”. Ele sabia que para a profissão de militar não havia mensalidade a pagar e tinha plena consciência de que a universidade particular custava muito caro – era para poucos. De família pobre, iria tirar a verba de onde? Era um sonho distante para a sua realidade socioeconômica. Mas era mesmo obrigado a colocar uma outra opção, ou a inscrição não seria aceita. Era o Ministério da Educação quem exigia a indicação de um segundo curso ao fazer vestibular, ou a inscrição seria invalidada, o que não estava nos seus planos. Buscava ter uma profissão a qualquer custo. Já não era mais a criança irrequieta e brincalhona que gostava de ouvir histórias do Boitatá ou do Sepé Tiaraju. Era um adulto pensando em seu futuro e no futuro da família. Tinha também a certeza das reais possibilidades de passar no vestibular e fazer o curso da polícia. Tornar-se oficial já seria um feito em sua vida. Futuro assegurado.

Decidiu, apenas por obedecer às regras impostas e quase que por instinto, colocar lá a opção do curso de Agronomia. Achava que seria mesmo militar, e aquilo pouco importava. Agronomia veio à sua cabeça naquele momento porque nascera e morava numa região de produção agrícola, mesmo que um tanto ainda incipiente, mas situada em área de caráter rural. O vestibular seria em Porto Alegre. Passava os dias por lá, esperando. A brigada primeiro o chamou para fazer as provas de preparo físico nas dependências da academia, local que o deixou extasiado. Mas quase perde as provas. Foi alertado pela tia de que tinha de correr para não ser alijado do processo. Conseguiu chegar ao local e submeter-se ao certame. Ele achou estranho o fato de a polícia primeiro realizar essa avaliação física para somente depois realizar as provas de conhecimento geral. Mas era assim mesmo: primeiro tinha de ver se a pessoa tinha saúde e força, para depois avaliar se o candidato tinha preparo intelectual.

O que ele não se dera conta é que sua mente podia estar preparada, mas o corpo carecia de um bom ajuste para poder passar nos testes. Também, Zé Cláudio Oliveira passava boa parte do seu tempo se divertindo e bebendo com os amigos. Não era adepto de exercícios físicos. Mas lá vai ele fazer a prova física. Tinha certeza que iria bem, apesar do despreparo – de apenas “exercitar” o braço levantando copo nas mesas dos bares –, iria passar. Fez as provas físicas – eram várias provas e poderia ser reprovado em até duas, mas foi preterido em três, pedendo assim a chace de aprovação.

Não estava em seus planos se dar mal. Ver seu sonho escorrendo junto com o suor. Perder a Polícia Militar era uma realidade que se distanciava de sua pessoa. Sabendo do resultado, partiu para fazer as provas do vestibular. Já não contava mais. Tinha a nítida sensação de não estar entre os relacionados e criou um certo sentimento de frustração. Pensava estar ali, no corpo da polícia, seu futuro profissional. Quem sabe, até mesmo dar uma resposta para a sociedade em que vivia. Não deu outra, e lá estava ele sumariamente desclassificado.

Dias depois, qual não foi sua surpresa.... uma amiga invadiu sua casa quase gritando, eufórica, com um jornal Zero Hora na mão: “Zé Cláudio, veja só, tu passaste no curso de Economia!”

Ele, pasmo: – “Mas eu não fiz vestibular para Economia”.
Ela: – “Não! Está aqui...veja.”

Refazendo-se do susto, passado um tempo se ajeitou todo, achando aquilo estranho, e seguiu, sem muita pressa, para o campus da PUC. O pessoal da secretaria o atendeu e também estranhou. Os funcionários procuraram ver aqui e ali e encontraram seu resultado verdadeiro, que fora publicado pelo Correio do Povo. Disseram que havia realmente um engano e que ele tinha passado na segunda opção. Estava habilitado a estudar Agronomia. E foi de pronto avisado que, ou se matricularia logo, naquele mesmo dia, ou perderia a vaga. Ele não esperava por aquilo. Eram as últimas horas para entrar no curso. Para complicar ainda mais sua vida,

ele não tinha ainda em mãos o Certificado de Conclusão do Segundo Grau, não fora agilizar essa questão na Secretaria de Educação do Estado. O documento ainda não estava pronto, seguindo os trâmites burocráticos. Vendo a possibilidade de perder aquela chance que se venturou em seu caminho, então bateu o desespero. A tranquilidade não mais fazia parte do seu estado de espírito e sabia ser necessária uma atitude extrema naquele momento. Era tudo ou nada. Apelou para o funcionário, que era um padre de idade indefinida: – “Por favor, posso falar com o reitor?”

– “Não! Eu sou o vice-reitor e pode tratar comigo. Vamos ao seu problema. Só explicar!”

– “Padre, não posso perder a oportunidade de entrar na PUC” – disse Zé Cláudio, enquanto no seu íntimo sabia da dificuldade extrema que seria obter recursos para pagamento das mensalidades: – “Quero uma oportunidade, por favor!”

– “Mas não tem mais jeito” – retrucou o clérigo.

Zé Cláudio, já beirando o desespero, via a oportunidade lhe escoar pelas mãos, sem que pudesse fazer nada de concreto. Fez um último e emocionado apelo:

– “O senhor não vai dizer assim... não vai deixar essa situação assim... não pode deixar de pensar no meu problema... não pode agir dessa forma, porque o que vai acontecer daqui para a frente é uma coisa muito mais grave. Eu vou sair daqui descrente de Deus, dos homens de religião, da Igreja Católica”.

O vice-reitor não esperava algo tão forte dito por um jovem estudante, que prosseguiu em sua peroração:

– “Entenda o senhor que eu estudei demais todos esses anos. Eu não acho justo ser excluído por não ter em mãos um documento em que dependo de outras pessoas, da burocracia, para receber. Vocês têm que me dar uma oportunidade, me dê um tempo”.

Nossorapaztinha, acredite, sedado conta e agora defendia com unhas e dentes o seu direito. Tinha, na realidade, entrado na lista dos aprovados após o remanejamento que ocorria nas faculdades, com a alocação de cada aprovado em suas respectivas cadeiras, desistência, impossibilidades e outros fatores determinantes.

– “Me dê um tempo” – falou o vice-reitor depois de ouvir, olhar, atentar e se admirar de tanta invocação. Daí a pouco sumiu, voltou, mandou esperar mais um pouquinho, retornou e mandou que subisse ao quarto andar do prédio.

Zé subiu ligeiro, coração acelerado, e foi atendido por um dos funcionários que, logo se viu, mandava no setor. Ele ouviu toda a defesa, e de novo o apelo, e decidiu dar ao rapaz um prazo para a matrícula. E, numa atitude simpática, falou que ele só aparecesse de novo naquele setor quando estivesse formado, que era para pegar o diploma de agrônomo. Foi mais uma vitória obtida a duras penas e, a partir daquela hora em diante, não mais perderia tempo. Havia jurado que jamais iria desistir de algum intento e era hora de provar. Mas a agonia agora, que o deixava bastante tensionado, era a questão da verba para pagar a escola.



O destino

Claro que pode ter parecido até agora que Zé Cláudio somente se interessou em fazer Agronomia por não ter passado nas provas para a Polícia Militar. Se o(a) caríssimo(a) leitor(a) prestar atenção, vai ver que lá num pedaço anterior deste tomo, falou-se de um menino que ficava vidrado, atento, admirado, vendo os documentários que passavam antes ou entre os filmes no velho cinema pulguento de Gravataí. Ficava observando e admirando as terras brasileiras, o mapa do Brasil e, especialmente, a região da Amazônia. Gostava daquele imenso lençol verde com sua magia e mistério, suas aventuras e sua riqueza florestal. A imensa terra. Terra única a ser desbravada e tratada com carinho. Gostava de brincar no terral, no quintal de casa, na horta, plantar e entender o plantio como o avô lhe ensinara e faziam juntos. Portanto, se não ficou mais que esclarecido, agora o ficará. Era líquido e certo que a Agronomia, a Geografia e o ambiente, dentre tantas vertentes ligadas ao chão, faziam parte do seu imaginário. O que deixava essa vocação em segundo plano, numa espécie de limbo defensivo, era o fato, o pragmatismo, de saber que não havia como custear os estudos superiores, ainda mais numa faculdade conceituada como a PUC.



Mas, para tudo se dá um jeito quando a vontade é muita e a coragem se sobrepõe. A família assumiu seus interesses, a luta de Zé para fazer a tão inesperada faculdade. A família percebia com clarividência oportuna que aquilo poderia ser o começo de um processo para que fosse redimida sua situação na escala social, por ter um dos seus membros na condição de universitário, o que à época era algo de difícil acesso para a maioria da população brasileira. Existem pouquíssimas faculdades particulares. Poucas universidades federais. Era um tantinho de vagas ofertadas para uma imensidão de alunos interessados. O vestibular sendo considerado um funil ou um rolo compressor. Havia, por exemplo, cursos como o de Medicina, que oferecia uma vaga para cada 30 alunos que a almejavam. Agronomia era uma vaga para 12 alunos, isso entre os anos 1960 e 1970. No período citado, o número de vagas no ensino superior era cinco vezes inferior ao número de candidatos que as disputavam.

A família de Zé então se reuniu, discutiu, avaliou e uma parte que tinha alguma condição, por menor que fosse, se cotizou para auxiliar o universitário, que estava inscrito e com cadeira na PUC de Uruguaiana, por sinal a primeira faculdade de Zootecnia do Brasil. O pai e a mãe venderam alguns bens. Sua tia Maria mandou um dinheiro. A tia Terezinha também. Juntou-se a tão essencial verba. Zé ficava acabrunhado, achando que não era justo. Achava que estava tirando o que comer da boca dos pais, dos parentes, e queixava-se, achando “uma tristeza essa situação”. Mas tinha de seguir em

frente, de olho no futuro que seria também de todos. Os pais, por sua vez, estavam mesmo orgulhosos e felizes.

Com a vaquinha familiar ficou pelo menos garantido o pagamento do primeiro semestre da faculdade. Depois se pensaria no resto, nos semestres posteriores. E, mais uma vez, a benfazeja sorte de Zé Cláudio o fez conseguir – não sem muito esforço e demandas – ser inserido no chamado Crédito Educativo. Para se saber, o Crédito Educativo ou Creduc foi criado em 1975, justamente para garantir a concessão de empréstimo a estudantes para o pagamento de mensalidades e o custeio de despesas durante o desenvolvimento do curso de graduação. O Creduc passaria a ser pago de volta meses depois de formado. Ali estava garantida a formação de Zé Cláudio, o jovem que – assim como tantos outros pelo Brasil afora –, por ser pobre, não tinha esperanças de fazer uma faculdade. Nunca fora sua expectativa alcançar esse patamar. Sua visão imediatista, antes da surpresa de passar no vestibular para Agronomia, em segunda chamada, como se viu em capítulo pregresso, era mesmo ser militar, por ser considerado um emprego de “salvação”. Acrescente-se ao fato de que a brigada era uma saída honrosa para uma pessoa que botava mão na obra, nas coisas braçais, e não tinha habilidades para o trabalho burocrático. Um cara que, quando conseguiu trabalho num bureau, arrumou até de quebrar uma máquina de datilografia, que, excetuando-se o prejuízo e a vergonha, é até algo que, convenhamos, chega a ser engraçado.

Mas o ex-servente de obra entrara de cabeça, com toda vontade no curso de Agronomia. Não podia deixar passar a oportunidade de ascender em todos os sentidos. Lá dentro foram cinco anos de dedicação aos livros, ralando, como se diz no popular; dedicando-se, estudando, pesquisando, envolvendo-se cada vez mais com a formação. Mas nem tudo foram flores e, logo na entrada na PUC, viu-se envolvido nas questões políticas que pululavam no período em todo o país. Época de contestação. A situação política do Brasil não estava agradando aos estudantes. Isso vinha desde anos antes. No ano de 1979, quando Zé Cláudio fez o vestibular, a questão que se discutia era ainda a presença de um militar na direção do país. Foi quando tomou posse na presidência o general João Baptista Figueiredo. Seria o 30º Presidente do Brasil. Por coincidência, o último presidente militar. Ele governou até 1985.

Os estudantes buscavam sair da questão do vazio político que demarcou os anos 1970. A baixa qualidade do ensino, os valores altos das faculdades particulares e a falta de vagas nas universidades entravam no rol das preocupações que vinham sendo debatidas e geravam protestos contínuos. O que levava à insatisfação era que, para citar um exemplo, para uma população de quase 100 milhões de habitantes, o número de alunos nas universidades não passava de 425 mil. Havia no ar um clima de contestação permanente.

Saliente-se que, no mesmo período, o Brasil dava uma guinada inesperada em termos de ocupação econômico-social. Se nos anos 1950 mais de 60 por cento da população estava situada na zona rural, nos anos 1970 tudo gira como um redemoinho de vento pampeiro e 56 por cento da população passa a habitar nas zonas urbanas. Claro que, com isso, as expectativas para a educação aumentaram exponencialmente. Era preciso, cada vez mais, a criação de vagas nas escolas, em todos os níveis. Foi um período de greve nas faculdades de todo o país, com o apoio das forças políticas consideradas de esquerda.

Logo em seus primeiros meses na PUC, Zé Cláudio, também um ser com alma de contestador e que nunca fugia à peleia, de repente se viu envolvido, participando da série de greves que pediam por melhor qualidade do ensino. Na sua turma, só ele provinha de uma classe menos abastada, um pedreiro, um faz-tudo, um pau-para-toda-obra. E isso criava, até certo ponto, algum constrangimento naquele meio de pessoas de outra classe social. Mas ele sabia que as greves, as passeatas, os protestos e o movimento reivindicatório eram necessários. Para piorar a situação em Uruguaiana, o clima se exacerbou quando a Câmara de Vereadores do município posicionou-se contra o movimento dos estudantes. Criou-se um estado político tenso. Não bastava a questão do país e agora surgia a cizânia na paróquia. Os estudantes ficaram ainda mais

desembestados, elevando o contorno de questionadores em vários sentidos. À época, era quase proibido falar mal do ensino em qualquer parte do país, pois até os meios de comunicação sofriam controle oficial. Mas a situação causava desgosto. Na casa de Zé Cláudio, os parentes estavam insatisfeitos com ele; até certo ponto, bravos. Diziam quase que em uníssono: “Você tem de dar graças a Deus de estar em uma faculdade”. Mas o ensino era muito ruim mesmo. E haja greve. No fim da batalha que era considerada como insana os alunos venceram. Conseguiram melhorar a situação. No pulso. Na marra.

*Câmara Municipal
de Uruguaiana*





Rua Uruguiana - Anos 60



Voltando à questão da sua formação profissional, após a normalização da situação acadêmica e econômica, Zé Cláudio se inteirou das reais possibilidades de seguir em frente escolhendo, para isso, dentro do curso de Agronomia, uma área adequada para desenvolver sua aptidão visando o futuro laboral. Eram várias as possibilidades dentro da carreira. Agronomia é, cada vez mais, uma área de atuação muito ampla. Podia trabalhar, quando formado, como pesquisador em instituições públicas ou privadas, no setor de vigilância sanitária, planejamento em emprego nos bancos de fomentos, na área de análise de financiamento ou mesmo colocar de novo a mão na terra. Mas, como afirmado, ele quis sempre uma coisa. Tinha alma de bandeirante.

Uma Rosa.
Uma Flor.
Um Ser
Iluminado.





Zé Cláudio sobrevivia em Uruguaiana praticamente fazendo bico, trabalhando na lavoura e no que aparecesse e gerasse alguns recursos. Os pais continuavam a ajudar dentro do possível, até quando, ele, de surpresa, anunciou que iria casar com a namorada que conhecera e cujos corações se harmonizaram na seara da faculdade. Estava decidido, sendo levado de roldão por uma grande paixão que o seguiria pela



vida afora. Quando se casou, os pais pararam de mandar dinheiro. Rosa mantinha a casa enquanto ele buscava fazer os trabalhos que aparecia em sua área. A vida ia melhorando aos poucos e, como já estava num estágio um tanto quanto mais avançado do curso, encontrou bom emprego num engenho de arroz, contando com a ajuda do empresário Marco Aurélio Rodrigues.

Estava em sua experiência de vida trabalhar em cultivo. Boa parte do tempo em Uruguaiana se envolveu



Revolução Farroupilha

na prática da lavoura inundada de arroz. Ganhara gosto e expertise. Arroz sempre fora o forte na região de Uruguaiana, sítio surgido do desmembramento de Alegrete, isso ainda no século XIX, tempo da Revolução Farroupilha. Uruguaiana, em todo o Rio Grande do Sul, era a única cidade fundada pelos farrapos. Em sua economia sempre se destacaram o arroz – é maior produtora do continente – e a criação de gado vacum.

Tudo seguiu bem durante sua estadia na PUC. Foi o momento em que mais cresceu como pessoa em toda a vida, face ao ambiente multicultural; tinha gente de tudo quanto era lugar; uma vida social ampla e diversificada, claro que dentro das possibilidades financeiras de cada

um. Era uma existência muito ativa e cheia de desafios. Foi um período muito bom o da faculdade. O da graduação, aprendizado e da evolução intelectual. E mudou para melhor, ganhou mais consistência e objetivos quando Zé Cláudio conheceu aquela personagem mais que especial; um sonho vívido. Aos poucos interagiu, envolveu-se completamente, baixou a guarda, abriu o coração e o entregou de vez. Tudo auferia uma nova coloração, um outro sentido, quando se apaixonou perdidamente por aquela prenda, uma excepcional garota que viria, logo a seguir, a ser sua esposa. Algo de uma vida inteira. Um filme romântico, dramático e envolvente de longa duração.



Era, sempre, um buquê de rosas. Várias vermelhas e entre elas três rosas brancas. Mas, por que essa tradição criada por Zé Cláudio? Claro que iremos saber.

Antes é bom viajar na imaginação. Viajar na pétala da rosa. A rosa é flor de imenso simbolismo nas culturas do Ocidente e do Oriente. Coisa de poeta. Parte de mitologias e consagrada a muitas deusas, como a grega Afrodite e a romana Vênus, deusas do amor. É também no cristianismo o símbolo da Virgem Maria, a imaculada. Mãe.

Quando Afrodite nasceu das espumas do mar, a espuma virou a rosa branca, que significa a pureza e a inocência. Certa feita ela arranhou o dedo num espinho e o pingo de sangue caiu sobre as rosas brancas que ficaram rubras.

Nasceram as rosas vermelhas: símbolo do amor. E todas as rosas representam Flora, a deusa da primavera.

Zé Cláudio tinha noção do simbolismo da rosa. Não se pode dizer que ele venha a ser um romântico na essência do termo. Mas é um personagem devaneador no seu jeito e sempre sedutor em seus gestos simples. E, quando tinha seus “ataques” de romantismo, surgia em casa com o buquê de rosas vermelhas e brancas, que traduzia em seu gesto o amor pela esposa e pelas três filhas. Amor indomável. Natural. Sem necessitar de maiores explicações. A mulher se desmanchava em sentimentos antigos e novos ou remoçados. Emoção perene, sem outras instâncias.

Seu nome era Rosa de Oliveira. Ele a conhecera por mero acaso do destino, como diria um poeta seiscentista. Zé costumava frequentar o laboratório de química da PUC, e lá estava ela trabalhando. Observou-a sutilmente, ia e voltava várias vezes, sob vários argumentos. Foi amor à primeira vista. Foi se chegando, ganhando a confiança e, quando menos esperava, estava casado. Casou-se com apenas 22 anos de idade, antes mesmo de estar formado. Mas isso o ajudou, e muito, a seguir em frente. Veio a se formar e receber o diploma no ano de 1984, com 24 anos de idade. Zé Cláudio lembra que, durante o período de namoro, ia lá conversar com ela, que achava estar ele indo ver outra moça do setor e não desconfiava do interesse dele por ela.

Para começar o namoro foi preciso acontecer um sonho porque ele não tinha coragem de se declarar. Numa ocasião, sonhou que, cheio de garbo e coragem, convidava-a para jantar. Contou do sonho para os colegas, que já sabiam da sua paixão. Ficou pensativo durante o período do café da manhã. Quando se levantou da mesa, agora tomado por uma coragem que não sabia de onde vinha, mas que aquecia seu coração, disse aos amigos que iria conferir a situação. Entrou pisando manso no laboratório, encontrou com ela e passou a perguntar expressamente cumprindo o mesmo roteiro que havia visto no sonho da noite anterior. Para sua absoluta surpresa e pasmo, conforme ia perguntando as coisas que rememorava como tinham se passado durante a noite, ela respondia igual ao sonhado. Parecia até que ela tinha sonhado o mesmo sonho.



Nov./2022 -
Zé Cláudio visitando
local onde conheceu
Rosa, sua esposa

Ele estava visivelmente, nesse momento, emocionado e todo arrepiado com aquela situação análoga. Não deu outra. Ali estava sua cara metade. Juntaram as almas. Logo se casaram. O namoro não durou nem um ano. Ele tinha a certeza, confirmada, como só o tempo pode dizer, que ali estava realmente a mulher da sua vida. Literalmente, a mulher dos seus sonhos. Sua estrutura emocional e afetiva ganhando prumo, rumo a uma outra perspectiva de vida. Casaram no dia 9 de julho de 1982, numa festa singela e cheia de amor e emoção na igreja de Nossa senhora do Carmo,



Igreja de Nossa Senhora do Carmo

sem nunca perder sua ternura. Pessoa atenciosa, amorosa, cheia de bons sentimentos e com boas ações. Aquela pessoa a quem se ia em busca de ajuda ou mero conselho. Um colo. Um abraço. Um enxugar de lágrima. A palavra certa.

em Uruguaiana. Sempre lembraram da data. Um sonho, literalmente, verdadeiramente realizado.

Rosa na experiência, visão e trato da família (vieram a ter três filhas: Luciane, Camila e Luana), sempre foi uma pessoa doce. Ela nasceu no dia 6 de março do ano de 1957, na cidade de Uruguaiana. E olhe a coincidência: data em que nasceu, no século XIII, na Itália, a santa de nome Rosa da Viterbo. Padroeira das mulheres e dos jovens.

Dona Rosa, como era tratada em deferência à sua postura maternal, era uma mulher de personalidade forte



E foi com essa mulher que seguiu junto a mesma rota. Traçaram, juntos, o mesmo caminho mundo afora em busca de vida, de realizações e enfrentamentos. Passaram por aventuras e desventuras em cinco estados brasileiros como só o fazem os casais de pioneiros; e pararam no Oeste. A família se instalando, crescendo e vencendo.

Não foram fáceis os primeiros anos de vida de Rosa e Zé Cláudio. Foi preciso enfrentar o tempo e temporais. Mas quando veio a bonança era a total dedicação ao esposo e às filhas. Inteligente e sem medo de enfrentar novos desafios, estudou o primário no Colégio Estadual Dom Hermeto e depois prosseguiu mais à frente, no Instituto Estadual de Educação Elisa Ferrari Valls, em sua cidade natal. Concluiu o segundo grau no Colégio Antônio Geraldo, em Barreiras, onde se enfronhou mais ainda nos livros – algo que gostava por demais era a leitura - e saiu formada no curso superior de Pedagogia pela UNEB, também em Barreiras. Enfrentamento era algo da sua natureza.

Mas era mesmo uma mulher sossegada e forte que também gostava de cozinhar, fazer bolo, cuidar da prole, relacionar-se com as amigas. Foi ativa professora e excelente dona de casa. Era atuante, principalmente na parte administrativa da JCO, mas sua vida não se limitava aos itens citados. Um dos seus hobbies era comprar plantas e flores, que tratava com muito esmero. Suas flores favoritas eram as orquídeas e as rosas do deserto. Gostava de bichos, de todos os animais, e cuidava deles. Mas, sua vocação primal era gostar de gente. Estar com as pessoas de quem gostava e criar empatia com as que apareciam.

Adorava andar pela cidade e interagir com as pessoas. Conversar e se divertir com as amigas. Com as crianças tinha um olhar especial. Chamava as crianças que encontrava, dizia sempre “venha falar com a vovó” e se deliciava com o sorriso delas.

Mas, um dia, uma névoa intensa tomou conta da família. Uma nuvem espessa se apossou da felicidade. Envolveu como um manto cinza aqueles a que ela traduzia seus gestos de positividade - ela uma mulher que era muito amada pelos filhos e marido e por quem os de fora da família tinham os melhores sentimentos e respeito. A bruma mostrou seu lado ruim. Rosa, depois de avaliação médica, ficava sabendo que teria de enfrentar uma nova saga. Estava com câncer. A tristeza assomou a todos, mais ainda, intensamente, por se tratar de uma mulher ainda jovem e que mostrava toda força, vontade de viver, criar e realizar.

O câncer foi descoberto no mês de outubro de 2020 e começou a se submeter à quimioterapia. Respondeu bem por três meses, voltou a cuidar das plantas, a dirigir o carro, levar as netas para a escola, para o balé, para a diversão, mas, em seguida, a doença voltou a agora a enfraqueceu.

Ela continuava, apesar dos pesares, com suas características atitudes fortes e não se deixava abalar; dizia que tudo ia ficar bem; não deixava transparecer nada para a família, procurando preservar a todos do seu sofrimento físico e interior. Era uma guerreira nata. Não ficou amarga e sempre se mostrava agradecida à vida.

Era realmente muito apaixonada pelo marido e ficaram mais juntos e unidos quando da doença. Mostrava sua paixão a todo instante e os familiares lembram que, durante sua estada, em seus últimos dias num hospital de Brasília, não tirava os olhos amorosos do marido. Um dia, Zé Cláudio, que todo o tempo segurava sua mão e estava sempre emocionado com aquele amor que sempre foi algo vivo e espontâneo, disse para ela: “Vou ali”.

E ela mesmo enfraquecida murmurou:

- Vai embora e não vai me dar um beijo?

Só que ele estava indo ao banheiro. A família presente se divertiu com a cena. Uma família que sempre foi muito unida e que se uniu ainda mais em torno da matriarca.

Zé Cláudio lembra de tudo, de todo sofrimento e da perda do seu grande amor. O amor de toda uma existência. Não esquece dos seus últimos dias no hospital de Brasília onde ela viera a falecer. Ele revela que o amor verdadeiro que conheceu foi com ela. Amor sublime, verdadeiro e instintivo. Ao longo da vida a dois ela sempre teve a superioridade de enfrentar suas idiossincrasias e sempre o receber de braços abertos. Companheira de debater todos os assuntos, de discutir as coisas em todos os setores que diziam respeito à família, dos investimentos em trabalho e elevação espiritual. Foi para ele e para a família um exemplo de vida.

Ele lembra dos períodos difíceis, quando, por exemplo, para sobreviver, ele climatizava banana e ela as vendia, dirigindo por Barreiras o carro Fiorino. Lembra do seu apoio

nas aventuras e epopeias, nas diversas regiões onde foram morar até se instalar e tudo dar certo em Barreiras. Zé Cláudio tem uma afirmação para caracterizar Rosa Oliveira em sua vida: “Meu porto seguro”. Infelizmente, dona Rosa de Oliveira veio a falecer no mês de setembro de 2022. Mês da chegada da primavera.

Ele passou toda uma safra nessa empresa, ajudando e aprendendo, desenvolvendo seu talento. Safra passada plenamente ao lado do empresário Marco Rodrigues,

Galeria da Memória Afetiva



COLOCA
QUANTO
FOTO

Com a mãe dona Iracema
Fernandes de Farias



Sempre gostou
de crianças



Rosa
e Zé Cláudio
na Chácara
Rosinha



Numa festa de
São João



Com as filhas:
Luciane, Camila e Luana

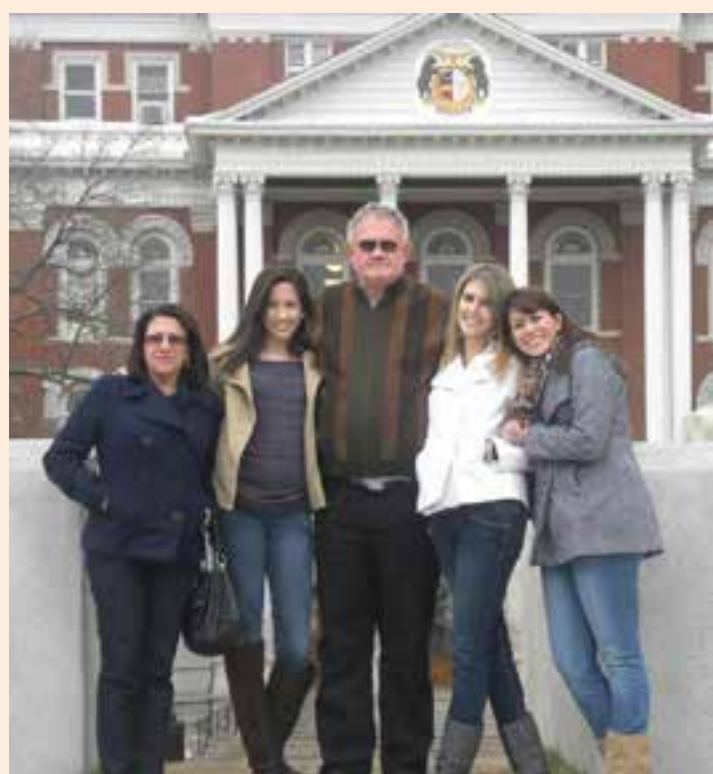


No casamento
da filha Camila

Um belo
encontro em
família



Suas filhas queridas



Em viagem aos
Estados Unidos



Com a família
nos Estados Unidos



Crianças e animais também
faziam sua felicidade



Nov./2022 - Zé Cláudio no interior da igreja
onde casou com dona Rosa

1984 - Cerimônia de Colação de Grau





O Agrônomo

Voltando ao percurso de vida de José Cláudio Oliveira, pode-se considerar que, academicamente, é o período que José Cláudio passou na faculdade, foi muito satisfatório. O curso era bom, bem dirigido, focado realmente na profissão e em suas variáveis. Ampliava-se o leque. Abriam-se novos horizontes. Concomitantemente com a graduação, ele aproveitava as possibilidades e fazia períodos de estágios, preparando-se para o que estava por vir quando realmente possuísse o diploma de agrônomo. Antes mesmo de se formar, já conseguira, ali mesmo em Uruguaiana, como foi dito no capítulo anterior, emprego num grupo empresarial especializado na plantação de arroz inundado. Não fora contratado oficialmente na especialidade, embora atuasse como tal. Tanto que seu presente de formatura dado pela empresa foi, justamente, assinar sua Carteira de Trabalho como agrônomo. Momento em que vibrou muito de satisfação. Vida seguindo.

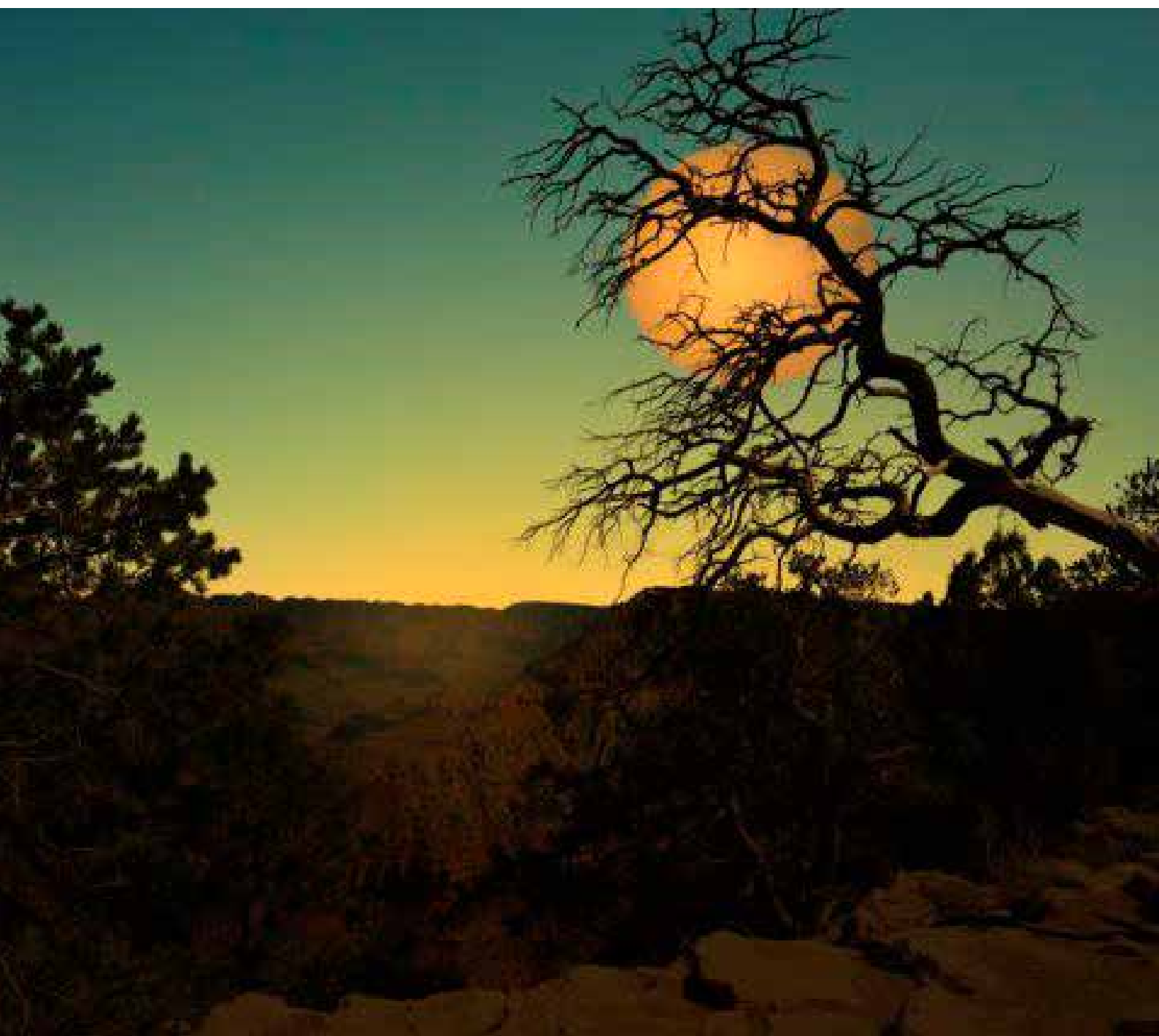




já falecido. Estava satisfeito com a sua situação, que oferecia uma nova realidade em termos financeiros e social. Já tinha constituído família. Tinha bom emprego. Havia-se formado. Tinha a absoluta convicção de que, como diz a frase positiva, “o céu é o limite” na vida do ser humano. Era mesmo o orgulho da mãe e do pai por ser o único formado na família original. Tinha o respeito dos amigos, dos novos e antigos vizinhos, da sua comunidade e dos seus pares. Interessante, falando mais uma vez da sua família, logo depois de Zé Cláudio, uma irmã também entrou para estudar

numa faculdade e se formou em Letras. Outra irmã veio em seguida e também começou a faculdade, mas no meio desistiu, por ter vislumbrado que sua carreira seria mais interessante como empreendedora. Entrou para valer no ramo empresarial da beleza e, aos poucos, foi-se transformando na cabelereira mais requisitada e mais famosa de Gravataí. Acertara na escolha.







A mudança

A vida de Zé Cláudio Oliveira seguia bem e a passos largos, mas ele continuava aquela pessoa sempre irrequieta. Mesmo com toda a labuta, o seu olhar estava sempre voltado para aquilo que ficara entranhado em seu coração e memória, com origem no passado de criança. Ele se pegava sempre perdido em seus pensamentos e, vez em quando, olhando o mapa do Brasil. Achava que um dia ainda iria romper estrada, pegar caminho e sair mundo afora, como um “bandeirante” moderno, um aventureiro do novo tempo, um desbravador de sertões. Penetrar nas florestas, nas matas ou nos gerais.





Foi quando conheceu Antônio Ramos, gerente de lavoura que atuava em Uruguaiana, mas que, juntando-se a dois outros produtores, decidiu comprar uma grande área na região de Dianópolis. Uma cidade cheia de história, surgida no século dezoito em Tocantins e que estava se destacando economicamente na agropecuária, turismo e geração de energia elétrica. Eles falavam o quanto era bom investir na região, que entrava em franco crescimento. Ouvindo a conversa deles, foi aí que deu mais vontade de sair para outros rincões. O empreendimento dos sócios que eram colegas de Zé Cláudio estava na mesma região da Fazenda Manto Verde, que hoje é projeto de irrigação do governo. Zé foi formalmente convidado a entrar no processo e, como diz o jargão popular, “foi a fome com

a vontade de comer”. Decidiu arriscar tudo, pegar a estrada, saindo de Uruguaiana em direção a Dianópolis, agora, sim, fazendo valer algo do seu velho sonho de ir para onde seu coração mandava. Não teve problemas, foi recebido, ganhou emprego e passou a trabalhar na Manto Verde. Tudo ia bem, mas a vida dá suas voltas ou, como se dizia em sua terra de grandes personagens históricos, “o tempo está sujeito ao rodeio do vento”. A fazenda indo econômica e administrativamente muito bem; produzindo, dando mostras de pujança, crescendo, vendendo, gerando riqueza. Mas, do nada, os proprietários perderam a bússola. Os donos da Manto Verde entraram num pernicioso processo de vida e numa verdadeira sina de jogatina. Apostavam. Até que, certa vez, estando na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, participaram de um evento com corrida de cavalos. Apostaram 600 mil dólares numa “barbada” – como se diz quando se “descobre” um animal que sempre ganha com facilidade deixando os competidores para trás, comendo poeira. Os titulares da fazenda perderam a corrida e o dinheiro. Entraram em absoluta falência. Quebraram de vez o negócio.

Com isso, Zé não tinha mais como ficar na fazenda. Não havia o que fazer. Continuava ainda ajudando no trabalho, mas já não havia certeza e nenhuma segurança do emprego. Foi quando aquele amigo de Uruguaiana, que despertara sua decisão de ir para Dianópolis, o gerente de lavoura que se juntara a mais dois para instalar seu empreendimento, decidiu também por montar uma serraria. Zé Cláudio, ali, colado. Passou a atuar junto.

Até que, tempos depois, ele definiu que era hora de mudar de rumo de novo. Partiu de Dianópolis de malas e cuias para tentar a sorte no Norte de Minas. Conseguiu emprego logo na chegada, na cidade de Carbonita, onde havia ampla agricultura com ênfase na plantação de eucalipto. Trilha de vida seguindo em frente. Mas, de novo, parecia que havia um Saci-pererê em seu caminho, e o plantio de café, que dependia de chuva, ficou ao Deus-dará. A temporada de chuva não chegou. O projeto do café também não deu certo. Com isso já se haviam passado dois anos em Minas. Zé Cláudio, indócil, teve um insight, reavaliou sua situação e decidiu voltar para o Tocantins. Por lá foi ficando trabalhando em vários projetos, até que conseguiu afazeres com uns

Carbonita



empregadores paulistas que queriam produzir arroz e depois soja na mesma região de Dianópolis. Tudo indo bem. Mas, pode acreditar, parecia mesmo que quem o acompanhava, sempre, era o temido vento pampeiro, aquele que traz tempo ruim, soprando de través em sua vida, criando embaraços a cada passo dado; impondo dificuldades. Isso, justo quando conseguia se estabilizar. Passado um período, os paulistas agricultores também quebraram.



Com a derrocada deles, novamente perdeu o emprego. Tinha de mudar de novo de rumo. Viu que o lugar mais perto para ir arriscar, ver se conseguia emprego, era a cidade de Barreiras. Chegou no território baiano cheio de esperança e com muita força de vontade. Jogando sua sorte na velha região Oeste da Bahia. Era exatamente o início do ano de 1987. Foi num mês de janeiro que outra aventura começaria a ser contada. Uma jornada epopeica a ser delineada.

Primeira Empresa





O investimento

Não tinha nenhuma perspectiva de emprego, nenhum convite, só um vago contato e sequer sabia da real situação da região de Barreiras. Abordava com a bagagem para se instalar e pôr-se a procurar onde trabalhar. Na cidade estava um colega agrônomo, conhecido como Ubaldo, atuando na fazenda Imperial Agropecuária Provárzea. Lá estava voltado a realizar um projeto de irrigação. Foi procurá-lo na Plasteca, que era a empresa dele e, com isso, conseguiu ser indicado para trabalhar com Luís Ricardi na Agrocél, localizada entre a divisa de Barreiras com o Tocantins, empresa-master das fazendas Odisseia, Canaã e Trento.

Tempos depois foi convidado e passou a atuar na Copergel. Em seguida tomou a iniciativa de montar a Terraplana para revenda de agro-químicos. Foi o tempo passando e Zé procurando diversificar suas atividades. Uma dessas foi investir numa lavoura de arroz junto com o Paulo Schmidt em uma fazenda do agricultor Antônio Albino.





Desacertou e perdeu toda a lavoura, pelo simples fato de não ter sido feito o básico, que seria atentar-se para as possibilidades de uma surpresa do tempo. Era tido, havido e pensado que, na época do plantio, não iria chover. Mas choveu além da conta e o arroz apodreceu. Na realidade, era uma época em que a previsão do tempo ainda tinha muitas falhas e os agricultores tinham dificuldades em obter informações meteorológicas reais. Tudo era feito ainda de forma empírica. Os lavradores, por sua vez, ainda não sabiam nem mesmo que variedade plantar ou diminuir o ciclo. Choveu durante um mês inteiro em fevereiro, quando se esperava chuva para março. Foi uma grande enchente a levar de roldão o investimento. O prejuízo para Zé Cláudio e associados chegou a um patamar atualizado de quase um milhão de

reais. Dinheiro que o produtor Paulo Schmidt financiou. Foi um drama, mas o Paulo viu a situação inesperada e, como se diz no jargão futebolístico, “matou no peito”. Sabia que havia arriscado e perdeu. Todos perderam.





Voltando à sua chegada em Barreiras, o que Zé Cláudio tinha sobre a região era uma parca noção da realidade. O que sabia foi obtido logo nos primeiros dias de estada. O que ouvia dizer. O próprio pessoal da terra dizia que Barreiras ia quebrar, que os investimentos aplicados ali não dariam certo porque era uma área de terreno muito arenoso, impossível para aplicação de lavoura intensiva. Até mesmo a agricultura de subsistência era algo difícil de se levar em frente.

Logo de início, Zé ficou com a impressão um tanto que negativa de onde estava. Tinha percebido a cidade-sede como pequena e cheia de problemas sociais e de infraestrutura urbana. A cultura regional diferente da sua de origem. Esgoto a céu aberto. Maioria das ruas sem asfaltamento.

O hotel onde parou não tinha muita estrutura de atendimento. Ficava no lado direito da pista de quem chega pela BR. Tinha um outro hotelzinho, nas proximidades, mas soube que lá tinha ocorrido um tiroteio certa vez. Preferiu ficar onde estava até ter condições de se mudar para um lugar com melhor estrutura.



Ainda sem a força econômica que almejava, a região Oeste plantava cerca de 120 mil hectares de lavoura (hoje alcança mais de 2 milhões e meio de hectares).







O comércio local era pequeno. No setor produtivo não havia nem um único esmagador de soja. Não tinha nada. A cultura principal ainda era o arroz de sequeiro. Vivia-se basicamente do Proagro – Programa da Garantia da Atividade Agropecuária, que ajudava na compra de insumos durante o período do plantio e amparava nos casos da perda da produção.

Ninguém sabia o que plantar ao certo. Enfrentar todas essas questões e as adversidades foi um verdadeiro ato de coragem pessoal de Zé Cláudio. Tinha passado pela fazenda de Luís Ricardi, depois pela Copegel, depois montaria uma revenda de insumos, de nome Terraplana. A empresa conseguiu se manter durante pouco tempo até que os sócios decidiram se dividir por terem outros planos.





Com essa nova fase, nosso personagem teve a percepção da necessidade de virar consultor. Seria na marra. Iria passar a ser assistente técnico. Para esse feito, o primeiro contrato foi com a família Closs. Jorge Luiz Closs plantava soja e ele começou a dar consultoria. Tudo começou a dar certo novamente e, aos poucos, foi conquistando novos clientes. Atuou como consultor por um bom tempo.

Sabia, como engenheiro agrônomo e agora como consultor, tudo sobre lavoura: plantio, adubo, sementes. Conhecia bastante e investiu no trabalho com o feijão irrigado. Já neste tempo, o que mais despertava sua



atenção e o intrigava como especialista era o fato de que as raízes do feijão morriam e apodreciam por mais tratamento considerado adequado e científico que se fizesse. Aquilo causava preocupação constante diante do enorme prejuízo nas lavouras e Zé Cláudio “quebrava” a cabeça em busca de uma solução. Estudava o assunto. Pesquisava e nada, nem mesmo na literatura científica, quiçá na aplicação de uma nova metodologia. Não entendia o porquê da questão, uma vez que estava a par de tudo o que se fazia pelo mundo todo para evitar que acontecesse o problema com o plantio do feijão.





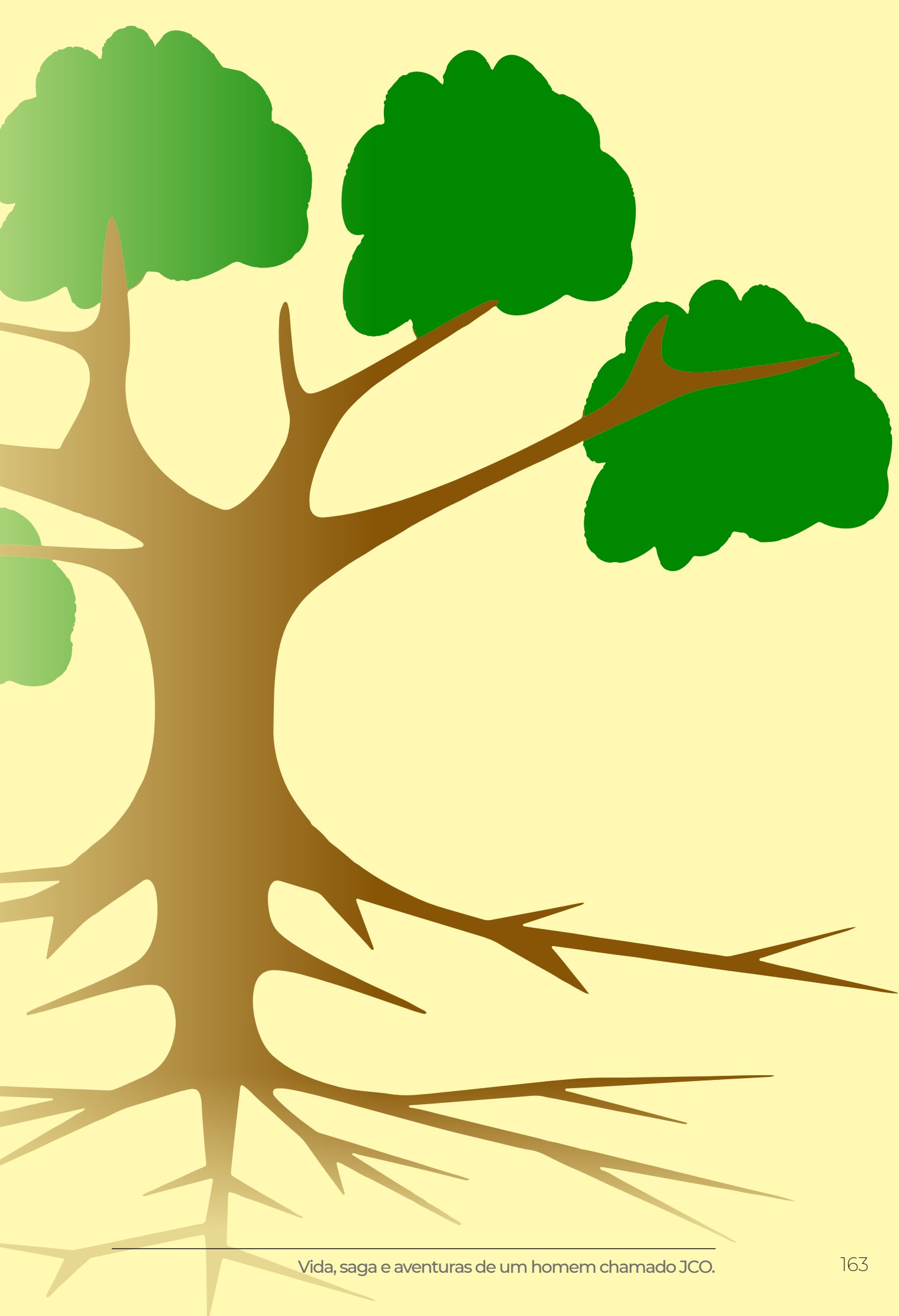


A luz

Mais uma vez o acaso entrou em seu caminho. Certo dia estava lendo – um dos seus prazeres é ler livros técnicos de qualquer área – um estudo sobre o *Trichoderma*, que é uma espécie de fungo presente em quase todos os solos e com várias espécies prejudiciais à lavoura e classificadas como oportunistas. Percebeu, depois de longa avaliação e cruzamento de informações, que ali poderia – quem sabe – estar a solução para os problemas com o feijão. Foi atrás do *Trichoderma*. Passou a pesquisar, aplicar e assim tentar o controle biológico e geológico do solo. Era apenas uma possibilidade que passava por seu pensamento como engenheiro agrônomo. Viu que estava dando certo em termos de pesquisa de laboratório. O passo seguinte foi testar como tratamento de sementes. O estudo com o feijão tinha muita valia porque o feijão é uma cultura muito sensível a essas doenças. Exemplo é que sofre com a podridão do colo ou tombamento. Como anteriormente assegurado, a lavoura às vezes sumia com o uso intensivo de produtos químicos para tratamento da semente. A prática nada resolvia. Zé Cláudio passou então a se dedicar com afinco a estudar profundamente o *Trichoderma*. Iria perscrutar com mais intensidade aquilo que chamara sua atenção por mero acaso.



Em sua busca por informações ficou sabendo que ele era usado em viveiros lá na região de Holambra, em São Paulo. Aplicavam em hortaliças com o intuito de obtenção do crescimento de raízes. Teve novo vislumbre e partiu para perguntar a quem produzia o fungo se podia usar em sementes. Se havia algum impedimento. Recebeu vagas respostas. Não havia nenhum estudo ou aplicação neste quesito.



Formosa - Goiás



UMA REVOLUÇÃO NO NOVO OESTE

José Cláudio então decidiu que deveria, ele mesmo, estudar sozinho, investigar, experimentar, ir em busca, fazer, concretizar suas próprias teorias e conseguir visualização científica para a aplicação do fungo em

seu objetivo que era o feijão. Começou a pensar pragmaticamente. Dando formato ao que estava dentro da sua cabeça e que achava iria dar certo. Estudou muito sobre o *Trichoderma*; analisou, se fundamentando, e sua teoria foi posta em prática. Era o primeiro pesquisador a testar o fungo em sementes. E não é que tudo o que havia pensado e testado deu certo em larga escala! O que pensara estava acontecendo.



Era, na realidade, uma incrível revolução na defesa e tratamento de raízes. Não somente do feijão ou de hortaliças, mas em diversas outras aplicações, de variadas lavouras. O sucesso teve reconhecimento gradual, mas progressivo. José Cláudio Oliveira foi o primeiro especialista a recomendar para todo mundo o Trichoderma visando o tratamento de sementes. Hoje é algo usual. Líquido e certo. Sua descoberta, técnica, lógica e aplicação abriram nova frente para a região Oeste, que, com certeza, deve muito a Zé Cláudio pelo sucesso agrícola que comemora hoje em dia.

Para alcançar seu intento com o novo produto, o seu primeiro experimento se deu nos pivôs de feijão de Barreiras. Foi lá que constatou que estava tudo acertado e morriam menos plantas. Não vamos garantir aqui que havia sido cem por cento de acerto, mas era um resultado muito bom. Usava, inicialmente, o Tricoderma junto com o tratamento químico. Numa das avaliações do processo na lavoura do feijão, um colega que o assessorava começou a arrancar as plantas e olhou as raízes, que estavam brancas. Ele achava que tinham de ser alaranjadas. O colega virou-se com a planta na mão





e disse: “Zé, nossa, essa raiz está mais branca do que coxa de polaca”; foi então que com a descoberta começou a desenvolver o Trichoderma especialmente voltado para isso.

Zé estava totalmente tomado pelas pesquisas e o desenvolvimento daquilo que seria um grande achado para a lavoura nacional. Paralelamente, continuava a dar consultoria agrônômica para os empreendimentos de Paulo Mizote, Grupo Horita, aos irmãos Closs, Paulo Grendene, Comparim, Família Joner, Ademar Marçal e outras empresas, uma vez que a empresa Terraplana fechara as portas.

O PAD-DF foi também um local escolhido para desenvolver sua pesquisa, por ser aquele onde estava presente a empresa Syngenta e onde se reunia um grupo de produtores de feijão. Era Zé Cláudio quem a representava nos encontros que essa empresa realizava periodicamente com gente de Barreiras e do Centro-Oeste. A Syngenta era uma grande empresa multinacional suíça e que opera no Brasil há vários anos com expertise e tecnologias desenvolvidas em agroquímicas. Uma das mais importantes do mundo.

Como José Cláudio Oliveira participava e representava os produtores, aproveitou a presença e cuidou de difundir o uso de Trichoderma. Claro que depois das desconfianças iniciais veio a admiração pelos resultados colhidos. Era a hora de Zé passar a comercializar a sua descoberta. Mas quando foi vender nessas regiões, já havia gente



vendendo diretamente o seu produto. Um empresário saía na frente traindo sua confiança: “furou seu olho”, como se diz no popular. Havia-lhe passado a perna.

Zé Cláudio não se deu por vencido e garantiu para esse empresário que iria competir de frente com sua empresa, e assim o fez. Saiu à luta, mesmo contrariado e insatisfeito. O tempo foi passando, Zé Cláudio se esmerando, trabalhando, pesquisando ainda mais, atuando cada vez mais forte e cada vez mais presente com seus produtos especializados. Tempos depois, o “aproveitador” ou “atravessador” passou a enfrentar problemas e teve de vender a empresa. Passar para a frente. Foi mais um desafio vencido por esse personagem que não mede as léguas para alcançar seus objetivos. A empresa de Zé Cláudio, por sua vez, crescendo continuamente.

Evento na Fazenda Acalanto do Grupo Horita



O sucesso da sua experiência pode ser medido cientificamente de várias formas, desde a experiência inicial e seguindo sua pauta de ações de laboratório e de aplicação. Foi comprovando que a técnica estava dando certo, ao ver que o controle biológico estava sendo conseguido plenamente. O que aconteceu na efetivação científica? Zé Cláudio verificou que, primeiramente, o sistema radicular da planta ficou mais rigoroso e mais sadio.



Concomitantemente, diminuiu uma doença problemática por demais, que é o mofo branco, porque o produto controla também esse elemento. Ressalte-se que, quando começou tudo isso aí há mais de duas décadas, ninguém acreditava. Foi preciso muito convencimento, prática e paciência para serem alcançados os resultados positivos e para se construir uma história de sucesso. Seus primeiros grandes clientes na aplicação do Trichoderma foram os Horita e o Paulo Mizote.



○ Trichoderma





Claro que o leitor deve estar bastante curioso para saber como é que o produto criado por Zé Cláudio decolou entre os produtores. Não foi fácil. Desenvolveu-se porque o produtor começou a ver que a lavoura agora tinha mais planta por metro quadrado. Era um trabalho danado para mostrar que era efetivo contra os problemas que atingiam as raízes. Zé Cláudio – e agora com os parceiros – ia de um em um dando o produto de graça, testando em áreas determinadas, mostrando os resultados. Ganhando cancha e adquirindo mais experiência, tanto na aplicação como no processo de industrialização e comercialização, passou a ter seu produto respeitado.

Até hoje, ele lembra o primeiro lugar em que fez a experiência valendo de verdade, aqui mesmo na Bahia. Num grupo que chegava a plantar 56 pivôs. Chegou lá, convenceu, colocou e desenvolveu. Antes, o grupo plantava, a plantinha nascia e morria com podridão no colo. Foi quando Zé Cláudio garantiu que, “com esse produto, vai morrer menos plantas e as que ficarem vão ter mais raízes e serão mais resistentes”

O representante da empresa apenas respondeu:

laconicamente: “Ah, vamos ver”. Zé e parceiros faziam a aplicação num pedacinho de plantio e depois comparavam os resultados: “Olha, aqui tem e aqui não tem mofo”. Onde tinha o fungo benéfico, a planta era mais vigorosa, tinha mais planta por metro quadrado e produzia mais no final, dando menos mofo branco. Assim foi-se difundindo a prática. Era admirável o fato de que, além de ter tido a primeira percepção do uso do Trichoderma, foi ele quem desenvolveu também as essenciais escalas de aplicação corretas. Estudou e identificou a quantidade de doses adequadas por hectare e por quilo de semente. Mas, como sempre mostra a história, sempre que ocorre o sucesso obtido por uma ideia revolucionária, desperta-se a cobiça. A partir daí só ouvia “eu vou ser seu concorrente”.

É nesse interim que entra em cena um personagem de importância para essa história e que também tem um vago perfil de biografia romanceada de um dos heróis da velha região Oeste. Surge o empresário Paulo Mizote. Foi ele quem acreditou nos estudos de Zé Cláudio, na aplicação da descoberta e no potencial econômico do negócio. Tanto que meteu a mão no bolso e financiou a primeira Autoclave – equipamento para tratamento térmico que anula os agentes patogênicos – de 137 litros, que, embora pequena, dava para a necessidade de se produzir o Trichoderma, mesmo que ainda de forma incipiente. Produção que era realizada dentro de um galpão onde Zé Cláudio climatizava banana. A autoclave tinha vital importância na produção para evitar os agentes contaminadores. No início desse processo, as

perdas do que era produzido eram enormes, justamente por conta das contaminações. Portanto, estava claro que a assepsia gerou resultados positivos. E aí foi apurando.

Um trabalho feito com esmero. Zé Cláudio se dedicando ao estudo, isolado. Pesquisando cada vez mais e aperfeiçoando o método. Sempre foi um processo de melhoria contínua, com pesquisa em literatura, adequação, pesquisa de campo. Em termos de literatura científica, havia uma dificuldade a enfrentar, precisando “garimpar” muito, porque havia pouca coisa sobre o processo de produzir e multiplicar microrganismos. A empresa criada por ele, a JCO Fertilizantes, tinha condições perfeitas de laboratório, pesquisa e produção, mas tudo sendo feito sem grandes recursos financeiros. Mas foi indo. Zé insistindo, trabalhando, dedicando-se em tempo integral, sabendo que ali havia futuro.

Então chegou o momento em que ele olhou, mensurou e teve a sensação concreta de que estava tudo pronto para dar certo, e até pensou alto: “Agora eu vou para frente”. Analisara friamente o mercado e o setor agrícola. Usava sua ampla experiência de agrônomo, as informações da sua formação na PUC de Uruguaiana, e chegava à seguinte conclusão: o agroquímico (alguns chamam de agrotóxico, ele prefere chamar de “agroquímico”) foi um avanço na sociedade, porque conseguiu produzir altas proatividades, controlar pragas e doenças; mas isso começou a ter um limite, no momento em que tinha de se obter cada vez mais produtividade, e os custos de cultivo subindo. Então, viu-se a necessidade

de se usar alguma coisa biológica... o manejo integrado, por exemplo. Acreditava e isso foi ganhando corpo, que não se tem como produzir de forma sustentável e economicamente satisfatório ao longo dos anos se não começar a usar biológicos de sistema. Sua concepção sempre foi a de que, a princípio, iria se ganhar cada vez menos até chegar em um ponto que talvez se tornasse insustentável, a não ser que as commodities estourassem de valor. Aí, sim, se estaria mudando a relação.

O Brasil começara a usar os defensivos agrícolas em larga escala a partir dos anos 1970. O país deu uma guinada quando teve noção da necessidade de partir para o uso do agroquímico com a cultura da cana em São Paulo e no Nordeste. Foi nesse período que a *Metarhizium anisopliae* (um fungo que se desenvolve naturalmente nos solos e ataca várias espécies de insetos e parasitas) foi usada na lavoura para combater a cigarrinha da cana e posteriormente para enfrentar a cigarrinha das pastagens.



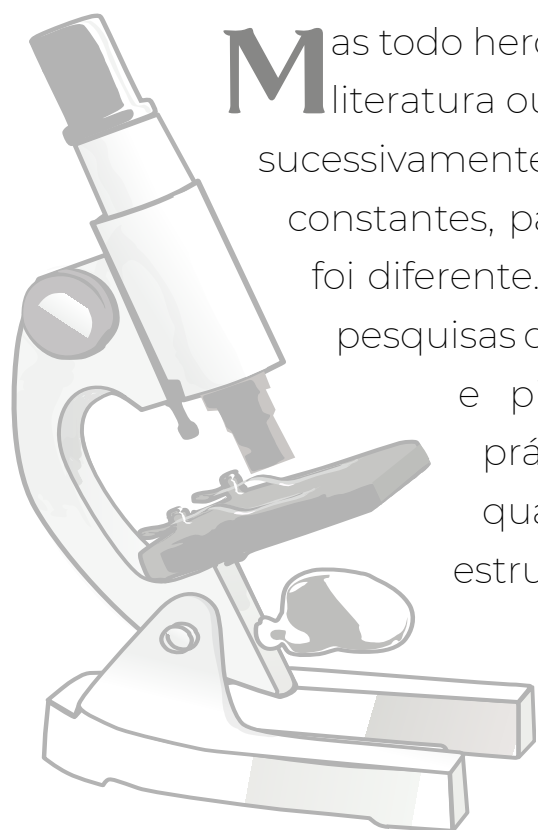
Dando uma quebrada nesse texto linear, nesse período de evolução do seu trabalho, das batalhas que enfrentava, as pesquisas permanentes e a necessidade de se conseguir impor resultados, Zé Cláudio tinha o apoio da família em todo o contexto. Foi revelado anteriormente que ele havia conhecido sua mulher na faculdade, mas não foi dito que dois anos depois do casamento nascia sua primeira filha, em Uruguaiana, no ano de 1983 em pleno dia 6 de

dezembro. A família acompanhando seus dramas e o sucesso chegando gradualmente. Todo o tempo em que não era absorvido pelas pesquisas ou fazendo relações comerciais, Zé Cláudio estava com a família. Ela sempre acompanhou suas dificuldades, até quando montou a empresa depois de uma série de problemas. Questões até com a regulamentação oficial. No Brasil, que ainda tem uma filosofia cartorial no velho modelo português do período imperial, sempre foi muito difícil registrar um produto. Ainda mais um produto de caráter biológico. Agravava essa dificuldade a ausência de conhecimento específico. A percepção das autoridades sanitárias era que o produto iria contaminar o ambiente, matar todo mundo com sua provável toxicidade. Foi preciso provar que estavam todos errados. Que a legislação vigente à época era totalmente equivocada. Muito disso ainda se passa na legislação atual. Os produtos biológicos ainda estão inseridos no vade mecum da “Lei dos Agrotóxicos”. Ocorre, por outro lado, que o país se submete à pressão das empresas multinacionais, fazendo com que a burocracia para se registrar um produto novo seja desmedida, embora hoje esteja mais fácil e mais barato. O ambiente doméstico era o porto seguro de Zé Cláudio. Não foram poucos os momentos em que chegava em casa frustrado, outras irritado, decepcionado e passava isso para a família que, em compensação, entendia seus problemas, suas preocupações e o incentivava a continuar.

Não ache que nosso herói era um acomodado. Sabe-se que nunca foi. Sempre procurando saídas para resolver suas questões e buscando soluções para desemperrar as cadenas. Se era para enfrentar a burocracia e os entraves, ele tomava as atitudes necessárias. Ele trabalhou muito tempo tendo que levar o produto escondido para entregar aos seus clientes. Sofria fiscalização exacerbada e constante. Perseguição das agências de controle sanitário. Não podia nem ter uma propaganda do produto. Mas o tempo fez sua parte e tudo foi mudando.



O bioterrorista



Mas todo herói, seja de película, quadrinho, de literatura ou da vida real, parece que precisa sucessivamente passar por intempéries, dramas constantes, para vencer no final. Com Zé não foi diferente. Quando tudo ia bem com suas pesquisas dando efeito positivo, nos campos e pivôs, os resultados de caráter prático ocorrendo à vista de todos; quando conseguiu montar sua estrutura de produção mais perene, embora ainda sem legalizar a empresa, esperando o tempo e as condições impostas pelos burocratas, veio uma surpresa altamente desagradável e preocupante, que bem poderia prejudicar toda sua vida dali para a frente. Foi algo insólito. Um fato jamais esperado. Do nada, sem nenhum tipo de prova, ele foi acusado de bioterrorista. Uma denúncia falsa, mas contundente, que o tirou do equilíbrio costumeiro.

Conto. Há exatamente 25 anos atrás, ele tinha instalado uma fábrica de pequeno porte num bairro afastado

de Barreiras. Tudo indo tranquilamente com o fabrico, quando uma moradora das imediações surgiu com a acusação de que o produzido ali estava matando as crianças. Gritava que os esporos do Trichoderma eram uma ameaça constante e que já haviam mortes registradas. Sua acusação ganhou força e, de repente, havia um bocado de gente reunida de frente ao endereço protestando e pronta para incendiar a estrutura física da firma. Para deixar a situação mais tensa, Zé Cláudio, nesse dia, encontrava-se no município de Luiz Eduardo, a pouco mais de uma hora de viagem, e foi avisado por um conhecido que chegou todo preocupado. Levou um susto imenso e, com o coração aos pulos, pegou o carro e saiu correndo feito louco. Partiu em tal situação de desespero que quase capota o veículo no caminho. Quando chegou, desceu correndo, esbaforido, suando, tenso. Recebeu de cara a presença de mais de cinquenta pessoas enfurecidas, alguns com pedras e outros com paus nas mãos, querendo brigar com ele.

O que sempre ajudou Zé Cláudio nos momentos mais difíceis foi seu senso de criatividade e estado de espírito, o pensar rápido, o improvisado. O tirocínio veloz. Naquela imensa confusão de gritos, acusações, ameaças, e com ele tentando se explicar, mas não sendo ouvido, conseguiu pedir um tempo e garantiu que ali mesmo, naquele momento, iria mostrar que o que estava produzindo na fábrica não fazia mal nenhum ao ser humano. Adiantou-se, pegou um saco com esporos e não pensou duas vezes: primeiro esfregou o produto no rosto e nos braços. O povo parou para olhar. E para que entendessem melhor

que não havia perigo, passou a comer o produto na frente de todos. Enchia a boca e engolia. Deixava claro que não se tratava de nada tóxico e nem responsável por matar ninguém. Com isso, o povo pareceu se convencer. Os ânimos se arrefeceram, apesar da mulher que fazia as acusações ainda insistir na tentativa de incitar a massa. Mas, qual não foi sua surpresa, quando a mulher, que liderava o bando, foi então desmascarada. Ela tinha promovido aquilo de forma inconsequente por mero apelo político, com intenção eleitoreira. Queria chamar a atenção criando um factóide contra a única empresa que estava instalada nas imediações e produzia algo desconhecido para todos os moradores. Ela, simplesmente, era irmã de um candidato a vereador. E este, ligado politicamente ao então secretário da Saúde do município, que tinha suas diferenças com Zé Cláudio. Era mera “ação” política; ela queria ajudar a eleger o irmão e, provavelmente orientada por ele e pelo secretário, saiu espalhando a história absurda.

No final, deu tudo certo para a integridade da fábrica. Mas o que tinha levado o povo a acreditar piamente no “terrorismo”, esse, sim, praticado pela irmã do candidato? Ocorre que, quando produzidos, os esporos emitem um cheiro diferente, mas até agradável, de milho cozido. Parece cheiro de pipoca. Para a “boateira” – hoje seria “fakenista” – o odor seria o bastante para convencimento da população. Embora a fábrica tivesse sido preservada do clamor dos moradores, a partir daquele momento o drama seguia outro roteiro inesperado. Toda a confusão tinha sido registrada por equipes de repórteres,

possivelmente alertadas pela irmã do candidato, que era para obter ibope. Nas horas seguintes, o protesto e as acusações já tinham sido levados para os programas de jornalismo em rádios e TVs. Os meios de comunicação quase nada sabendo sobre o produto e sua produção. Nem procuraram saber. Zé Cláudio só se deu conta que a questão ainda não estava totalmente resolvida, havia ultrapassado as fronteiras do bairro, quando entrou num bar que costumava frequentar e viu as pessoas que trabalhavam no estabelecimento afastando-se dele, mesmo aquelas mais conhecidas e de contatos habituais.

Então convocou um garçom que era seu velho amigo e perguntou o que estava acontecendo. O homem, todo encabulado, buscou jeito de responder e tascou:

– “Seu Zé Cláudio... saiu na televisão que o senhor é bioterrorista”.

Levou um susto sem tamanho. Ficou como que parado no ar. Puxou pela respiração e procurou se acalmar. Aquilo tinha ganhado uma proporção maior do que esperara. A mentira se disseminara. A essa altura, sabia que só havia um jeito de estancar o boato que já crescia e se espalhava por toda a região. Seria buscar espaço para expor o contraditório nos meios de comunicação, fazer sua defesa, e pedir direito de resposta para poder explicar ao certo o que estava ocorrendo. Com muita elucidação e outros atos de esclarecimento, foi-se impondo. No final de um longo período ainda de desconfiança, conseguiu reverter a situação. Foram dias horríveis, dias tensos,

dias carregados, noites mal dormidas. Para mostrar que tinha razão, que tudo não passara, aí mesmo, aí sim, de uma ação de “terrorismo” contra a sua empresa, correu para adotar outras medidas comprobatórias de saúde da população frente aos esporos, gastando muita verba com a contratação de médicos para examinar as crianças e idosos. Provou – concomitantemente – que o mal quem estava cometendo mesmo era o esgoto que escorria a céu aberto e as porcarias jogadas ao léu. Mesmo assim, ainda havia mais briga. Uma desagradável e prejudicial situação sendo enfrentada. Todo o mote despertou a sanha dos agentes sanitários que pulularam. Foram momentos considerados horríveis por Zé Cláudio. De repente, apareceram fiscais de tudo que foi lado. Uns bem intencionados. Outros nem tanto. A empresa foi rigidamente e continuamente fiscalizada. Por destino ou preparo legal da JCO os fiscais da ADAB – Agência de Defesa Agropecuária da Bahia – pararam para ouvir o que os técnicos da empresa tinham para dizer e provar, e aquiesceram. Mais uma vez, Zé Cláudio teve de contar com a passagem do tempo para ver fluir e se desenvolver em todos os sentidos a sua obra. A empresa que, à época, tinha um quadro de 12 funcionários, foi vencendo as barreiras – sem trocadilho – mesmo com toda a pressão que foi muito grande. Por diversas vezes outras questões foram aparecendo em paralelo e sendo vencidas. Eram voltadas, essencialmente, para “firmar” a imagem de “bioterrorista” de Zé Cláudio. Insistiam na falsa acusação. Chegaram a espalhar até mesmo que ele estaria produzindo a Aids. A sociedade reagindo mal por pura ignorância. Nisso, nesse processo de “queimação”

da imagem da empresa, surge aquele que terminou dando uma boa ajuda para esclarecer as circunstâncias. Quem tomou as dores de Zé Cláudio e o ajudou a sair do imbróglio foi o então prefeito de Barreiras, Antônio Henrique. Ele chamou a atenção de todo mundo. Puxou até a orelha do seu secretário de Saúde, aquele que estava por trás de toda a celeuma. Antônio Henrique dizendo para todo mundo ouvir que Zé podia trabalhar tranquilo e que ninguém mais iria atrapalhar. Foi também uma fase de se conversar muito com os fiscais do Ministério da Agricultura que já estavam de orelhas em pé. Esclarecer, mostrar o processo, a origem da produção e a ausência de perigo, de toxicidade.



A virada

Pois, como reiterado, insistido e reverberado, o vento terra-a-terra e o tempo astucioso sempre estando a engendrar os seus rodeios, uma sinuosidade, um laço a envolver, quando se trata de bafejar positivamente, nossa brava figura epopeica é cheia de dramaticidade. Os elementos estando sempre a levá-lo para caminhos realmente inesperados. Muitas vezes difíceis, mas sempre probos. E, se Zé Cláudio tem mesmo, também sendo algo marcante para se considerar – algo de abundantemente especial – é uma certa estrela-guia que sempre o acompanha e o tira dos piores momentos, por mais agravados que sejam. Você, leitor, e a senhora, leitora, depois de tudo o que foi contado ainda duvida? Preste então bastante atenção naquilo que vai se suceder: era a administração de Luís Inácio Lula da Silva, o Lula, quando foi feito um acordo informal para que o governo não mais atrapalhasse esse tipo de indústria que estava florescendo. Era preciso que as autoridades setoriais avaliassem somente se a empresa era séria. Por essa novidade, que significava uma coerência filosófica, operacional e técnica governamental, Zé Cláudio só tinha a agradecer mais





uma vez às suas divindades protetoras e a alguns dos fiscais que fiscalizavam sua empresa. Porque eles podiam tê-la fechado a qualquer hora e nunca houve pedido de nada relativo a isso. E como a situação havia girado, sua imagem ganhou nova feição como empresário sério. Melhorou, ganhou novo patamar, novo perfil perante a sociedade e junto ao setor empresarial. Ajudou em muito o fato de que foi aí também que teve início o período em que os microrganismos viraram moda no plantio pelo Brasil inteiro. Todo mundo foi mudando de opinião. A bioindústria virando a “queridinha” dos produtores mais conscientes. O assunto sendo abordado em reportagens, entrevistas, artigos variados, nas pesquisas acadêmicas, virando teses e caindo na boca da sociedade, dos ambientalistas, dos agrônomos, técnicos mais evolutivos e dos próprios organismos governamentais. Uma revolução no mercado. José Cláudio Oliveira, de rematado e perigoso ecoterrorista, virou, de uma hora para outra, um visionário. Mas quanto a isso, ele já tinha mostrado possuir uma espécie de visão desde menino. Desde o cine-pulga de seu Itamar, em Gravataí.



•••••

Pensar que sua empresa resistira até a uma ação maligna de um político irresponsável. Que em seu início era apenas um galpão para climatizar banana, atrás de uma loja. Que possuía apenas uma autoclave e alguns funcionários. Empresa que atuava sem as condições ideais em seus anos primeiros. Zé Cláudio relembra que a situação era de tal improviso no início de tudo, nessa fase, que até mesmo o laboratório para fazer os inóculos ficava em seu apartamento, num prédio residencial.

Claro que isso também foi motivo de discórdia. Produzia os inóculos que seria para colocar no substrato. Para isso, levava os fungos purificados. De casa voltava o inoculado para a fábrica. Produzia justamente usando o grão de milheto. Os vizinhos não gostavam e ainda tinham persistido naquela questão da imagem de “bioterrorista”. Mas tudo se resolveu.



A expertise

José Cláudio, com o desenvolver do processo técnico, tinha de memória todo o processo e até a expertise dos números, fórmulas e procedimentos. Um exemplo: antes pegava um grama de substrato, que no caso é o milho autoclavado. A produção saindo de 1×10^6 , que quer dizer um milhão de esporos por Trichoderma por grama. Conseguiu, entretanto, subir isso aí para uma média de 3×10^9 , o que significa que saiu de um milhão para três bilhões, criando uma forma de produzir. Perdia antigamente 80% da produção. Hoje perde-se mais ou menos 0,3%.



Com o domínio do *modus operandi*, a empresa foi ganhando corpo e importância, virando referência em toda a região e descortinando novos horizontes. Relembremos que, nestes 25 anos de operação, Zé Cláudio conseguiu superar períodos terríveis: “quebrou” algumas vezes (a primeira vez por absoluta falta de dinheiro; para dar vazão ao projeto, faltou crédito no banco). Mas daí vinha um cliente fiel e ajudava. De outra, foi mesmo má gestão que exerceu sobre seus negócios.

Mas os clientes sempre compareciam com algum tipo de apoio. Dentre esses, vale destacar um a quem Zé Cláudio será sempre agradecido. Trata-se do citado empresário Paulo Mizote – aquele que financiou a autoclave. Ele aparecia nos momentos cruciais e o patrocinou em vários projetos. A situação de Zé era intrigante, pois, mesmo “quebrado”, conseguia sempre obter recursos. Certa vez, um advogado perguntou como é que ele, estando em situação de solvência, até mesmo causada por uma longa estiagem que se abateu sobre a região, ainda tinha dinheiro para seguir em frente, e ele respondeu: “Por causa dos amigos”. Havia perdido o crédito oficial, perdeu tudo, mas não perdera os verdadeiros amigos.

Com os percalços, Zé Cláudio ficou-se para avaliar toda a situação. Passar um pente fino e fazer uma análise mais acurada da empresa. Identificar gargalos na produção e na comercialização. Concluiu que de nada adiantava ter um bom produto, um fruto revolucionário, se não tinha uma boa estrutura de marketing. Repensou toda a conjuntura e decidiu evoluir, dar um salto qualitativo. Sua conscientização e reorganização estrutural e evolução produtiva veio a coincidir com a mudança de filosofia, postura e atitude do setor agrícola nacional e notadamente na Bahia, especialmente na região Oeste, bem como nos limítrofes. Elevava-se no país, positivamente, a consciência técnica, bem como a tecnológica. Passava-se a adotar a prática – coisa mais premente a partir da década passada – do uso de conceitos com caráter biológico para manter, fazer crescer e dar bons resultados para a lavoura, bem como

proteger o meio ambiente. Por outro lado, os custos dos defensivos agrícolas aumentaram exponencialmente. A conscientização social vinha a fazer a diferença. Zé Cláudio entende que o governo sempre está alguns passos atrás, embora venha procurando criar programas para facilitar o uso de biológicos; mas não foi ele quem criou a demanda. Já a demanda, por sua vez, é quem foi determinando a flexibilização para os exercícios governamentais; não foi coisa que o governo inventou; a sociedade é que apertou as autoridades.



Mesmo as pessoas mais corajosas, as intrépidas ou sonhadoras, têm seus momentos difíceis. Uma queda de ânimo causada por decepções ou frustrações. Muitas vezes parecem estar atuando como se fosse um castigo dos deuses, um Sísifo, aquele personagem da mitologia grega que foi condenado pelos poderosos do Olimpo a carregar uma pedra montanha acima e que, ao chegar lá, ela sempre rolava de volta para o chão, para o início, numa labuta por toda a eternidade. Zé Cláudio, em alguns momentos do seu feito, do caminho que traçou, pensou em desistir. Isso por várias vezes. A pressão era grande. Eram as dificuldades econômicas, de mercado e até a ação de fiscais que tratavam empresários de forma cruel e antiética e nessas ocasiões ele protestava, observando que não era bandido para estar na ribalta daquele jeito. Não tinham direito de fazê-lo sofrer ou ser submetido a pressão intensa e – claro – ineficaz, porque não fazia nada de errado. O governo perdido em todo o processo da biotecnologia aplicada.





A diferença

O primeiro produto criado por Zé Cláudio recebeu nome comercial de batismo de Trichoplus. Hoje são produzidas mais de uma dezena de variedades. De lá do início até hoje está sempre registrando novos produtos. Virou um continuum fazer novas descobertas e novas outras aplicações para os existentes. Um exemplo é o Fertimax. BS10 – inoculante promotor de crescimento usado em semente. A diferença do seu portfólio em relação à concorrência é que seus produtos têm características especiais. Uma formulação única.

Mas conta também para o sucesso o conceito aplicado de pós-venda, bem como a profissional assistência técnica. O carinho para com os clientes de todos os níveis faz parte, sem exceção. Não se trata apenas de produzir e vender. A filosofia que Zé Cláudio implementa é a de comercializar e acompanhar com as visitas técnicas, a orientação, ir lá na lavoura, ver os resultados, o controle do uso do solo, participar e acolher.

Ainda assim, acontece de se chegar a uma região – onde seu produto não é conhecido ou onde não foi inculcada ainda uma cultura de uso de produtos essencialmente biológicos para proteger e desenvolver a lavoura – e a

desconfiança ser geral. Mas, principalmente na Bahia, o nome de José Cláudio Oliveira precede o conjunto da sua obra, seu portfólio comercial. Ele, depois de tanta luta, enfrentamento de intempéries, decepções e dedicação, virou uma referência no setor e são raros aqueles na Bahia e em outros estados que não tenham ouvido falar



da sua pessoa e do seu gênio fecundo e inventivo. Com os clientes com quem vem comercializando há alguns anos existe uma relação de credibilidade, de confiança. Eles acreditam na abordagem científica e, por isso, colhem o resultado de um produto bom, eficaz e diferenciado.





Claro que o mercado sempre evolui. Mas ainda hoje esse setor de controle biológico em que Zé Cláudio atua com precisão – tirando os inoculantes de soja –, está em torno de 2% do seu potencial. Pode crescer, e ele sabe disso. O mercado biológico no Brasil vai expandir-se e, por muitos anos, esteve crescendo acima de 15% ao ano. É um mercado ainda em expansão, o que se vê é apenas uma ponta do iceberg. Ele está cada vez mais atento e também de olho em outras vertentes. Atualmente no país virou moda grupos de investimentos buscarem a compra de empresas biológicas. Já ofereceram muito dinheiro pela sua, uma empresa construída com sangue, alma, suor, esforço e amor. Mas não abre mão dela.

Hoje o carro-chefe do menu oferecido por Zé Cláudio é o tratamento de semente formulado em grafite: o Tricoplus TS. Uma evolução com excelentes resultados. Vende atualmente esse produto para aplicação em uma área relativa a mais de dois milhões de hectares. Sua característica principal é ser um inoculante formulado em grafite que ajuda a promover o crescimento da planta; faz de forma mais fácil o controle de doenças.





A JCO

Terminamos entrando, meio sem querer, na seara empresarial, quase que de forma abrupta. Na verdade, iniciamos assim a parte em que se traça e delinea aquilo que vem a ser o coroamento da saga de Zé Cláudio. História que desagua no sucesso adquirido com dedicação e esforço da sua empresa e dos seus produtos. Eles fazem parte de um processo de criação de extrema sensibilidade. A produção se insere numa estrutura adequada, formatada ao longo do tempo, especializada e de conteúdo científico. Pois, desde que Zé saiu da PUC e enfrentou o mundo, tendo ido parar na região Oeste da Bahia (essa área de imenso e inestimável cabedal histórico, que exigiu de muito... tanto esforço redobrado para sua dominação e a sua transformação num rico polo econômico), sua vida tem sido uma grande aventura.

O resultado desse patrimônio humano, emocional e pessoal obtido com o tempo pode se ver hoje. A companhia que começou do esforço de Zé Cláudio – que em seus primeiros passos num galpão improvisado tinha meia dúzia de funcionários, numa fase em que ele “batia” estradas, e gastava a sola do sapato para se impor e vencer –, é atualmente uma potência econômica e produtiva. Um marco vitorioso. Sua realidade conta com cerca de 150 funcionários; 22 doutores e pós-doutores. Mais de cinco dezenas de veículos de apoio. Um amplo prédio. Possui sete laboratórios, escritório, aérea de produção e de destinação. Atividade moderna, informatizada, evolutiva. Uma referência.



José Cláudio Oliveira (JCO) virou signo de uma empresa reconhecida como de alto grau de desenvolvimento. Mas seu proprietário continua sendo aquele jovem irrequieto lá do Sul. Vira e mexe, está criando alguma coisa. Enfrentando os desafios com soluções próprias. Já inventou até um tipo diferente de autoclave. Foi também do seu gênio inventivo a criação de um processo especial para a secagem de microorganismos. Saiu da sua empresa a produção calcada em grãos de milheto. Trata-se de uma empresa com os pés no presente, voltada para o respeito à sua história e de olho no futuro. Hoje a JCO Indústria e Comércio de Fertilizantes, empresa localizada em Barreiras, é uma companhia conceituada, conhecida e respeitada pelo trabalho que realiza, levando para os produtores opções que acolham o que é demandado no setor. A filosofia de trabalho é criar

e operacionalizar cada vez mais produtos de excelência com conceitos diferenciados para dar vazão ao mercado agrícola, setor que cresce e se diversifica velozmente.

AJCO mantém o espírito do Zé Cláudio de atuar de forma evolutiva para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, efetivação de uma política de produção de material que não seja tóxico e que respeite o ambiente. Com essa filosofia se incrementam e distribuem produtos biológicos com alta tecnologia e excelente padrão de qualidade visando sua utilização no manejo integrado. A JCO desenvolve e lança seus produtos com tecnologia própria.

Mas não fica estagnado o trabalho da JCO, que tem nosso personagem José Cláudio Oliveira sempre à frente. Sua equipe é permanentemente treinada com preocupação especial com a turma que atua no pós-venda junto ao produtor rural. A equipe técnica está apta a realizar um profícuo trabalho de fornecimento do diagnóstico de doenças, quando requisitada. Sua estrutura permite, inclusive, a análise nematológica e da microbiologia do solo, químico e físico. Trata-se, no cômputo final, de um conceito de atendimento integrado.

Com todo esse princípio filosófico e conceitual, a JCO faz a diferença no mercado e se destaca cada vez mais. Zé Cláudio mostra orgulho com o fato de sua empresa, como vimos, ter surgido com certo grau de dificuldade e tendo se situado no mercado. Ele sabe que tudo isso foi graças à sua coragem, luta e perseverança e contando



com as essenciais parcerias e apoio de alguns dos mais expressivos empresários regionais, gente também de sucesso. Seu reconhecimento a todos se concretiza dia a dia e solidifica em seu coração. Coração valente.

Vale ainda destacar sobre a JCO os seus constantes investimentos em pesquisas, desenvolvimento paulatino de novos projetos e sua estruturação dinâmica. Vamos lembrando que a antiga JCO Bioprodutos foi quem



desenvolveu dois inseticidas biológicos importantes: Metarhizium JCO GR e o Beauveria JCO WP, visando o manejo integrado de pragas. Depois, basta ver seu portfólio. Pensando na importância da manutenção de estande de planta, auxílio no estabelecimento da cultura, melhor aproveitamento de nutrientes e boa performance na produtividade, lançou o Trichoplus JCO inoculante microbiológico sólido. Para o manejo de pragas, mais uma ferramenta: o Metarhizium JCO WP.

A empresa voltou a ampliar sua linha de fertilizantes com o Fertimaximus JCO. A seguir, registrou o Trichoplus JCO via sementes; inoculante promotor de crescimento. E a evolução em pesquisa e desenvolvimento permitiu



colocar no mercado outros grandes produtos como o JCorganophós, que é um fertilizante orgânico composto e o Biomatch e o BT Kill – bioinseticidas para o manejo de lagartas.



BS10. Este produto apresenta uma formulação avançada que facilita a sua aplicação por meio das sementes. Além de ser um promotor de crescimento, ele é capaz de competir e colonizar o sistema radicular, contribuindo para o desenvolvimento das plantas. Os benefícios deste produto são inúmeros, tais como o aumento no desenvolvimento vegetal e na produtividade. Também tem compatibilidade com o manejo integrado, capacidade de sobreviver às altas temperaturas e à escassez de água.



A JCO está constantemente em busca de evolução técnica, qualitativa e produtiva. O seu mais recente sucesso no mercado é o Trichoagro, um biofungicida que combina perfeitamente quatro isolados de Trichoderma, cujo objetivo é promover o biocontrole da lavoura, através de ações como competição, antiobiose, micoparasitismo e indução de resistência. O Trichoagro tem tido uma ampla aceitação no mercado.

Hoje a empresa busca intensificar suas atividades em outros estados brasileiros. Compor parcerias. Abrir outros caminhos nessa difícil estrada que se trilha. Para isso, conta com um capital de muito valor que é o bom reconhecimento no mercado nacional levado por seu poder de inovação, padrão de qualidade, expertise técnica, bem como os resultados práticos alcançados nas lavouras.

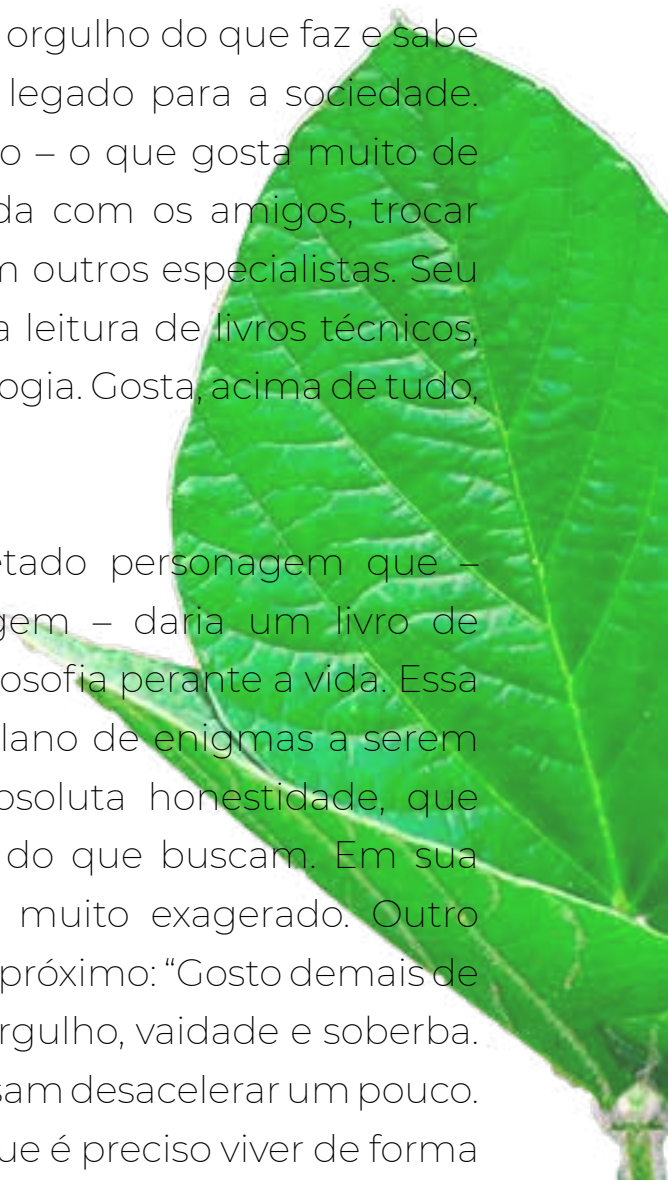
Zé Cláudio ainda é um grande sonhador, um desbravador incansável, e agora visa transformar sua empresa numa corporação transnacional. Quem for visitar o site da empresa vai encontrar uma declaração dele onde sintetiza seu pensamento empresarial. Diz que a JCO é consequência de uma história vivida e de muito respeito ao ser humano e comprometimento com as boas ideias e boas práticas. “Procuramos na natureza, através de suas incontáveis dádivas, microrganismos para produzir de forma mais sustentável e saudável o nosso alimento de cada dia”, assegura.

Zé Cláudio, esse personagem ímpar que se agrega ao panteão dos grandes homens que formaram e formataram a região Oeste baiana, é visto por seus pares como um verdadeiro herói que venceu todas as turbulências que enfrentou. Hoje essa região está economicamente consolidada e atingiu seu equilíbrio natural. Até mesmo, segundo Zé Cláudio, a confiança entre empresas e clientes foi estabelecida, sendo possível até vender confiando no “fio do bigode”. Zé é um positivista e tem certeza que a região Oeste ainda

vai crescer tanto que se tornará padrão para outras regiões do país. Ele não pretende parar. Vai continuar a desenvolver novos produtos e a enfrentar os desafios que o tempo originar. Exemplo é que agora mesmo está investindo no desenvolvimento de matéria-prima biológica para o controle de carrapatos nos animais.

José Cláudio Oliveira é hoje – depois de tantos turbilhões pela vida – um homem tranquilo, pacato como sempre, e cada vez mais pensador. Procura manter-se um cientista criativo e inventivo. Um pesquisador nato. Um especialista por vocação. Tem orgulho do que faz e sabe que vai deixar um excelente legado para a sociedade. Quando não está trabalhando – o que gosta muito de fazer – busca a conversa fiada com os amigos, trocar ideias relativas à sua área com outros especialistas. Seu grande hobby, entretanto, é a leitura de livros técnicos, de economia, sociologia e biologia. Gosta, acima de tudo, de estudar ciências.

Nosso belíssimo e multifacetado personagem que – aplicando uma metalinguagem – daria um livro de aventuras, tem uma franca filosofia perante a vida. Essa vida que o trouxe para um plano de enigmas a serem vencidos. Ele pensa, com absoluta honestidade, que as pessoas precisam menos do que buscam. Em sua opinião o consumismo está muito exagerado. Outro detalhe do seu perfil é amar o próximo: “Gosto demais de gente”, diz. Só não gosta de orgulho, vaidade e soberba. Entende que as pessoas precisam desacelerar um pouco. Que a vida é para ser vivida. Que é preciso viver de forma



apaixonada e se entranhar naquilo que faz; abrir a mente e abraçar as causas possíveis. Ele defende valores como a honestidade, aceitar a diversidade de pensamento, a pluralidade da sociedade e o respeito ao ser humano. Ele valoriza o trabalho, a criatividade, a competitividade e o espírito da sociedade.



É mesmo uma pena estarmos finalizando essa saga, história e enredo. Saiba então que a relação de José Cláudio Oliveira – nosso Zé Cláudio ou JCO – com a vida é muito simples: primeiro pensando em termos científicos e biológicos, admira a complexidade da existência, a teia, a coisa desconhecida, e isso o encanta. A interdependência existencial e até mesmo a questão da ecologia como um todo. Maravilha-se com a ligação que todo mundo tem em termos de organismo de vida.

Puxando pelo lado humano, considera a vida maravilhosa. Reverencia a capacidade de amar, se apaixonar, de querer bem. Contempla o livre arbítrio das pessoas que permite irem se esculpindo, melhorando. Vê, da perspectiva pessoal, que a vida consente, na essência social, poder fazer algo em benefício comum e imaginando uma coletividade mais igualitária, no sentido de todos estarem melhores e não nivelados por baixo. Ele pontifica a necessidade de mais acesso à educação, saúde e tudo o mais para o crescimento social.





A descoberta



Zé Cláudio, como foi dito, é um homem com ampla visão. Uma prova disso foi a sua inesquecível e considerada excepcional decifração intuitiva do “teorema” que era o Trichoderma. Ele, saindo daquela visão química pura. Abrindo outra vertente elucidativa. Isso aí mudou sua vida quando começou a enxergar como um todo o sistema de produção agrícola. Isso mexeu para sempre com ele.

Viu, por exemplo, só para a gente se situar naquilo que foi o seu “Estalo de Vieira”, sua descoberta primal, que o esterco valia pela quantidade de nutrientes que ele tinha por tonelada, comparado com o enunciado de química; não entendia que no esterco o que valia mesmo era a biodiversidade de organismos e eram os microrganismos que havia lá dentro que fazia a diferença. Foi quando entendeu que nós temos mais microrganismos no sistema digestivo do que em todas as células do corpo, que o ser não é único e não é puro, que a gente é um conjunto de vida.

Essa complexidade o deixou encantado e estupefato: saber que não tem nada puro. Saber que, por causa das bactérias, a pessoa pode estar alegre ou triste, que vai produzir mais insulina, mais isso, mais aquilo. Observou que é o bioma que chama; que quando alguém toca a própria pele está tocando num exército de microrganismos que se encontram nessa superfície. A complexidade quando se vê que as árvores se comunicam pelas raízes, “a coisa é linda demais, o mistério da vida. Isso aí que mudou a minha vida, porque eu vi que não tinha nada simples”, diz Zé, emocionado.

Sua vida tem um senão interessante. Talvez pela lembrança da sua passagem conturbada pelas escolas, lá na velha Gravataí, Zé Cláudio, que é católico por registro de batismo, não se enquadra na religião. Apenas reza, falando direto em direção a Deus, sem intermediários, como revela. Ele tem certeza de que Deus o ajudou com vários problemas de saúde que teve de enfrentar,

como, por exemplo, do pulmão. Quando menino, teve pneumonia com terrível falta de ar. Dores horríveis. Problema que o perseguia ainda adulto. A medicina dizendo que os pulmões estavam irremediavelmente comprometidos. Sempre fazendo tratamento para recuperar. Já na Bahia, indo em direção à cidade de Luiz Eduardo, na subida da serra, teve vontade e rezou, pedindo encarecidamente para Deus que concedesse outra doença e deixasse o pulmão bom. Pediu com muita fé. Quando menos esperava, o pulmão estava limpo. Estava curado. Se é milagre ou se foi o tratamento a que vinha se submetendo, vá saber. Mas ele acha que a fé ajudou e muito.

De outra vez, teve problemas com a síndrome de pânico causada por estresse. Lembra que nessa fase crítica estava no aeroporto de Brasília para ir a São Paulo. Só o fato de alguém anunciar no serviço de som que os passageiros tinham de mudar o portão de embarque, entrou em pânico. Era uma viagem fantástica, toda paga pela Bayer para ir à Alemanha. Não teve condição de embarcar. De outra feita, foi de avião para Rio Verde, em Goiás, para um encontro técnico. Foi de avião e voltou de carro. A viagem que duraria duas horas de avião transformou-se em 16 horas em camionete.

O problema se agravava e bastava deitar para ter falta de ar. Medo de tudo. Ele que nunca foi de temer nada. Até mesmo passar num corredor sem janela, na empresa, era um drama. Talvez tudo isso criado pelo fato de ter enfrentado uma fase de estresse muito grande quando,

no período, houve uma grande seca na região, com as pessoas querendo ir embora. Foram anos ruins, os piores. Ninguém vendendo, ninguém comprando nada. Mas enfrentou o problema de frente e a síndrome passou. Puxava pela reza todos os dias. Direto para Deus. E, como um brinde extra, aconteceu o inesperado. Foi quando recebeu o aviso do registro do seu produto o Trichoplus. Também, assim, do nada, começou a chover em toda a Bahia. E aí foi que viu, tendo superado a síndrome, que a coisa toda era de fundo psicológico. Sentiu uma melhora enorme com as novidades. Ele havia levado mais de cinco anos mexendo e remexendo na tentativa de obter o registro dos produtos. Mais um milagre?

Não é que um dia Zé Cláudio aparece com a boca torta. Todos preocupados pensaram logo que tinha sofrido um AVC – Acidente Vascular Cerebral. Não era nada disso e o que aconteceu foi algo inusitado. Foi um choque térmico. Lá estava ele fazendo visita técnica com um grupo de agrônomos no Grupo Horita e os colegas aproveitaram para olhar lavouras; saindo do sol, entraram no ônibus para fazerem diagnóstico das lavouras de algodão, ambiente e outras análises. Era forte o calor. Chegando no interior do ônibus, Zé pegou um copo com água e uma pedra de gelo. Foi beber e sentiu a boca ficar torta. Nos primeiros tempos tinha até problemas para beber água ou comer. Mas, com o tempo, o problema foi quase totalmente sanado. Entretanto, Zé Cláudio, em tom de zombaria, diz para quem pergunta que até hoje não reaprendeu a assobiar. Mas garante que vai conseguir. E quem duvida?



Por falar em viajar, ele cansou de tanto rodar o mundo. Não tem mais tanta vontade. Prefere ficar quieto onde está. Também, ele viajou muito em toda a vida. Não parava. Viajava como assessor técnico, para oferecer assistência técnica aos clientes e para outras questões. Calcula que se juntasse todos os quilômetros percorridos daria 50 voltas no planeta. Foram mais de dois milhões de quilômetros rodados somente dentro do Brasil em 30 anos de atividade profissional. Mas quem vai acreditar que aquele garoto desassossegado arrefeceu seu ímpeto. Com certeza, a agitação usual está somente adormecida dentro do seu ser e a qualquer momento ressurgirá como a mitológica ave fênix, para aprontar alguma coisa nova. Coisas de Zé Cláudio. Aquele que mais prefere falar direto com Deus que passar recado. E que tem imenso respeito e gratidão para com os familiares, amigos, colegas, parceiros e com esse Oeste da Bahia. E que vem ajudando o país e o ser humano com suas ideias e achados.



(Como apareceria na tela de um cinema lá de Gravataí, onde tudo começou).



ANEXO I





A atual estrutura da JCO, em Barreiras, contempla uma área de quase 10 mil metros quadrados com 11 blocos interligados.





Trichoplus



Eficácia na sua lavoura.

A configuração da empresa é estabelecida da seguinte forma:



Setor Administrativo/Financeiro



Setor comercial



Setor de Expedição



Setor Fabril



Setor de Logística



Setor de Manutenção/Metalurgia



Setor de Veículos



Casas de Vegetação





















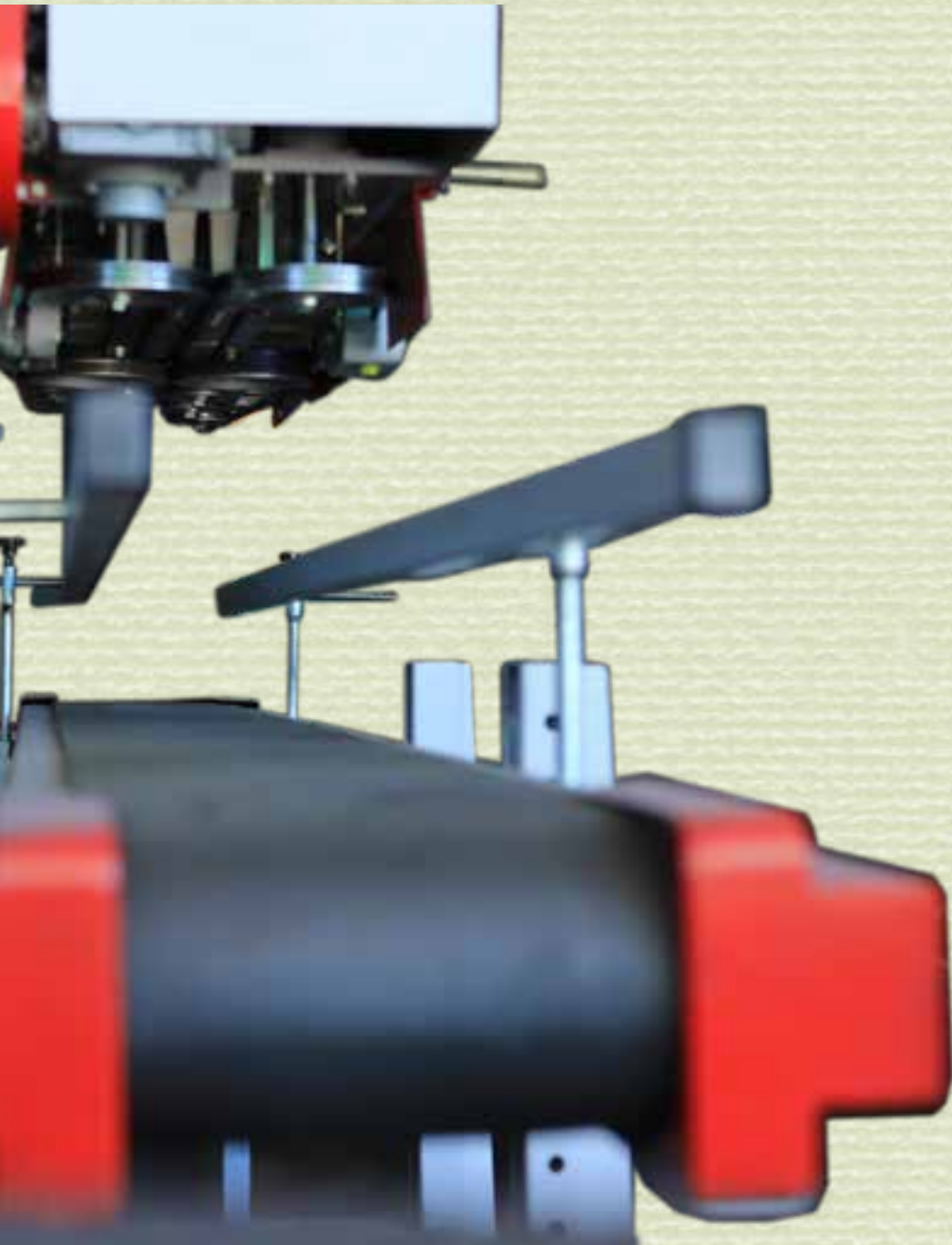








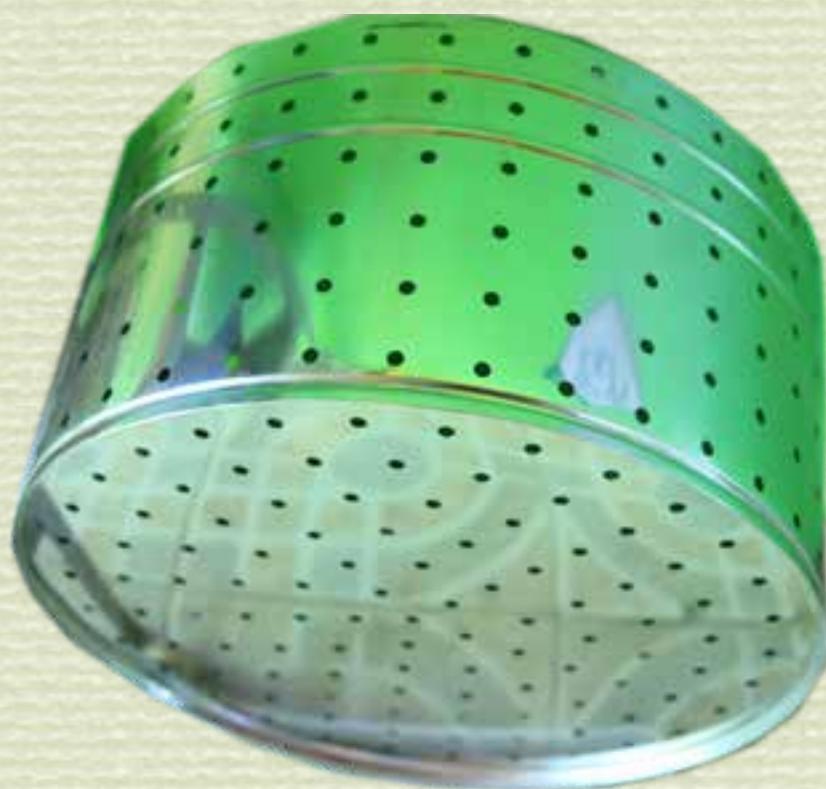
GALERIA DE ARTE

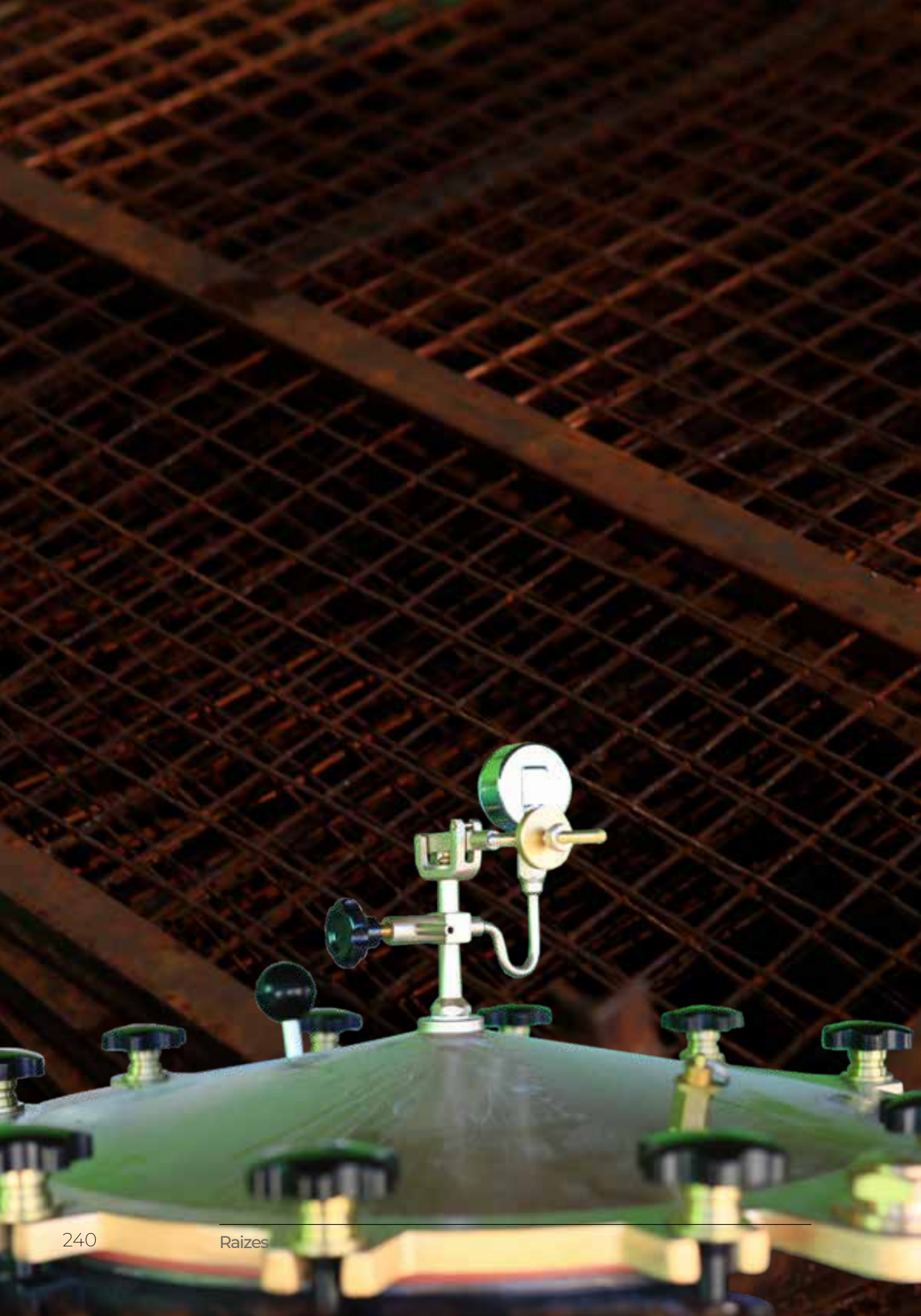


Basta um olhar mais atento na estrutura produtiva, seja mecânica, humana ou conceitual para se perceber que aquilo que não falta na JCO é um mosaico: são detalhes que formam uma verdadeira galeria de arte.







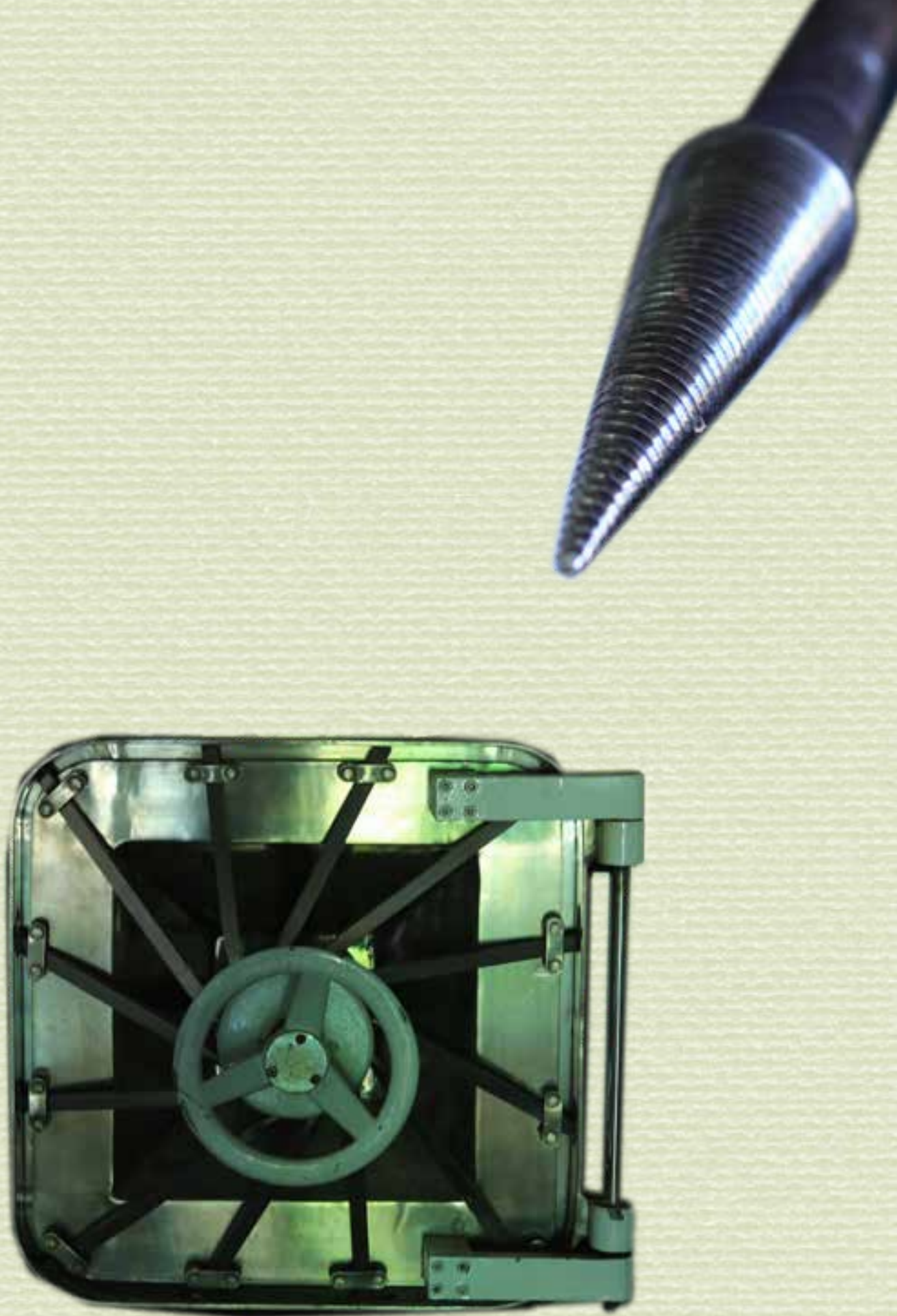










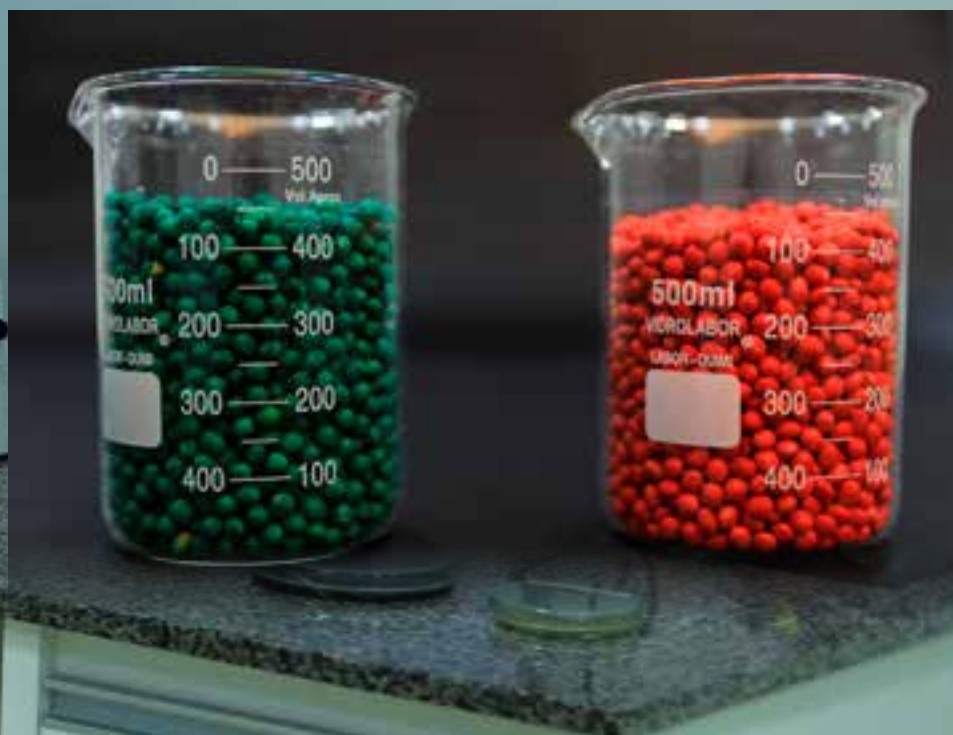




ANEXO II

Para total controle no desenvolvimento dos produtos, eficiência em pesquisas e garantia de qualidade a JCO conta com uma bateria de sete laboratórios. Cada um para determinado organismo. O primeiro para o Trichoderma, e outro para fungos; um para bactérias e actimo bactéria; outro para controle de qualidade; um laboratório de neumatologia; mais um específico para neumatóide de vida livre; outro para Mychorriza, e dois de Clínica de Fitopatolgia. (estando um deles localizado na cidade de Luiz Eduardo)

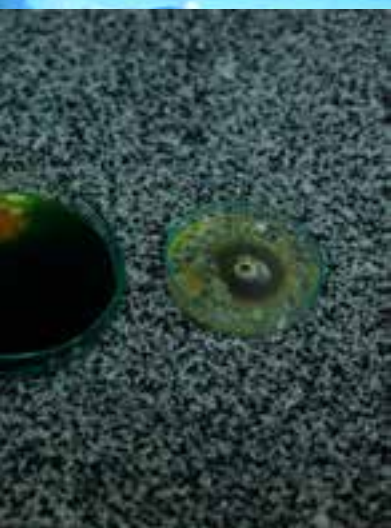


















Raizes









The background of the page is a close-up photograph of a green leaf. The leaf's veins are clearly visible, creating a complex, branching pattern. In the upper right quadrant, there are three distinct yellow stains or marks on the leaf's surface. The overall color palette is dominated by various shades of green, with the yellow stains providing a contrasting focal point.

ANEXO III

A JCO está sempre em busca de evolução técnica e científica. Com a criação de novos produtos atende as demandas do mercado. A JCO também se preocupa também em manter uma relação propositiva e de estreitamento permanente com os seus clientes e parceiros. E não descuida de estar atualizada ou da importante participação em eventos científicos, feiras e exposições.













O futuro está aqui

Também é tempo de se falar do futuro. E ele está sendo preparado, gestado, neste instante através da formação de novas lideranças, capitaneadas pela filha Luciane Oliveira Miller . Graduada em agronomia e mestrado em Plant Science a também CEO da JCO ela estudou na Universidade do Missouri (MU) e hoje assume a diretoria e o Departamento de Pesquisa da empresa.





E, assim, se transformou num inestimável caso de sucesso, a vida daquele menino que tinha o pensamento tomado por imagens de aventuras e de um Brasil grandioso, imenso e belo a ser enfrentado e respeitado. De um brasileiro nato com coração e coragem de desbravador. Um especialista pioneiro.

Homens de visão. Gente do coração

Homenagem é algo que só se faz a grandes amigos ou pessoas que merecem o reconhecimento por algo realizado com caráter especial. A boa homenagem é essencialmente feita perante o público para que possa passar seu aspecto comovente, da importância do gesto; a revelação do agradecimento, do carinho e da admiração por parte de quem homenageia.

É através disso que se pode revelar o quanto as pessoas são queridas por causa das suas ações. Que elas são realmente importantes para quem homenageia.

Dentro desse contexto é importante revelar aqui que nosso personagem não esquece daqueles que estiveram ao seu lado nos momentos mais importantes, dramáticos, críticos ou de realizações. Zé Cláudio fez questão de destacar - numa homenagem material e acima de tudo afetiva - alguns dos seus verdadeiros parceiros em sua longa e comovente saga. Gente que está sempre disposta a ajudar e a trilhar junto para que também os objetivos dos outros sejam alcançados.

Esta galeria destacada nesta obra é a prova do seu reconhecimento. Do valor que seus gestos detêm em seu coração cheio de aventura e agradecimento.

Nossos Homenageados



Zé Cláudio lembra com imensa alegria, e comemora, com o sentimento de pleno agradecimento os 35 anos de relação com o Grupo Horita. Uma parceria efetiva e afetiva.



Paulo Parralego



Ricardo Garcia Leal



Família Kudiess



Zé Cláudio, família Mizote e Luciane



Milton Cesar Zancanaro



Zeev Chalom Horovitz



